

TUPAN, A LENDA DO GUERREIRO-DEUS DO AMAZONAS

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história de Awaru, jovem índio Xavante que se transforma em Tupan - o Guerreiro-Deus. Sua missão é salvar a fauna e a flora da Região Amazônica, lutando contra os poderosos inimigos que destroem este tesouro da Natureza. Awaru herda do guardião das ruínas de Machu Picchu o anel das seis pedras mágicas que lhe dá poderes sobre a água, o vento, as plantas, os animais, a terra e o fogo. O livro retrata a vida de Awaru quando criança e jovem na tribo Xavante e os seus costumes. Assim, começa uma série de divertidas e emocionantes aventuras de Awaru lutando contra os predadores da Amazônia, que envolvem os leitores, ao mesmo tempo em que os conscientiza e inspira na defesa de nossas florestas.

João José da Costa

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Em um lugar bem distante da Amazônia, em uma universidade dos Estados Unidos, começa nossa história.

Servir como voluntário na Universidade de Yellowstone era algo que George Scott adorava fazer. Estudante de arqueologia, George estudava e lia tudo que chegasse ao seu alcance sobre civilizações antigas.

Ele se empolgava com as descobertas, cultura e hábitos dos povos antigos. Isto o ajudava a compreender melhor nossa civilização atual, quer em relação aos seus avanços quer, também, em relação aos seus regressos comparando-se com as civilizações antigas. Estes conhecimentos, igualmente, lhe ajudavam a projetar as tendências das futuras civilizações.

Ele, particularmente, admirava as civilizações pré-colombinas das Américas, sobretudo a Asteca, Inca e Maia.

Lamentava sua desagregação e destruição provocada pelos invasores espanhóis, que impuseram sua cultura sob armas e fulminaram o desenvolvimento natural que estas civilizações teriam. Assim, lamentava:

- Se o Destino tivesse deixado as culturas Asteca, Inca e Maia se desenvolverem naturalmente e não colocasse em seu caminho os temidos invasores espanhóis, a que estágio elas estariam agora? Que espetaculares contribuições poderiam estar dando para a astronomia, matemática, medicina, engenharia e tantos outros ramos do conhecimento humano? Que pena, realmente foi uma pena estas invasões espanholas nas Américas...!

Assim, uma forma de manter contato com estas civilizações era procurar e ler relatos, livros e tudo que pudesse enriquecer os seus conhecimentos.

George era um estudante brilhante e graças a este seu interesse especial, acumulava um nível de conhecimento que despertava admiração de seus professores e colegas de classe.

Não raras vezes, era chamado para dar depoimentos e falar sobre suas descobertas.

Na biblioteca da Universidade de Yellowstone, George se ocupava em arrumar e restaurar livros antigos. Gostava de lê-los, limpá-los, recuperar suas folhas e capas, procurando preservar estes verdadeiros tesouros. Não era fácil achar alguém que gostasse de fazer isto.

Assim, George tinha um tratamento atencioso da Sra. Ingrid, Bibliotecária há muitos anos e muito exigente com todos os alunos quando à ordem e cuidados com os seus livros. Neste aspecto, George tinha o privilégio de livre acesso a todas as dependências e arquivos da biblioteca.

Em um tarde, George teve uma surpresa, que mudaria o rumo de sua vida. Perdida no meio de uma pilha de livros antigos, ainda aguardando o momento para ser restaurado, George encontrou uma pequena agenda com anotações escritas à mão, algumas delas já desvanecidas pelo tempo, que dificultavam sua leitura.

Esta agenda passou a ser a leitura preferida por George, nos intervalos de seu trabalho.

Pode descobrir que a agenda pertencera a alguém com as iniciais HB, que assinava cada folha de suas anotações.

George indagava-se:

- ‘Quem seria o autor das anotações com estas iniciais?’.

Mas, empolgado com as anotações, não deu maior importância a estas iniciais, nos primeiros dias.

Eram anotações datadas a partir de julho de 1911 e George podia ler informações, como:

‘Eu logo me vi diante de ruínas de paredes e edifícios construídos com o mais fino trabalho em pedra pelos Incas. Era muito difícil vê-los uma vez que estavam cobertos parcialmente por árvores e arbustos, que lá cresciam há séculos. Mas, na densa sombra, escondidas entre bambus e trepadeiras, poderiam ser vistas aqui e ali paredes de blocos de granitos brancos, cuidadosamente cortados e estranhamente colocados juntos. Eu perdi minha respiração’.

‘Objetos de cerâmica se espalhavam por vários pontos, além de muitos esqueletos. Esta civilização antiga, a qual os nativos chamavam de Machu Picchu, está localizada a 2400 metros acima do nível do mar e surpreende pela forma de suas construções de pedra em uma colina estreita e desigual, cujas bordas foram abismos de mais de 400 metros de altura’.

George se deslumbrava com tudo o que lia. Lembrava-se, agora, das iniciais HB e mostrava-se curioso e interessado em descobrir o autor de tão importantes anotações.

George, como estudante brilhante de arqueologia que era, sabia muito bem que Hiram Bingham, doutor em filosofia e historiador que atuou na Universidade de Yale, fora o descobridor de Machu Picchu. Mas, nada podia provar que esta agenda de anotações lhe pertencera..

Uma anotação, em especial, chamou a atenção de George:

‘Os nativos contaram uma história estranha sobre um anel das seis pedras mágicas do Imperador Inca Pachacutec. Este anel dava-lhe incríveis poderes sobre os elementos da Natureza. Segundo eles, o poder do anel cortou a fogo os grandes blocos de granito e os levitou uns em cima dos outros. Afirmavam que, sem o anel, nada existiria em Machu Picchu. Naturalmente, não acreditei nesta história contada pelos descendentes dos Incas que me acompanhavam na expedição. Mas, curiosamente, encontrei diversos objetos em cerâmica que traziam desenhos do Imperador Inca Pachacutec com a mão estendida. De um objeto que trazia em seus dedos, raios de fogos saíam e cortavam pedras. Não dei importância a estes relatos e, com certeza, eles eram frutos da imaginação de pessoas que tinham encontrado estes desenhos nas peças de cerâmica, abundantes na região’.

George teve a curiosidade de pegar o livro escrito por Hiram Bingham, ‘A cidade perdida dos Incas’ e o leu atentamente. Entretanto, nenhuma citação sobre o anel das seis pedras mágicas fora feita por Bingham em seu livro.

George ficou muito intrigado:

- Se Bingham fosse o autor das anotações na agenda, por que teria ele desprezado este relato em seu livro?

George procurou pela Sra. Ingrid para falar sobre sua descoberta:

- Sra. Ingrid, veja o que encontrei perdido no meio dos livros antigos da biblioteca!

A Sra. Ingrid pegou a agenda em suas mãos e George acrescentou:

- É uma agenda antiga de anotações assinado com as iniciais HB. Teria pertencido a Hiram Bingham?

- Mr. Bingham? Não posso acreditar! Exclamou a Sra. Ingrid, ao mesmo tempo em que folheava e lia as anotações e complementava:

- Sim, parece autêntica. Por coincidência tem muitas anotações sobre sua expedição quando da descoberta de Machu Picchu. Que fantástico! Vamos mostrar ao Conselho da Universidade e guardar esta relíquia com muito carinho!

- Sra. Ingrid, uma anotação que me chamou a atenção foi sobre relatos dos nativos sobre um anel com seis pedras mágicas, que davam incríveis poderes sobre as forças na Natureza ao Imperador Inca. Porém, Mr. Bingham não mencionou nada a este respeito em seu livro 'A cidade perdida dos Incas. Como a senhora explica isto?

- Bem, George, é difícil afirmar alguma coisa. Porém, Mr. Bingham era um homem de notável formação e procurava escrever sobre fatos para os quais ele tinha bons indícios de veracidade. Se é que ele é o autor destas anotações de fato, muito provavelmente ele não aceitou estes relatos como algo que pudesse merecer maior atenção. Porém, há outra possibilidade....

- Qual Sra. Ingrid? Questionou George visivelmente curioso e ansioso.

- Bem, Mr. Bingham era um homem que estudava e adorava estas civilizações antigas. Talvez ele até possa ter dado algum crédito aos nativos sobre eventuais relatos a respeito do anel com as seis pedras mágicas. Porém, caso ele tenha efetivamente tomado conhecimento destes relatos, ele preferiu não destacar isto em seus relatórios e livros para não provocar uma corrida de aventureiros ambiciosos por riqueza e poder a Machu Picchu e, conseqüentemente, causar mais danos a tão importante patrimônio.

- É isto aí, Sra. Ingrid! Isto poderia explicar o fato de estarem registrados na agenda de anotações estes relatos e, caso seja ele o autor, preferiu não tornar público. E a senhora, acredita na existência deste anel poderoso?

A Sra. Ingrid, sorrindo para George, preferiu não responder à pergunta, retirando-se para o seu escritório. Mas, já ao longe George pode ouvi-la:

- George, em termos de história antiga, eu tenho ouvido de tudo que você possa imaginar!

Este tema e Machu Picchu passaram a ser o foco da atenção diária de George. Ele passou a pesquisar não somente sobre esta cidade perdida, como a história de Mr. Hiram Bingham.

Machu Picchu, a misteriosa cidade dos Incas, mistura o real e o imaginário em doses perfeitas. Desde sua descoberta em 24 de julho de 1911, pelo norte americano Hiram Bingham, Machu Picchu é considerado um dos monumentos arqueológicos e arquitetônicos mais importantes do mundo.

A cidade foi construída a 2.400m de altitude, no topo de uma grande montanha com abismos que chegam a 400m e possui uma área de um quilometro quadrado.

Local considerado pelos Incas como mágico, principalmente por unir os Andes ao poderoso Rio Amazonas, em meio à floresta tropical.

A surpreendente perfeição das construções com pedras encaixadas milimetricamente sem nenhum tipo de material que pudesse uni-las, desperta diversas teorias, como a existência de uma planta que dissolvia e comprimia as rochas dando a elas o formato perfeito para as construções. Mistérios e teorias infundáveis cercam Machu Picchu.

Há quem acredite que se trate de um local sagrado onde jovens mulheres eram treinadas para servir ao Inca e ao Willac Uno (maior autoridade religiosa do império Inca), teoria sustentada pela descoberta de 135 corpos durante explorações arqueológicas, sendo 109 de mulheres. Machu Picchu é uma cidade de mitos e mistérios, escondidos em suas vielas, seu relógio solar, seus terraços que serviam para cultivo de plantas, em suas fontes de água, suas construções centenárias.

Cidade sagrada rodeada de mistérios, porque, até agora, os arqueólogos não puderam decifrar a história e a função desta cidade pedregosa de quase um quilômetro de extensão, construída pelos Incas em uma área mágica onde a região andina e a amazônica se encontram.

Talvez o mistério nunca seja completamente relevado, restando, até agora, somente teorias e conjecturas.

A surpreendente beleza e perfeição das paredes de Machu Picchu, construída pela união de pedra sobre pedra, com blocos que chegam a pesar mais de três toneladas, sem nada de mistura que agisse como vedações entre eles, fizeram surgir mitos sobre como foram construídas.

Um destes mitos conta a história de um pássaro chamado Kak´aqllu que soube da fórmula para amolecer e compactar as pedras através dos deuses antigos incaicos. Outro mito fala de uma planta mágica, que dissolvia as pedras e facilitava sua compactação, que existiu na época.

Outros relatos falam sobre a existência de câmeras e trilhas secretas que possibilitavam aos moradores de Machu Picchu ter acesso à região amazônica, de onde tiravam parte de seu sustento em caças e, principalmente, serviriam como rotas de fuga em caso de invasões.

Quando mais lia e estudava sobre esta mágica e misteriosa cidade perdida, George entendia que os mitos falavam de algum poder maior que explicava como a cidade pode ser construída. E, naturalmente, lembrava-se do anel com as seis pedras mágicas relatadas por Mr. Bingham.

George continuou seus estudos e, finalmente, formou-se com louvor em Arqueologia. Ele estava decidido um dia visitar Machu Picchu e fazer pesquisas sobre estes mitos, em especial, o anel com as seis pedras mágicas. E, igualmente, pesquisar a existência das câmeras e trilhas secretas que davam acesso aos Incas desta cidade à região amazônica.

Apesar das escavações cuidadosas e restauração pelas equipes de Bingham em 1912 e 1915 e mais tarde, por outras expedições as ruínas de Machu Picchu permanecem, em sua grande parte, um mistério.

O sofisticado trabalho em pedra e o caráter religioso de suas estruturas sugerem que o local era utilizado para rituais religiosos e moradia de sacerdotes, apesar de nenhuma prova concreta neste sentido.

A Universidade de Yale já havia patrocinado a expedição de Mr. Bingham a Machu Picchu. O Conselho da Universidade de Yellowstone, sabendo do caderno de anotações deste famoso historiador descoberto por George nos arquivos escondidos da biblioteca, aprovou recursos para que George e seu grande amigo de escola Steve Green pudessem realizar esta expedição. Foi uma forma que a Universidade de Yellowstone encontrou de reconhecer o seu mérito como pesquisador e estudioso,

Era tudo que George e Steve precisavam para dar esta grande mudança em suas vidas e tentar desvendar para a história o mito do anel das seis pedras mágicas e das câmeras e trilhas de acesso ao Amazonas. Em 1960, quatro anos após a morte do famoso explorador, George e Steve iniciaram sua expedição a Machu Picchu.

George e Steve tinham dois grandes objetivos: pesquisar a existência de câmeras e trilhas secretas que possibilitavam aos moradores de Machu Picchu ter acesso à região amazônica e o local onde poderia estar escondido o anel das seis pedras mágicas.

Mas, havia um terceiro objetivo que George tinha em mente:

- Steve, eu penso em aproveitar nossa viagem para pesquisar regiões inexploradas da Amazônia e constatar a eventual existência de animais e plantas pré-históricas.

- Sim, George? E com qual finalidade?

- Eu tenho uma teoria muito particular, talvez mais uma intuição, sobre o desaparecimento em massa dos dinossauros e outros animais pré-históricos.

- George, você com suas intuições! E qual é esta teoria?

- Steve, você sabe que a teoria mais aceita pelos pesquisadores e cientistas é a do desaparecimento em massa destes animais pela queda de meteoros gigantes. Isto teria criado uma camada grossa de poeira que impediu a luz do sol penetrar e dar vida aos animais e plantas, dando início a uma longa idade do gelo.

- É verdade, George. É esta a teoria mais aceita. E você tem alguma outra diferente disto? Mas, que atrevimento!

- Tenho sim, Steve. Ao menos, eu acho que uma segunda teoria deveria ser estudada pelos cientistas e arqueólogos. Mas, como você disse, não me atrevo, ainda, a comentar com ninguém!

- E por que não?

- Eu tenho consciência de que minha teoria despertaria pouco interesse. Ela seria considerada, inclusive, uma afronta a tudo o que já se estudou e se pesquisou a respeito. Talvez, fosse até motivo de risos!

- George, agora você me deixou curioso. E qual é esta sua teoria para explicar o desaparecimento dos dinossauros?

- Steve, veja bem. Não há dúvidas com relação ao início da vida nos oceanos e ao processo de adaptação dos répteis à terra. Mas, eu acredito que

estes répteis começaram a vida na terra em um tamanho bem pequeno. Em um período longo de tempo eles começaram a aumentar de tamanho, lenta e paulatinamente, conforme a água e a vegetação que servia de alimento mudavam em sua composição mineral. Assim, Steve, eu acredito que, à medida que os aspectos geológicos da Terra se alteravam, os répteis mudavam também.

- Bem, é um bom caminho de pesquisa. Afinal de contas, os sais minerais são os responsáveis pelo crescimento, vigor e força do sistema ósseo de qualquer vertebrado.

- Pois é, Steve. Em minha teoria eu acredito que no começo da formação da vida na Terra a água e as plantas eram extremamente ricas em minerais e isto fez com que os répteis aumentassem de tamanho drasticamente. Seus ovos eram pequenos, mas o tamanho e o porte continuaram a aumentar na proporção que as condições geológicas da Terra se alteravam para a água e para as plantas. Assim, quanto mais minerais na água e nas plantas, maior o tamanho dos répteis até que chegaram ao gigantesco tamanho dos dinossauros e outros animais pré-históricos.

- Mas, George, os arqueólogos e cientistas descobriram muitos ossos de dinossauros e outros animais pré-históricos acumulados em uma mesma região. Como explicar isto?

- Steve, muitos eventos geológicos ocorreram, como vulcões e terremotos. Isto seria uma rotina nesta fase da vida na Terra. Nestas ocorrências, a população de dinossauros era seriamente afetada e muitos morreram. Mas, eu não acredito em nenhum fenômeno de extinção em massa dos dinossauros.

- Estou começando a entender sua teoria, George. Os dinossauros aumentaram o tamanho até certo tempo em que as condições geológicas produziram um pico na quantidade de minerais na água e nas plantas.

- Exatamente! Após este pico, quanto menor a quantidade de minerais na água e nos plantas, menor o tamanho dos dinossauros. E este processo, eu acredito, ainda está em curso. Eu vejo a curva da vida dos dinossauros se estender de pequenos tamanhos até gigantesco tamanhos e, posteriormente, o inverso ocorreu.

- Interessante, George. Bem, ela não chega a ser tão maluca assim a ponto de afrontar os arqueólogos ou fazer os cientistas rirem!

- Steve, há alguns anos atrás eu ouvi uma notícia que não chamou muito a atenção dos cientistas e pesquisadores, mas chamou a minha atenção.

- Qual?

- Um evento importante aconteceu em uma fazenda na Austrália onde as vacas e ovelhas começaram a ter um porte maior comparando com as vacas e ovelhas de outras fazendas da região. A razão para este crescimento era a água encontrada em um poço que servia de bebedouro. Esta água tinha uma quantidade bem maior de minerais do que a água das outras fazendas e isto estava causando o crescimento das vacas e ovelhas acima da média. Assim, eu passei a me questionar: ‘Se continuássemos dando um suprimento desta água e plantas ricas em minerais a estes animais e seus filhotes por um período de um milhão de anos, estas vacas não teriam o tamanho próximo dos dinossauros? Portanto, isto não poderia ter acontecido com os dinossauros?’.

Assim, George não acreditava no desaparecimento dos dinossauros - eles teriam mudado de tamanho de pequeno para grande e de grande para pequeno com base nas mudanças dramáticas das condições geológicas da Terra, que produziram níveis de água e de plantas diferentes a cada época com relação à quantidade de minerais.

O fato dos pesquisadores e cientistas encontrarem grandes quantidades de ossos de dinossauros juntos se deveria mais a estes eventos geológicos, os gigantescos vulcões e terremotos que se sucediam em grande intensidade nesta fase da Terra e que dizimaram numerosos grupos de dinossauros.

- Steve, pense bem! Se os dinossauros e outros animais pré-históricos tivessem desaparecidos de uma só vez, como explicar que muitos animais de hoje são considerados seus descendentes?

- É verdade, George. Eu nunca li uma explicação a este respeito.

Mas, George guardava para si esta sua teoria e pediu para Steve não comentá-la com ninguém.

- Steve, dependendo do que eu encontrar na Amazônia, eu vou sim afrontar a classe científica com ela e provocar uma revolução no estudo do desaparecimento dos dinossauros.

O dia de partida da expedição chegou. E lá se foram os dois exploradores.

Por um tempo a Sra. Ingrid recebeu cartas dos dois exploradores. Em uma, eles diziam ter encontrado mais peças em cerâmica que sugeriam a existência do anel com as seis pedras mágicas. Em outra, eles falavam da descoberta uma área inexplorada e que iniciariam escavações.

Outro relatório falava sobre a descoberta de uma área nova com câmeras fechadas com grandes blocos de pedra e que tentariam retirar estas pedras e explorar as câmeras.

As cartas de repente cessaram.

George e Steve nunca mais foram vistos ou encontrados e o seu desaparecimento e suas descobertas permanecem um mistério até os dias de hoje. Na época, os jornais e a comunidades científicas anunciaram o seu desaparecimento. Diversas expedições de resgates foram enviadas a Machu Picchu, sem qualquer resultado.

Muitos anos se passaram. Nunca mais se falou no mistério do desaparecimento de George e Steve...

A Sra. Ingrid, já idosa e aposentada como Bibliotecária, era a única que, às vezes, se lembrava de George e perguntava-se o que teria acontecido com eles. Estariam vivos ou mortos?

Longe da Machu Picchu, no Amazonas, Brasil, em uma aldeia Xavante, a vida seguia seu curso normal, em mais uma rotina diária. Bem, não tão normal assim...

Uma abelha olhava, intrigada, os dois grandes olhos negros à sua frente que se aproximavam cada vez mais em direção à flor onde pousara. Franzindo os olhos, ela armou seu zangão pronto para atacar, deixando bem claro ao intruso que estava muito irritada. O dono dos olhos era Awaru, uma criança Xavante, jovem índio que procurava enfeitiçar a abelha, com os dedos das mãos abertos que apontavam para ela:

- Abelha, abelha, feitiço, feitiço! Vontade de abelha é vontade de Awaru. Ouça e obedeça. Ordeno que você voe para a aldeia e pique Adzé!

A pobre Adzé, alvo da desejada picada da abelha, era a irmã de Awaru, sua irmã.

A abelha começou a voar em círculos, zumbindo, chamando suas companheiras que moravam na colmeia. Era o sinal de perigo para toda a

colméia construída no alto de uma palmeira não longe dali. Em poucos minutos, um enxame de abelhas rodeou a cabeça de Awaru e o atacou. Awaru, apavorado, saiu em grande disparada em direção à sua casa na aldeia, procurando refúgio, seguido por dezenas de abelhas enfurecidas.

A aldeia Xavante era localizada na proximidade de um rio, tendo a forma de uma ferradura, com a abertura voltada para o rio. As casas tinham as portas voltadas para o centro da aldeia.

Em cada uma das extremidades da aldeia se encontravam a ‘Casa dos Adolescentes’.

No centro da aldeia havia uma grande praça central utilizada para as reuniões do ‘Assembleia dos Homens’.

Aí, também eram tomadas as grandes decisões do Conselho dos Anciãos.

Na grande praça central realizava-se mais uma ‘Assembleia dos Homens’ naquela manhã. Os índios Xavantes tomavam as decisões sobre o que iria acontecer no dia e os locais de caça escolhidos. A aldeia seguia sua rotina e eles não desconfiavam o que estava prestes a acontecer. Todos os homens falavam em voz alta e gesticulavam. O cacique dos Xavantes comandava a ‘Assembleia dos Homens’.

De repente, todos pararam de falar assustados com os gritos de uma criança que vinha em disparada em direção à aldeia:

- Pai, mãe, socorro. Acudam-me!

Era Awaru perseguido por dezenas de abelhas que picavam sua cabeça e suas costas.

Awaru procurou refúgio entre os homens reunidos e foi uma confusão e tanto em plena ‘Assembleia dos Homens’. As abelhas se esqueceram de Awaru e se dividiram atacando os Xavantes que procuravam se defender pulando e dando tapas ao vento, gritando apavorados:

- Socorro! Socorro! Abelhas!

Mas, nada adiantava. Foi quando o cacique ordenou:

- Para o rio, para o rio! Corram todos para o rio!

E todos os Xavantes jogaram-se no que cortava a aldeia, permanecendo mergulhados por alguns minutos esperando que as abelhas fossem embora.

Depois de vários mergulhos e com o fôlego quase acabando, os Xavantes puderam sair do rio são e salvos. As abelhas haviam voltado às suas flores. Mas, não antes de darem uma última olhada para localizar Awaru que tinha desaparecido após a confusão.

O dia mal estava começando para Awaru. Ele tinha agora que enfrentar o ‘Conselho da Tribo’ e poderia receber vários castigos. Os Xavantes, todos carregando nos braços e nas costas algumas marcas das picadas das abelhas, procuravam por Awaru.

A casa de Awaru tinha a forma circular e era habitada por seus pais e Adzé. E seria lá que, um dia, Adzé moraria também com seu marido e filhos quando se casasse. Isto aconteceria, também, com Awaru.

A casa tinha uma estrutura de paus e bambus que sustentava o teto de indaiá que descia até o solo. No centro da casa, ao lado do esteio principal, encontrava-se o fogo, quase sempre aceso.

A casa era o reino de Rowe, mãe de Awaru. Ela é quem providenciava a construção do lar, quem preparava e distribuía os produtos obtidos na caça, controlava a lavoura e seus produtos. Dentro da casa, Isahi, pai de Awaru, tinha uma importância secundária.

Ele permanecia quase sempre fora dela, no pátio ou participando das caçadas.

E foi junto a Rowe que Awaru procurou carinho e proteção:

Desculpe-me, mãe! Desculpe-me!

Chorando, Awaru, clamava por remédio para aliviar a dor das picadas das abelhas:

- Remédio, mãe!

Awaru sofria muito e seu rosto e suas costas estavam inchadas e com caroços muito vermelhos. Rowe chamou por seu pai Isahi que estava muito zangado com Awaru e sabia que os Xavantes o estavam procurando.

Isahi falou com Awaru:

- Awaru não é mais um bebê. Awaru é um cabeça-dura teimoso. Awaru é um brincalhão.

Isahi chamava a atenção de Awaru que causava muitos problemas na aldeia.

Rowe entrevistou pedindo calma:

- Calma, calma! Precisamos agora chamar o curandeiro para tratar Awaru. Ele é um bom menino. Vamos! Vá buscar Marubo. Eu não quero que ninguém saiba que Awaru está aqui até ele ficar bom!

Isahi saiu resmungando e foi procurar por Marubo. Do lado de fora Isahi era esperado pelo cacique dos Xavantes, que lhe falou de forma austera e em poucas palavras:

- Awaru precisa falar com o Conselho dos Anciões.

Isahi, respeitosamente, baixou a cabeça em sinal de concordância. Awaru deveria falar com os homens mais antigos da tribo assim que pudesse. Muitas reclamações pesavam sobre ele. Todas envolvendo tentativas de feitiçaria.

E feitiços e magias somente poderiam ser realizadas pelos Xavantes com poder dentro da tribo. Estes homens utilizavam elementos e a força da natureza para curar, invocar os deuses, pedir proteção à tribo, boas colheitas.

Mas, Awaru sentia-se perdidamente atraído pelos atos de magia e feitiço.

Marubo foi finalmente localizado e levado para a casa de Rowe para curar Awaru que ardia em febre e inchava cada vez mais. Ele mal podia abrir os olhos.

Marubo começou seu ritual de curandeirismo. Ele pegou várias folhas secas de diferentes plantas, pedaços de peles de diversos animais e insetos secos, como escorpiões e aranhas, depositando-as em uma pequena tigela de barro.

Apesar de doente, Awaru imediatamente se interessou pelo ritual de Marubo e fazia perguntas que não eram respondidas por Marubo:

- Que folhas são estas, de que plantas? E estes pedaços de peles, são de quais animais? Onde você conseguiu estes insetos secos?

Cansado de tantas perguntas, Marubo deu um tapa na cabeça de Awaru para que ele parasse de fazer perguntas e, em seguida, ateou fogo à estranha mistura. A casa de Rowe foi invadida por uma fumaça preta e com cheiro desagradável, enquanto Marubo orava e cantava. O tempo passou até que o fogo apagou, restando somente cinzas no fundo da tigela.

Awaru, apesar do rosto inchado, conseguiu abrir seus grandes olhos pretos e acompanhar com grande entusiasmo tudo o que acontecia na casa com Marubo.

Marubo esquentou um pouco de água e a jogou na tigela fazendo um chá com as cinzas que restaram em seu fundo e ordenou a Awaru que bebesse tudo.

Rowe respondeu:

- É assim que tem que ser! Em sinal de afirmação e reconhecimento a Marubo. Em seguida, entregou a tigela para que Awaru bebesse todo o chá.

Naquela noite, Awaru teve febre alta, suou muito. Enquanto dormia, Tiemin entrou às escondidas na casa de Awaru para vê-lo. Afinal de contas era sua maior amiga.

Tiemin tocava carinhosamente nos cabelos de Awaru e procurava refrescar sua testa que parecia arder com água fresca que espalhava cuidadosa e lentamente usando um ramo de planta. Awaru dormia profundamente e falava alto:

- Awaru não quer casar com Arararé. Awaru tem amor por Tiemin.

Awaru declarava, em delírio, o seu amor por Tiemin. O coração de Tiemin começou bater forte que saltava em seu peito. Ela tinha uma grande amizade e afeto por Awaru, mas não sabia de seu amor por ela. Assustada, levantou-se apressadamente e se retirou correndo.

Ela não podia pensar no amor de Awaru, não podia. Ela era uma das prometidas para Kuimin, o amigo mais próximo de Awaru. E seus pais já haviam decidido por este casamento. Mas os dias e meses que se seguiram não foram mais os mesmos para Tiemin.

À sua mente, vinha a declaração de Awaru – Awaru tem amor por Tiemin.

Arararé era a jovem índia com quem Awaru poderia se casar por vontade de seus pais.

Mas, a escolha ainda não era definitiva. O compromisso teria ainda que ser aceito pelos pais de Awaru. O casamento deveria acontecer depois que Awaru passasse por todos os rituais de iniciação e se tornasse um adulto jovem.

Sem a menor idéia do que tinha acontecido na noite anterior, Awaru acordou curado na manhã do dia seguinte. Isto fez com que Awaru se empolgasse ainda mais com a arte da magia e do feitiço dos Xavantes.

E já fazia planos para novas tentativas.

- Desta vez vai funcionar. A abelha e o sapo vão me obedecer!

Ainda se espreguiçando na rede, Awaru ouviu Isahi falar com Rowe:

- Rowe, o cacique quer antecipar a reclusão de Awaru na Casa de Reclusão dos Adolescentes. Ele já é quase um adolescente. Deve começar a ser preparado para ser um jovem guerreiro e caçador Xavante, um jovem guerreiro.

Na verdade, Awaru começava a entrar na fase de pré-adolescência e deveria ficar na Casa de Reclusão dos Adolescentes durante o período de iniciação para a adolescência. Na casa ele aprenderia a tradição dos Xavantes. Lá, ele e outros jovens ficariam reclusos por cinco anos.

Durante este período, aprenderiam com seus padrinhos a fazer seus próprios ornamentos, práticas de sobrevivência, como a caça e a pesca, os mitos e tradições da tribo.

Esta reclusão somente se encerraria com a cerimônia da furação de orelhas. Aí, Awaru seria um jovem guerreiro e estaria pronto para a cerimônia de casamento com Arararé.

Awaru retornou à rotina da aldeia, sob os olhares desconfiados e raivosos dos Xavantes, que ainda traziam as marcas das abelhas.

Quieto e procurando recuperar a confiança dos homens da tribo, Awaru foi ao encontro de Kuimin:

- Que está fazendo, Kuimin?

- Awaru, finalmente você apareceu! E é bom você se cuidar por enquanto. Os guerreiros ainda estão muito bravos por causa das abelhas!

- Awaru errou. O feitiço não deu certo. Era para a abelha picar Adzé. Os guerreiros estão certos de ficar com raiva de Awaru.

- Awaru, deixa a pobre Adzé em paz! Olhe! Por que você não começa a preparar seu material para levar para quando você for para a Casa de Reclusão dos Adolescentes. Veja, eu estou fazendo a minha borduna. Depois vou fazer meu arco e flechas.

- Eu ainda sou criança para ir para a Casa de Reclusão dos Adolescentes. E para que eu vou precisar de um tacapeco e de arco e flechas lá? Awaru quer aprender feitiçaria e magia. Awaru não quer aprender guerra ou caça. Awaru quer enfeitiçar a grande onça!

- Ah! Ah! Ah! Ah! Você me faz rir Awaru. Enfeitiçar a grande onça? Ela vai te devorar antes disto! Esqueça isto, Awaru. Feitiços e magias são para os Xavantes adultos. Esqueça isto para o seu bem! Você é forte e corajoso. Vai ser um grande guerreiro! Mas, terá que se preparar para um longo período na Casa de Reclusão dos Adolescentes. Quando você sair de lá como um jovem guerreiro vai poder se casar, ter suas esposas e filhos!

- Kuimin, eu não tenho amor por Arararé. Eu gosto de outra menina índia.

- Awaru, você não pode pensar assim. O noivo é escolhido pelos pais da noiva. Este é o costume dos Xavantes. Kuimin também não tem amor por Tiemin e ela poderá ser escolhida para minha noiva. Eu fiquei sabendo que esta é a vontade dos pais de Tiemin!

Awaru gelou quando soube que Kuimin poderia ser o noivo de Tiemin, a jovem índia por quem sentia grande amor. E Kuimin gostava de outra índia. Quem seria? Ele não quis revelar para Awaru Assim, Awaru lamentava que o costume da tribo tivesse que ser obedecido.

Algum tempo depois, Awaru descobriu que Kuimin tinha amor por Arararé.

O cacique, quando sentiu que a situação estava mais calma na aldeia Xavante, ordenou a reunião do Conselho dos Anciãos para julgar Awaru e os problemas que vinha causando a toda a aldeia com suas tentativas de feitiçaria e magia.

A reunião dos homens mais antigos da tribo decidiria sobre o destino de Awaru

Awaru foi chamado, acompanhado de Isahi, seu pai. Awaru agarrava fortemente o braço de seu querido pai buscando proteção.

Rotina pediu que algumas das vítimas prejudicadas pelas tentativas de feitiço de Awaru falassem e Ouro, uma forte e gordinha jovem Xavante, iniciou pelo seu relato:

- Awaru me deu água para beber dizendo que eu ficaria magra e bonita. Quando eu bebi a água, um sapo entrou pela minha garganta e quase eu morri sufocada!

Awaru baixava a cabeça e procurava se esconder atrás de Isahi. Ele tinha a certeza, naquele dia, que o sapo estava enfeitiçado por ele. E esperava que o sapo atraísse para si toda a gordura de Uhodó, deixando-a magra e bonita. E isto era tudo que ela queria.

- Não sei o que deu errado! Pensava.

O cacique apenas franzia a testa, dirigindo os olhos para Awaru em sinal de reprovação.

A seguir, foi a vez de Waritire:

- Um dia eu quase morri afogada! Awaru me obrigou entrar no rio. Olhando para mim com os olhos arregalados ele falava: Feitiço, feitiço! Waritire quer ser peixe, Waritire vai ser peixe, Awaru vai transformar Waritire em peixe, Waritire vai poder nadar pelos rios e respirar debaixo d'água! Dizendo isto, Awaru mergulhou minha cabeça na água e me segurou por muito tempo. Eu só o ouvia ele falar: Feitiço, feitiço, Waritire peixe, Waritire peixe! Com muita dificuldade consegui me livrar de Awaru.

O cacique, muito irritado, franziu ainda mais a testa. Desta vez, dirigiu seus grandes olhos para Isahi, que ouvia as histórias com muito constrangimento.

Awaru começava a se preocupar. O relato de Waritire repercutiu muito forte no Conselho dos Anciãos.

- Mas, eu só mergulhei a cabeça de Waritire por pouco tempo e ela tinha gostado da idéia de virar um peixe!

A seguir falou Tepi que, ainda, estava muito bravo com Awaru:

- Awaru me convenceu a subir em uma grande árvore, dizendo que eu conseguiria voar. Ele pegou dois filhotes de arara-vermelha e amarrou seus pés nos meus braços, um de cada lado. Awaru dizia que os filhotes de arara-vermelha estavam enfeitiçados por ele. Quando eu estava no alto, Awaru gritou: Tepi grande arara-vermelha. Feitiço, feitiço! Tepi voa como grande arara-vermelha. Tepi eu ordeno, voe, voe! Quando ele disse isto, eu me lancei ao ar e cai como uma pedra no grande rio. Os filhotes de arara-vermelha conseguiram se soltar e voaram. Eu afundei no rio e me agarrei a um jacaré, pensando que era um tronco de árvore. O grande jacaré mordeu minha perna, enquanto, desesperado, eu nadava para a beira do grande rio, com o jacaré atrás de mim querendo comer minha perna!

Isahi abraçou Awaru, enquanto o cacique conversava com o Conselho dos Anciãos. Em seguida, dirigiu-se para eles, gritando:

- Basta! Awaru deve ir para a Casa de Reclusão dos Adolescentes. Esta é a decisão do Conselho dos Anciãos!

O cacique retirou-se muito irritado com Awaru e nem ouviu Isahi dizer-lhe que Awaru ainda não estava na idade de ir para a Casa de Reclusão dos Adolescentes.

Awaru retirou-se correndo para sua casa, procurando por Rowe:

- Mãe, Awaru não quer ir para a Casa de Reclusão dos Adolescentes. Awaru não quer ser um jovem guerreiro.

Rowe procurava acalmar e consolar Awaru:

- Awaru, vai ser bom para você ficar na Casa de Reclusão dos Adolescentes. Isto aconteceria mais cedo ou mais tarde. É nossa tradição. Você vai aprender muitas coisas, como fazer suas armas, como caçar, como se defender. Ele se tornará um verdadeiro Xavante e esquecerá um pouco a feitiçaria. E o mais importante, vai poder se casar com Arararé!

Awaru olhou profundamente para sua mãe Rowe, retirando-se triste, sem dizer uma palavra, com a resignação de ser obrigado a aceitar a tradição da tribo. Por um momento, pensou como seria bom se pudesse escolher Tiemin como esposa.

Entretanto, de um sonho ele não abriria mão - ser tornar um grande feiticeiro e dominar as práticas da feitiçaria e da magia. Este pensamento o dominava de forma incontrolável.

Alguns dias depois, Awaru procurou pelo seu pai, nas vésperas do início de sua reclusão, mais conformado com a ideia.

- Pai Isahi, converse melhor com Awaru sobre a Casa de Reclusão dos Adolescentes. Awaru está triste, infeliz.

- Awaru, todo adolescente como você passa pelo período de iniciação para a fase adulta nesta casa. Os Xavantes constroem a casa de reclusão, que será sua casa por um longo tempo, com muito carinho para abrigar os jovens Xavantes que estão deixando de ser crianças. A nossa tradição tem que ser repassada para os jovens. Quando você for adulto, vai passá-las para os seus filhos e netos. É assim que é feito há muitas e muitas luas. Para nós Xavantes a celebração dos rituais na forma como foram ensinados pelos nossos ancestrais é fundamental para manter viva nossa tradição e cultura. Por isso realizamos o Ritual de Iniciação dos Homens.

- Ritual de Iniciação dos Homens, pai?

- Sim, Awaru, o ritual da iniciação dos homens, que começa com a vivência na casa de reclusão.

Finalmente, chegou o dia em que Awaru iniciaria sua experiência na casa de reclusão. Em sua casa, Awaru, distraído e desinteressado, apanhava alguns pertences pessoais para levar. Foi quando Tiemin se aproximou silenciosa e cuidadosamente:

- Awaru, eu queria desejar-lhe boa sorte na casa de reclusão. Você é jovem e bonito. Sairá um grande jovem guerreiro. Tiemin quer que você seja muito feliz.

Tiemin encostou os eu nariz no nariz de Awaru, se despedindo. E se afastou lentamente, enquanto olhava para Awaru com seus belos olhos negros, escondidos entre os longos cabelos pretos que cobriam parte de seu rosto.

Em uma tarde, Sereburan reuniu todos os adolescentes reclusos no centro da aldeia para uma informação. Ele era o monitor da casa de reclusão.

- Vocês têm participado da luta cerimonial desde quando tinham dois anos. Lutavam uns com os outros, mas eram lutas de brincadeira de

meninos. Mas, como vocês estão próximos da reclusão, na luta cerimonial, que vamos ter daqui a cinco luas, todos vocês vão lutar de verdade. Serão lutas mais intensas e brutais quando os jovens guerreiros poderão mostrar toda sua força e coragem. É nossa tradição que a última luta antes da reclusão seja assim. Após estas lutas, vocês vão iniciar a reclusão. E esta reclusão deverá durar por cinco anos.

As lutas do cerimonial envolviam meninos mais ou menos da mesma idade e de tribos diferentes.

Passadas as cinco luas, o dia da luta cerimonial chegara. Awaru, não estava muito entusiasmado em participar das lutas, mas pintava seu rosto com a ajuda de Rowe.

Agitado, Sereburan organizava aos gritos e disciplina os grupos de meninos das tribos que deviam lutar:

- Adolescentes! Mostrem a sua personalidade e caráter de guerreiro! Não demonstrem medo e dor. Sejam valentes e lutem como verdadeiros guerreiros. Incentivava todos.

Toda a tribo observava os jovens guerreiros nestas lutas. Assim, a comunidade poderia identificar aqueles que seriam os líderes, os guerreiros e a posição na tribo que cada um teria.

Os pais procuravam incentivar seus filhos com gritos e gestos. Na última luta do cerimonial, os meninos maiores, os jovens guerreiros, batiam mesmo! Não ficavam com dó dos pequenos que choravam. Era este o costume.

Assim, a comunidade ia conhecendo cada menino, sua coragem, seus medos, suas fraquezas. Na luta eles se revelavam. Esta era a tradição da tribo que passava de geração para geração.

Quando chegou a vez de Awaru, Isahi e Rowe procuravam dar o seu incentivo. Awaru tinha que enfrentar um jovem guerreiro mais forte e mais alto do que ele. Era uma luta desigual.

Mas, Awaru tinha uma estratégia. Enfeitiçar o jovem guerreiro!

Sereburan deu autorização para o início da luta. Dezenas de lutas anteriores entre os adolescentes já tinham ocorrido.

O jovem guerreiro colocou-se em posição de luta, abrindo os braços para envolver Awaru posicionando o corpo para o ataque.

Awaru procurou fazer o mesmo e os dois ficaram se analisando, dando voltas em círculos. Em certo momento, Awaru partiu para a feitiçaria:

- Feitiço, feitiço! O jovem guerreiro está me vendo gigante e forte. O jovem guerreiro está com medo de Awaru. O jovem guerreiro vai apanhar de Awaru e dormir quando Awaru tocar nele!

Com estas palavras, Awaru tentou um ataque e tocar no jovem guerreiro. Mas, não funcionou. O adversário mais forte abraçou Awaru e, com uma chave de braço, o imobilizou violentamente, jogando-o ao solo, continuando a mantê-lo preso em seus fortes braços.

Awaru sentia dores e estava desesperado. Mas, não podia gritar nem chorar. Isto seria desonroso para um jovem guerreiro. Para seu alívio, Sereburan interviu, tocando nos ombros do vencedor e encerrando a luta.

Para Awaru restou somente a retirada, humilhado:

- Todos vocês verão um dia outro Awaru. Eu vou ter muitos poderes. Vocês vão me respeitar e me temer.

Awaru retirou-se sem ouvir as risadas dos outros adolescentes, seguido de sua mãe Rowe que procurava consolá-lo e apoiá-lo:

- Awaru, você perdeu e isto era esperado. O jovem guerreiro era mais alto e forte. Esta luta somente serviu para você conhecer os seus limites e aprender com um guerreiro mais experiente. Você será um grande jovem guerreiro um dia meu filho.

Terminadas as lutas do cerimonial a reclusão na casa, finalmente, teria início para Awaru, Kuimin e demais adolescentes.

A Casa de Reclusão dos Adolescentes é a casa de aprendizagem de todos os adolescentes homens de uma mesma geração.

Lá, eles serão observados pelos homens mais velhos da tribo chamados de padrinhos.

Será um longo período para que os padrinhos passem aos jovens adolescentes toda tradição, história da tribo, cerimônias, a arte da caça, pesca

e da guerra. A entrada na casa de reclusão marcava a passagem da infância para a adolescência.

Isto significava poder participar em cerimônias e decisões tomadas na aldeia. Poderiam exercer todas as funções de um homem dentro da cultura Xavante.

A tradição Xavante é estruturada em cima do guerreiro homem, isto porque durante toda a história, os Xavantes tinham que defender-se de seus inimigos, para que não fossem invadidos e para que suas terras não fossem tomadas. Assim, o homem era responsável pela sobrevivência de sua família, pelo seu sustento e sua proteção.

Por esta razão a maioria das cerimônias é voltada para o homem, não que eles não se preocupem com a mulher. O Xavante tem uma maior preocupação com a formação dos meninos para que, quando se tornarem homens, eles tenham capacidade de arcar com todas as responsabilidades e deveres defendendo, assim, o território Xavante.

O aprendizado na casa de reclusão era intenso e exaustivo.

Sereburan, um bravo guerreiro, era o monitor dos adolescentes e ele exigia muita disciplina, interesse e obediência. Sereburan era ajudado pelos padrinhos.

- Nas próximas sete luas vocês vão aprender a arte fazer e usar armas, como o arco, flechas, a borduna.

Sereburan levou o grupo para a floresta para mostrar e escolher as melhores madeiras e fibras para a construção das armas tão importantes para a caça e guerra dos Xavantes. Os adolescentes tinham que fazer o trabalho completo. Cortar a madeira, colher as fibras, desbastar a madeira até obterem o arco com a necessária flexibilidade, fabricar as flechas. O trabalho com as fibras para fazer a corda dos arcos era mais delicado, uma vez que elas dariam o impulso às flechas.

O tacape, grande pedaço de madeira dura e redonda, era uma das armas mais contundentes para a caça e principalmente para a guerra.

Em seguida, vinha a parte mais esperada por todos os adolescentes - os exercícios práticos.

- Todos em fila, vamos treinar o arremesso de flechas. Cuidado para ninguém ficar atrás dos alvos. Vocês podem virar caça! Gritava Sereburan, enquanto colocava nas árvores diversos alvos, como pedaços de madeira, frutas de vários tamanhos, esqueletos de animais. E o treinamento começava.

Enquanto Kuimin era mais cauteloso e preferia manter-se mais para o final da fila, Awaru tomava a iniciativa e se colocava como o primeiro da fila.

- Bem, começamos por você, Awaru. Pode atirar suas primeiras três flechas. Você tem que ser rápido e acertar pelo menos uma. Pense que à sua frente tem uma caça, que vai alimentar você e sua família! Se for muito lento, ela foge. Se errar todas as flechas, ela foge! Ensinava Sereburan.

Awaru olhava atentamente para o alvo, concentrava-se, olhava para a ponta da flecha, mirava bem e esticando o arco dizia:

- Feitiço, feitiço! Flecha certa vá e acerte o alvo! Atirando a flecha em seguida.

Mas, o feitiço não funcionava. A flecha, com pouco impulso, caiu na metade do caminho.

Os adolescentes riam de Awaru, enquanto Sereburan gritava bravo:

- Awaru brincalhão, Awaru brincalhão!

Awaru tinha que pegar o final da fila para tentar novamente e isto se repetia muitas vezes.

Os adolescentes que acertavam o alvo por três vezes consecutivas, eram liberados da fila. Os que não acertavam, tinham que ficar na fila para novas tentativas. Kuimin mostrava-se grande guerreiro e era um dos primeiros a atingir os alvos e ser liberado da fila.

Entretanto, Awaru, em via de regra, era o último a ficar no treinamento. Depois de horas e muita ira de Sereburan, Awaru, finalmente, conseguia acertar os alvos por três vezes consecutivas e sem feitiçaria e magia.

Mas, todos gostavam quando Sereburan gritava, dando por encerrado o treinamento do dia.

- Amanhã, vamos treinar o uso da borduna. Finalizava Sereburan demonstrando alguns golpes de borduna.

À noite, somente uma pequena tocha iluminava o interior da casa de reclusão. Os adolescentes haviam se recolhido e conversavam sobre o sucesso de cada um com o arco e flecha. Para variar, riam de Awaru:

- Feitiço, feitiço! Flecha certa vá e acerte o alvo. Ah! Ah! Ah! Ah! Se fosse uma onça gora você não estaria aqui.

Awaru mal ouvia o que eles falavam. Ele preferia colocar uma venda nos olhos e se movimentar dentro da casa de reclusão na mais completa escuridão. Ele para ser como a coruja, enxergar no escuro. Na verdade, esta brincadeira de Awaru começou dar certo.

Após luas e luas de treinamento, quando a casa de reclusão estava na mais completa escuridão, Awaru levantava-se e conseguia enxergar os adolescentes deitados em suas redes. Inicialmente pelos vultos e, depois de muitas noites, até pela fisionomia. Awaru passou a ter a melhor visão noturna entre os adolescentes e procurava impressionar os seus amigos:

- Feitiço, feitiço! Awaru feiticeiro, Awaru enxerga no escuro. Aqui está a cabeça de Kuimin, este é o braço de Kuimin. Falava sinistramente Awaru, enquanto na madrugada andava pela casa de reclusão.

- Awaru, vá dormir! Deixe os outros adolescentes dormir! Esta cabeça é minha, este braço é meu! Respondia Sereburan irritado.

- Bem, nem sempre dá certo! Consolava-se Awaru.

O barulho dos macacos e dos pássaros na floresta anunciava um novo dia e todos na casa de reclusão se preparavam para a primeira refeição do dia, na base de farinha de mandioca e frutas do mato, e para as aulas sobre a borduna.

Sereburan começou o treinamento explicando:

- O arco e flecha são para caça e ataque à distância, quando a caça ou o inimigo estão longe. A borduna é para caça e ataque de perto, quando a caça ou o inimigo estão em sua frente. Por isso, o golpe de borduna tem que ser certo e decisivo, senão você pode não sobreviver. Ou a caça te ataca ou o inimigo te ataca.

Com estas palavras, Sereburan levou o grupo de adolescentes para a floresta para encontrarem a árvore que forneceria a madeira dura e resistente para a fabricação das bordunas.

O tamanho da borduna dependia do tamanho do guerreiro. Geralmente o tamanho obedecia a altura do peito do guerreiro. Cada um procurou fabricar a sua borduna com todo o cuidado e capricho. Entenderam, desde o começo, que se tratava de uma importante arma de caça e de guerra.

Sereburan, ao final, pediu que todos pintassem e adornassem suas bordunas a critério e gosto de cada um. Estas seriam suas marcas na arma.

Feitas as bordunas, o treinamento começou.

Sereburan colocou um grande tronco de seringueira e uma pele de uma queixada, a queixada, dizendo:

- Este tronco é o guerreiro inimigo. Esta pele é a caça. Cada um de vocês vai dar golpes de borduna, derrubando o inimigo ou a caça.

Os adolescentes se colocavam em fila e se preparavam para este importante treinamento para serem futuros guerreiros. Antes, Sereburan mostrava os golpes certos que deveriam ser aplicados, mas não sem antes advertir Awaru:

- Awaru, nada de feitiço, nada de feitiço! Provocando risos dos adolescentes.

Awaru não gostou da brincadeira e comprometeu-se a usar a sua borduna com perfeição e assim o fez.

Olhando fixamente para a queixada Awaru se colocou em posição de guerreiro. Com uma expressão firme e forte, sobrancelhas para baixo, ele levantou levantando a borduna na altura dos ombros. Segurando-a com força, fez o ataque com extrema agilidade, acertando bem no meio do pescoço da queixada, que caiu.

Todos ficaram admirados e aplaudiram Awaru, que ficou imóvel, apoiando-se na borduna. E com a cabeça erguida e ar de orgulho, enquanto ouvia os aplausos dos amigos, ele parecia um verdadeiro guerreiro!

O sorriso de Sereburan demonstrava o seu contentamento, porém não fez menção disto aos adolescentes. Não costumava fazer elogios com facilidade. Achava que isto poderia tornar os futuros guerreiros fracos e dependentes.

E assim prosseguiu o treinamento com aulas de fabricação de adornos, visitas à floresta para escolher as plantas que tinham veneno para as pontas das flechas, as plantas que davam frutos que podiam ser comidos, as técnicas de caça e pesca para cada tipo de animal e peixe.

As noites eram dedicadas para as várias cerimônias e para o aprendizado da cultura e tradição da tribo pelo Conselho dos Anciãos.

Além de continuar praticando para enxergar no escuro, Awaru procurava encontrar teias de aranha na casa de reclusão na escuridão total.

Para isto, desenvolveu uma técnica. Ele segurava uma fina haste de bambu e com ela tocava as teias sem quebrá-las, somente sentido seus delicados fios. Ele aprendeu vendo insetos fazerem isto com suas antenas, desviando-se dos perigos da floresta e da escuridão.

Kuimin, ao contrário de Awaru, se comportava com entusiasmo na casa de reclusão. Aprendeu a ter boa destreza no manuseio do arco e flecha, era um grande caçador, mostrava-se entusiasmado e a tudo prestava atenção, aprendendo com a experiência dos homens mais velhos e sábios da tribo.

E assim, após muitas e muitas luas, o tempo passou.

A vida dentro da casa estava agitada entre todos os adolescentes pela expectativa do término do período de reclusão. Já estava quase terminando o período de cinco anos e os jovens índios já não eram mais adolescentes. Tinham crescido e desenvolvido corpos fortes e saudáveis.

Enfim, eram, finalmente, jovens guerreiros.

Awaru começou a ter estranhas visões.

- Kuimin, eu tenho tido visões em meus sonhos e estas visões estão aparecendo, também, quando eu estou acordado!

- Awaru, será que este longo período na casa de reclusão está trazendo loucura para a sua cabeça? Que visões são estas?

- Kuimin, eu vejo uma cidade muito antiga construída em pedra no alto de grandes montanhas que alcançam o céu! É uma cidade sem ninguém, parece abandonada. Eu vejo um vulto sozinho dentro de uma grande sala escura, sentado, iluminado apenas por uma tocha, uma tocha que está quase se apagando. Esta pessoa canta um canto triste, como se chamasse alguém.

- Awaru, você está bem? Não é melhor chamar por Marubo, o curandeiro?

- Não, Kuimin. Eles vão me castigar novamente. Esta visão é muito real, é algo que me chama e me atrai. Eu a vejo mesmo acordado. Esta cidade e este vulto aparecem ao meio de uma neblina branca, mesmo quando eu estou acordado, me enfeitiçando!

- Awaru, você realmente não tem jeito. O feitiço e a magia tomaram conta de sua cabeça.

O período de reclusão aproxima-se do final

Foram cinco longos anos.

Os adolescentes se preparavam, agora, para a cerimônia de furação de orelha. Esta cerimônia envolve várias fases, desde a preparação dos jovens para a entrada na água, até a sua apresentação para suas prometidas.

Esta cerimônia marca a saída dos jovens que concluíram sua passagem pela casa de reclusão. Eles passam cerca de um mês imersos na água do rio, mais próximo da aldeia, batendo nas águas, sempre acompanhados pelos velhos e padrinhos. Além do poder de purificação e fortalecimento que a água tem para os Xavantes, ela faz com que as pontas das orelhas fiquem amolecidas, permitindo uma melhor perfuração. Lá os adolescentes, muito ansiosos, sentam e, contendo suas emoções e sentimentos, têm suas orelhas furadas pelos padrinhos que utilizam um osso pontiagudo de onça parda. Este osso é substituído por um talo de capim especial. Posteriormente, quando o furo já cicatrizou, é posto um pedaço de madeira feito para esta finalidade.

Sereburan, que liderava estas cerimônias, anuncia para os novos jovens guerreiros:

- Nas trinta luas que se seguirão todos vão para a última etapa de formação do homem, ritual que acontece a cada quinze anos, sendo o espaço cerimonial vedado às mulheres. Todos devem guardar segredo sobre tudo o que viram lá. Durante trinta dias vocês passarão provações, como fome, sede, frio, calor e exposição ao sol, durante o qual são vigiados por um grupo de guardiões.

Ao final deste período, os jovens guerreiros enfraquecidos pelo jejum a ponto de sofrerem desmaios, porém, espiritualmente fortalecidos, já são considerados homens adultos e poderão freqüentar o espaço sagrado

cerimonial. Os jovens agora já são homens e deixam de ser adolescentes para se tornar guerreiros.

Um dia após, conhecem suas noivas, que lhes são prometidas desde a entrada na casa de reclusão. No momento da revelação, os noivos ficam deitados numa esteira, no local onde ficavam na casa de reclusão, aguardando que os pais da noiva as tragam para que se deite ao seu lado.

Tendo isso feito, os jovens guerreiros são finalmente liberados para o convívio social. A noiva se deita ao lado do noivo, e assim é feita a revelação. Porém, o casamento só é oficializado depois que o noivo torna pública a relação de amor entre os dois.

Seguindo este ritual, Tiemin deitou-se, encabulada, ao lado de Kuimin e Arararé ao lado de Awaru, deixando-o, igualmente, encabulado.

Mas, Awaru não confirmou publicamente a relação de amor com Arararé. Tampouco Kuimin confirmou a relação de amor com Tiemin, para aborrecimento e ira dos seus pais e dos pais das noivas.

- Awaru, precisamos conversar sobre isto! Dizia seu pai Isahi, em tom ameaçador.

A cerimônia de casamento prosseguia entre os casais que, publicamente, anunciaram a relação de amor.

A situação de Awaru na aldeia estava lhe causando muito constrangimento, após a recusa de casamento com Arararé. Awaru era apaixonado por Tiemin, mas não competia a ele a escolha.

Alguns dias depois, Awaru participou de uma caçada.

A caçada Xavante é uma atividade restrita aos homens e é responsável pelo fornecimento de proteína para toda a aldeia. A caçada inicia-se com a reunião do Conselho da Tribo, onde os mais velhos definem onde, como e o que caçar.

Todos estranharam a maneira como Awaru se preparou para esta caçada. Ele se abasteceu de água, pegou algumas frutas, pegou suas armas – uma faca, o arco, muitas flechas e a borduna. E ele colocou seu laço na cabeça de guerreiro e levou até a haste fina de bambu, aquela com a qual sentia as teias de aranha no escuro.

Awaru tinha um ar pesado, triste e sinistro. Ele estava decidido a partir rumo ao desconhecido!

A caçada prosseguia na mata e, no alvoroço entre os caçadores, Awaru desapareceu na imensa floresta amazônica. Enquanto adentrava cada vez mais na floresta, sem olhar para trás e com o coração partido e triste, Awaru lembrava-se de suas visões da cidade muito antiga abandonada construída em pedra no alto de grandes montanhas que alcançavam o céu!

Via um vulto de um ancião sozinho dentro de uma grande sala escura, sentado, iluminado apenas por uma tocha, uma tocha que estava quase se apagando. O canto triste deste ancião parecia guiar Awaru pela floresta.

A mata ia ficando cada vez mais agressiva para Awaru. Eram árvores gigantescas, muitos animais e sons diferentes, não via outras aldeias de índios. Mas, Awaru sentia-se atraído e determinado a continuar em sua caminhada rumo ao desconhecido.

Quando parava para pescar e comer algumas frutas, Awaru lembra-se de Isahi e Rowe, suma irmã Adzé.

Sua vida e sua infância começaram a passar em sua cabeça e, cansado, adormeceu aos pés de uma grande figueira branca, abrigando-se entre suas enormes raízes.

Em seu sonho, lembrava-se de fatos de sua vida de criança, os acontecimentos que marcaram a sua infância relatados por Isahi e Rowe:

Aquela noite, na aldeia Xavante, na densidão da imensa floresta, não foi uma noite normal. Uma forte tempestade abatia-se sobre a aldeia, com estrondosos trovões e raios que iluminavam os céus e transformavam a noite em dia.

Marubo, o Pajé, o velho curandeiro e feiticeiro, sentia que isto era prenúncio de um grande acontecimento. Marubo sentia que os deuses e grandes espíritos dos antepassados estavam presentes naquela noite.

Na maloca de Isahi e Rowe, nascia Awaru, o maior e mais forte filho que a aldeia Xavante já havia visto nascer. Os outros meninos Xavantes presentearam Awaru com animais da floresta. Eles acompanhariam Awaru em sua jornada pela vida. O pequeno Awaru, engatinhando, olhava com grande interesse, os filhotes de uma coruja, uma anta, um papagaio e um macaco prego, que passariam a ser os seus grandes amigos.

A maior parte do tempo, Awaru passava brincando com seus amigos, aos quais chamou de Kurrupaco, Huhaha, Uhodó e Kikiki. Awaru crescia forte e grande, sempre acompanhado de seus amigos, mostrando uma espetacular força, inteligência e liderança que, desde pequeno, fizeram com que todos da aldeia o respeitassem e o admirassem.

Awaru não tinha maiores dificuldades em enfrentar os animais da floresta e, certa vez, foi visto encurralando uma onça pintada com um bambu. Huhaha observava da árvore, Kurrupaco bicava a orelha da onça, Kikiki segurava o seu rabo e Uhodó, à distância, com cara de brava, permanecia pronta para intervir.

A convivência de Awaru fazia com que ele aprendesse o significado dos gestos e dos sons de seus pequenos amigos, passando a compreendê-los totalmente.

Para comunicar-se com eles, Awaru imitava os seus gestos e sons. Era comum ver Awaru fazendo gestos e gritar para Uhodó e Kikiki, disputando alguns morangos silvestres, sua fruta preferida.

Awaru, vendo os Xavantes com cocares na cabeça, decidiu que tinha que ter o seu. Sem maior hesitação, arrancou uma pena do rabo de Huhaha e de Kurrupaco. Era o único cocar de índio com duas penas, uma de papagaio e a outra de coruja. Enquanto Awaru exibia o seu lindo cocar de duas penas, Huhaha e o papagaio Kurrupaco estavam muito bravos com ele. Awaru desfilava orgulhoso pela aldeia Xavante com o seu novo cocar. Isto lhe dava o sentimento de segurança e igualdade com os demais, apesar dos demais índios rirem de seu cocar diferente.

Em certa ocasião, Awaru encontrou a pele de uma onça que havia morrido tempos atrás. Cortou a pele e a amarrou sobre os ombros. Com certeza, isto o faria um guerreiro, pensou.

Isahi, vendo Awaru brincar de guerreiro, resolveu fazer para ele um arco com algumas flechas. Isto foi o maior presente que Awaru poderia ganhar. Sou um guerreiro! Gritava de alegria pela aldeia e, com um ar maravilhado, desfilava com o cocar, o arco e flechas e a pele de onça sobre os ombros.

Awaru tinha um ponto fraco. Dormia profundamente quando o seu cocar caía sobre os seus olhos. Por várias vezes, foi visto dormindo em pé, com o cocar de duas penas cobrindo os seus olhos. Era um hábito adquirido desde bebê, quando sua mãe cobria seus olhos com um pedaço de pele para ele dormir.

Awaru era visto, muitas vezes, com o cocar caído sobre os seus olhos dormindo em pé, com as crianças da aldeia rindo e apontando para ele.

Awaru, Huhaha, Kikiki, Kurrupaco e Uhodó estreitavam seus laços eternos de amizade, ora revezando brincadeiras, ora discutindo e brigando. Não raras vezes, Awaru chegava em casa, arranhado e mordido pelos seus amigos, porém sem gravidade.

Awaru, em certa ocasião, quando andava de barco em um rio próximo à aldeia, deixou o cocar cair em seus olhos e dormiu profundamente, deixando o barco aproximar-se perigosamente da cachoeira.

Uhodó, excelente nadadora, foi em seu socorro, puxando o cocar para cima da testa, acordando-o imediatamente. Ao acordar, Awaru gritou: Pororoca, pelas águas do Amazonas, o que aconteceu?

Uhodó e amigos de Awaru decidiram que alguém deveria acompanhar Awaru sempre que possível. Ele poderia morrer em um de seus sonos profundos. Kikiki foi escalado para esta tarefa. Kikiki passaria a viver nos ombros de Awaru a maior parte do tempo, atento para o cocar não cair em seus olhos.

Awaru adorava mel e morangos silvestres e não poupava esforços e coragem para alcançá-los. Nestas ocasiões, quase sempre se metia em encrenca. Uma vez, tirando mel de um abelheiro, foi picado e ameaçado pelas abelhas.

Awaru crescia cada vez mais. Seus pequenos amigos animais permaneciam a maior parte do tempo na floresta, apesar de se encontrarem sempre. Apenas Kikiki permanecia com ele o tempo todo. Huhaha, Uhodó e Kurrupaco o seguiam sempre, escondendo-se na mata.

Já desde criança Awaru sofria e ficava indignado com as notícias que chegavam de todos os mensageiros da aldeia sobre a destruição da floresta, suas plantas e animais, pelos homens maus e ambiciosos. Queimadas, garimpos, madeireiras se espalhavam por todos os lados, reduzindo cada vez mais o espaço tão vital à tribo de Awaru.

A lembrança de infância sobre a destruição da floresta fez Awaru despertar de seu rápido sono. Levantou-se, tinha pressa de continuar em sua expedição pela densa floresta.

Neste momento, Awaru pensou:

- Puxa, que saudades de Huhaha, Uhodó, Kurrupaco e Kikiki. Desde a casa de reclusão perdi o contato com eles. Eles poderiam estar comigo e eu não me sentiria tão só como estou me sentido agora, lamentou.

Awaru seguia o seu caminho obstinadamente adentrando cada vez mais na floresta. Já não podia desenvolver uma marcha normal em virtude do emaranhado de cipós e arbustos que lhe dificultavam a passagem. Suas caminhadas se estendiam até a exaustão, incluindo a noite. Awaru via muitos animais de caça entre os animais silvestres. Mas, apesar de ter sido criado um grande caçador não matava estes animais, que lhe despertavam grande carinho e amizade. Limitava-se a comer peixe, frutas e raízes do mato.

À noite era acompanhado pelo brilho de olhares de bichos escondidos nas árvores. Mas, começou a chamar sua atenção dois pares de olhos que o acompanhavam o tempo todo.

Entretanto, não conseguia ver que animais eram. Seguiam-no permanentemente em suas caminhadas.

Uma bela manhã, quando Awaru abriu os olhos, tinha a seu lado Kikiki e Kurrupaco, seus fiéis amigos, que hesitavam em se aproximar muito de Awaru Talvez, não tinham certeza de que ele era mesmo o grande amigo do tempo de criança. Afinal de contas, Awaru agora era um homem, um guerreiro.

Imediatamente e com um largo sorriso nos lábios, Awaru chamou pelos dois:

- Vem cá Kikiki! Você, também, Kurrupaco!

Ouvindo a voz de Awaru, Kikiki e Kurrupaco pularam nos ombros de Awaru e lá ficaram enquanto ele os acariciava e falava:

- Quanta saudades! Por onde vocês andaram? Porque me deixaram? Onde estão Huhaha e Uhodó?

Kikiki parecia entender Awaru e apontava para a mata e batia as mãos em seu pequeno peito, repetidamente.

- O que você está querendo me dizer, Kikiki? Huhaha e Uhodó se foram?

Kikiki acenava positivamente com a cabeça, repetindo o som igual ao seu nome - kikiki.

- Arrumaram seus companheiros, acasalaram e foram tratar dos filhotes bem longe dos Xavantes, não é mesmo? Isto era de se esperar um dia!

Kikiki voltava a acenar positivamente com a cabeça - kikiki.

Por um momento, Awaru pensou em Tiemin.

- Quem sabe, um dia, voltaremos a nos encontrar e, como Huhaha e Uhodó, formar uma família!

A motivação de Awaru mudou após a chegada de seus dois amigos. Já não se sentia tão só. Uma alegria estampou-se em seu rosto, o que lhe deu fôlego para caminhar com mais determinação na floresta.

Awaru passava por um trecho da imensidão da floresta amazônica com uma vegetação e árvores que não eram conhecidas deles. Alguns animais também lhe pareciam estranhos.

Num certo momento, Awaru avistou uma construção em pedra em forma de pirâmide escondida no meio da fechada vegetação. Era uma construção toda em pedra, parcialmente coberta por grandes raízes de figueiras e trepadeiras. As pedras estavam colocadas umas em cima das outras com grande precisão e capricho.

Na pirâmide não havia janelas, nem portas. Mais duas outras construções, em forma de grandes câmeras, se alinhavam ao lado da pirâmide. Porém, se perdiam quase ocultas, na densa e gigantesca floresta, cobertas de vegetação.

- Estas construções são muito estranhas. Elas devem ter pertencido a alguma civilização muito antiga. Não se parecem com nossas casas. Pensava Awaru.

Mas, sua surpresa não pararia por aí.

A alguns metros da estranha e desconhecida pirâmide, Awaru viu um esqueleto humano, com restos de roupas e um chapéu estranho. Não era um guerreiro.

- Será que eram um habitante desta pirâmide? Mas, onde estariam os outros? Que coisas estranhas são estas?

Awaru recolheu um anel e pegou uma peça que parecia estranha para ele. Ela era feita de metal, prendendo um disco redondo com inscrições e dois ponteiros. Tinham outros objetos nos bolsos do abrigo de couro. Alguns mostravam o rosto de uma pessoa, em pequeno quadrado que lhe parecia uma pele fina.

- Quem seria esta pessoa? Indagava-se Awaru, enquanto via inscrições que não compreendia no quadrado com o rosto do homem.

Curioso, Awaru guardou o anel, o relógio, a carteira de identidade com foto, deixando os demais objetos jogados no chão perto do esqueleto do pobre homem.

Na mesma área, Awaru podia ver árvores de porte gigantesco e se deparou com dois grandes animais que se alimentavam de folhas e frutos no local, movendo-se lentamente. À distância, não aparentavam ser perigosos. Eles se limitavam a olhar para Awaru e retornar aos seus alimentos. Era do tamanho de vinte antas. Awaru parou para contemplar estes dois enormes e belos animais.

- Eles se parecem muito com o bicho-preguiça. Mas, como pode ter chegado a este tamanho? Eles parecem bichos-preguiças gigantes. Que floresta estranha esta!

Awaru prosseguiu em sua caminhada, deixando para trás as construções em pedra das grandes pirâmides, o esqueleto do homem e os bichos-preguiças gigantes. Sentia que estava entrando em um mundo cada vez mais misterioso.

Ao longe, as duas preguiças-gigantes olhavam Awaru desaparecer na densa floresta.

Awaru já andava por mais de 100 luas. Numa tarde, Awaru teve a grande surpresa - descobriu uma trilha escondida no mato, feita de pedras muito antigas. Awaru parou e uma sensação estranha lhe enchia a alma, indagando-se:

- Para onde vai esta trilha? Quem a construiu, tão bem feita com pedras caprichosamente colocadas? Que perigos esta trilha poderia lhe oferecer?

Awaru aprendera que diante da dúvida a melhor atitude é esperar e pensar. E assim procedeu.

Sentou-se perto da trilha, abasteceu-se de água e de frutas, fez uma rápida revisão das armas que levava, enquanto decidia o momento de continuar sua caminhada por esta trilha.

Era algo desconhecido para ele. Questionava-se se daria em uma nova aldeia, como seria os índios de lá e como o receberiam. Poderia ser uma armadilha?

E assim, Awaru passou um dia e uma noite.

Os cantos dos pássaros e sons dos animais da floresta o acordaram logo cedo. Ao seu lado, Kikiki e Kurrupaco ainda cochilavam, quase caindo de seus galhos.

Awaru voltou para o início da trilha, andou por uma distância e pode constatar que há muito tempo ninguém passava por ali. O mato acumulado, as teias de aranha e a poeira que encobria para das pedras demonstravam isto.

Assim, decidiu continuar sua caminhada por esta desconhecida e misteriosa trilha. Sentia, igualmente, uma forte chamada para proceder desta forma.

Seguido por Kikiki e Kurrupaco, Awaru andava lenta e cuidadosamente, abrindo espaço com a sua borduna. Não raras vezes, tinha que usar sua faca para cortar galhos maiores.

Alguns trechos desta trilha eram mais limpos, o que facilita a velocidade da caminhada. Outros mais fechados.

Awaru foi se sentindo confiante e caminhava firme, enquanto penetrava na mais densa floresta, com algumas árvores tão grandes que nunca tinha visto antes. Elas pareciam vigiar e acompanhar os passos de Awaru.

Kikiki, sempre mais atrevido, ia à frente. Kurrupaco preferia descansar nos ombros de Awaru.

Frutas, raízes e peixes não faltavam para todos. Awaru contava as noites, marcando o número de luas em um pequeno pedaço de madeira. Já havia se passado 48 luas, quando:

- Vejam! O que é aquilo no chão? Gritou Awaru recuando assustado.

Kikiki, imediatamente, se aproximou, mexendo em um vulto que jazia no chão. Kikiki não tinha medo de nada na presença de Awaru. Ele se acostumou a ter confiança no amigo que sempre o salvou de situações perigosas.

Awaru se aproximou e pode ver algo que o paralisou por uns instantes. Seus negros olhos se arregalaram entre os seus longos cabelos caídos na testa.

- É um esqueleto de um guerreiro! Que roupas estranhas! Nunca vi nenhum índio assim antes!

Awaru examinava o esqueleto de um guerreiro que ali morrera há muito tempo atrás.

Suas indumentárias mostravam ser um guerreiro de alguma civilização muito distante dali. Tinha sapatos feitos de um couro de animal desconhecido de Awaru. Não levava muitas armas. Apenas uma grande lança e um pequeno machado de pedra. Dois grandes brincos de ouro redondos estavam próximos de sua cabeça. Em volta da cintura tinha um pano com um tecido grosso fixado em tiras de couro.

Enrolado no meio dos ossos das mãos, Awaru pode pegar uma pele com alguns desenhos.

- Parece um mapa! Têm construções, caminhos, trilhas. Parece estar sinalizando o local de uma civilização estranha, com construções todas em pedra!

Awaru sentou-se para examinar melhor este mapa, enquanto Kikiki e Kurrupaco brincavam com os ossos e mordiam o couro dos sapatos do desafortunado guerreiro.

O mapa mostrava claramente uma câmara de pedra, os pontos de referência para encontrá-la, as trilhas que davam acesso a esta antiga civilização. Mostrava, também, um rei com a mão estendida, com raios saindo de um objeto preso ao seu dedo.

Mostrava pontos marcados com caveiras ao longo da trilha e nos corredores de acesso à câmara. Eram seis caveiras no total.

Awaru se perguntava:

- Quem seria este guerreiro? Seria um emissário? Estaria procurando alguém para entregar este mapa? Quem o teria enviado? Há quando tempo partiu para esta missão?

Após uma minuciosa análise no mapa, Awaru pode se situar na trilha e descobrir o rumo que deveria tomar para chegar a esta misteriosa civilização.

Ficou intrigado com as marcas da caveira. Eram seis ao todo. Que perigos elas queriam sinalizar? Ele teria que passar por estes lugares? Um frio de medo correu por sua espinha.

Determinado, Awaru apressou-se em sua marcha, deixando os restos deste guerreiro emissário inerte e desarrumado por Kikiki e Kurrupaco.

Sentia que tudo estava coincidindo com suas visões. Vinha em seu pensamento sua conversa com Kuimin:

- ‘Kuimin, eu vejo uma cidade muito antiga construída em pedra no alto de grandes montanhas que alcançam o céu! É uma cidade sem ninguém, parece abandonada. Eu vejo um vulto sozinho dentro de uma grande sala escura, sentado, iluminado apenas por uma tocha, uma tocha que está quase se apagando. Esta pessoa canta um canto triste, como se chamasse alguém’.

Awaru estava cada vez mais convencido que fora chamado para esta missão por alguém que tinha algo muito importante para lhe dizer. Mas, se isto fosse verdade, o que seria?

Awaru prosseguia em sua marcha por muitas e muitas luas. Até que chegou a um ponto que...

- Kikiki, Kurrupaco, vejam a trilha desapareceu ao meio de uma escuridão total! Será que ela terminou?

Awaru parou por instantes. Seus olhos ainda estavam cegos pela escuridão. Mas, com o passar do tempo começou a enxergar alguma coisa. Awaru tinha treinamento para enxergar no escuro. Podia ver sinais da trilha.

Porém, alguns pontos da trilha desapareciam marcados por quadrados de total escuridão. Awaru percebeu que estes quadrados se intercalavam na mesma distância. Ou seja, os sinais da trilha apareciam e desapareciam a cada quadrado escuro.

- Isto só pode ser armadilhas. Estes quadrados escuros são fossos! Quem cair em um destes fossos talvez nunca mais consiga sair!

Awaru bateu o chão e encontrou alguns pedaços de pedras e, para confirmar sua suspeita, jogou estas pedras nos quadrados escuros e na trilha.

As pedras que caíram na trilha fizeram barulho. As que caíram nos quadrados escuros demoraram a fazer barulho e, após alguns segundos, fizeram barulho de pedra caindo em água.

- São poços de água e são muito profundos!

Awaru não teve dúvida que estas eram as primeiras armadilhas da trilha em direção à civilização misteriosa. Ele somente conseguiria prosseguir na trilha passando por estas aberturas escuras dos fossos de água. Como o tamanho destas aberturas era maior que um passo seu, Awaru decidiu:

- Eu vou saltar sobre estes quadrados escuros! Esta será a melhor forma. Tentar desviar pela mata e retornar à trilha será muito mais complicado e perigoso.

Kurupaco, sentindo o que vinha pela frente, imediatamente deixou os ombros de Awaru, enquanto Kikiki pulava para os galhos das árvores que fechavam a trilha pelas laterais.

Awaru tomou distância e foi saltando os grandes quadrados escuros, em saltos calibrados.

Foram treze longos saltos. Mas, uma surpresa esperava por Awaru Quando saltou sobre o quadrado escuro número 13, Awaru sentiu que seus pés não tinham a trilha para pisar.

Este quadrado era maior que os outros doze. Sentindo a queda para dentro do fosso, Awaru conseguiu se segurar na borda do fosso com uma das mãos. Depois de vários segundos, os pedaços da borda que caíram fizeram barulho na água, mostrando a profundidade do fosso.

Awaru ficou nesta posição por um bom tempo e seu braço já não agüentava mais. Pensou que isto seria o fim. Kikiki e Kurupaco queriam ajudar, mas somente ouviam o grito de Awaru por socorro, mas não o viam.

Kurupaco, então, voou para cima da copa das árvores tão densas que escureciam a floresta e com o seu bico afiado começou a desfolhar uma

pequena parte dela. Depois de um grande esforço, a pequena abertura na copa da árvore permitiu a entrada de um fecho de luz do sol que iluminou parte do fosso e mostrou o local onde Awaru se encontrava. Ele, por sua vez, estava prestes a desmaiar de tanto esforço.

Kikiki pode vê-lo, pulou em sua direção lançando uma ponta de um grosso cipó. Awaru, com muito esforço, agarrou-se a este cipó e conseguiu sair do fosso. Foi sua salvação. Seus amigos o salvaram.

Passado o susto, Awaru constatou que a trilha estava completa novamente e a floresta não estava mais escura.

- Puxa, desta escapamos! Falava Awaru alegre por este primeiro sucesso e agradecendo Kikiki e Kurrupaco pelo ato de bravura.

Olhando no mapa, Awaru confirmou que não estava tão distante da área desta antiga civilização. Mas, na trilha, logo apareceria a razão para a segunda caveira.

O ar estava mais frio. Awaru procurava algo para se proteger e uma pele de anta morta há anos foi ajustada para servir-lhe de capa protetora contra o frio que se intensificava.

Kikiki e Kurrupaco tremiam, estranhando o frio que não estavam acostumados. À noite, procuravam abrigar-se junto a Awaru, que os protegia com a capa.

A trilha começava agora uma subida bastante íngreme. Num certo ponto, a trilha passava no meio de duas paredes muito altas. Awaru seguia firme, apesar do grande esforço que tinha que fazer. Nunca em sua vida tinha andado por caminho com subida daquela forma.

Mas, inesperadamente, teve que parar e recuar. À sua frente, grandes teias de aranhas gigantes estavam armadas. Os seus ferrões eram do tamanho de um dedo de Awaru.

Awaru não teve dúvida que estava diante da caveira número dois. Kikiki ultrapassou as teias abrindo caminhos pelas fendas das paredes e Kurrupaco, que estava em uma situação mais confortável com o seu vôo, também ultrapassou as teias e os dois sumiram por detrás delas. Awaru sentiu sozinho, enquanto olhava fixo para a grande rede de teia de aranhas.

Imediatamente, procurou por uma haste fina de galho. Ele já tivera experiências anteriores com teias de aranha, porém não como estas. Awaru percebeu a melhor maneira de atravessar as teias das enormes aranhas:

- Vou me arrastar lentamente pelo chão, onde posso ver algumas aberturas pelas teias de aranha. Preciso ter cuidado de não tocar nas teias de aranha e provocar vibrações. Isto chamaria a atenção destas grandes aranhas!

As aranhas são muito sensíveis às vibrações das teias. Elas são sinais que insetos e outros animais caíram nas teias e isto significa que seus alimentos chegaram. As aranhas são extremamente rápidas quando sentem uma vibração e imediatamente correm em direção ao ponto da vibração para agarrar a presa e amarrá-la com as teias, fazendo uma bola.

Em seguida, mordem a presa e o efeito do veneno faz com que ela se dissolva por dentro e seja sugada pelas aranhas.

Kurupaco e Kikiki já estavam instalados no alto das árvores e viam Awaru lá embaixo encurralado por grossas árvores e as enormes teias de aranha pela frente. As teias se entrelaçavam, fazendo um enorme e complexo emaranhado de perigosos fios.

Awaru iniciou a travessia, arrastando-se pelo chão e com o olhar fixo nas aranhas. Com sua mão direita levava a fina haste. Algumas teias eram finas e a escuridão dificultava sua visão. Assim, Awaru poderia senti-las com o toque delicado da haste.

A travessia prosseguia bem, com Awaru avançando centímetro por centímetro, arrastando-se pelo chão. Awaru sentia as teias mais finas com a haste que tinha na mão, sem provocar vibrações.

Mas, quase no final da travessia, Awaru esbarrou com os ombros em uma das teias, quando já se preparava para levantar e terminar sua travessia. As vibrações foram sentidas por uma das aranhas que imediatamente se dirigiu ao ponto da vibração.

Awaru se apavorou.

A aranha veio na direção da vibração, mas Awaru ficou imóvel próximo a um grande barranco, agachado e mal respirava. A vibração da teia parou por uns instantes e a grande aranha procurava por todos os lados por sua presa. E, o que é pior, ela ficou parada a alguns passos de Awaru, que estava sem saída e sentia a morte perto.

Awaru via que a continuação segura da trilha estava a poucos metros dele. Mas, tinha que se livrar desta aranha. Qualquer movimento seria fatal. Foi quando ele viu ao seu lado um casco de jabuti e teve uma idéia.

- Vou jogar este casco no meio da teia. Espero que isto chame a atenção desta aranha!

E deu certo! Quando o casco do jabuti bateu na trama de teias, todas as aranhas correram para o ponto de vibração, dando tempo a Awaru para levantar-se e correr em direção à trilha segura.

- Foi por pouco! Desabafou aliviado.

Kurrapaco e Kikiki não deixavam de rir desta situação perigosa de Awaru. Pensavam: Ele sempre adorou o perigo, está encontrando o que procurava!

Awaru consultou seu mapa e seguia na direção indicada. Mas, sabia que logo encontraria o desafio da terceira caveira mostrada no mapa. O que seria?

Awaru prosseguiu na trilha, o frio ficava cada vez mais intenso, já não encontrava frutas silvestres com tanta facilidade. Sentia que estava longe de sua floresta.

Aproveitava para pegar outras peles de animais para se proteger do frio. Com a pele já seca de dois coelhos improvisou dois sapatos. Seus pés estavam congelando de frio.

Não tardou para Awaru se deparar com o terceiro desafio da caveira. À sua frente, um enorme e alto paredão de pedra parecia interromper a trilha. Chegando perto Awaru viu que a trilha desaparecia em uma caverna aberta no paredão e, o que era pior, chamas de fogo tomavam conta de toda a caverna, impedindo a entrada.

Awaru, por uns momentos, pensou que sua missão terminara aí. Não tinha como entrar por esta caverna em chamas. Awaru sentou-se desolado em uma pedra à margem da trilha. Kurrapaco e Kikiki subiram em seus ombros procurando dar apoio.

Mas, uma coisa intrigava Awaru:

- Se o mapa dava continuidade à trilha após esta terceira caveira, isto significava que havia alguma forma de cruzar esta caverna!

Olhando para o alto, Awaru pode avistar que a montanha estava coberta de branco e fazia muito frio.

- O que é esta cobertura branca? Por que é tão fria?

Olhando para Kurrupaco e Kikiki, Awaru decidiu:

- Está na hora de vocês voltarem. Este lugar não é bom para vocês e vocês poderão morrer de frio. Voltem para a aldeia e digam a Isahi, Rowe e Tiemin que Awaru está bem e que voltará um dia.

Levantando-se, Awaru abriu os braços, começou a bater palmas e gritar para que seus amiguinhos entendessem que era chegada a hora deles voltarem.

Kurrupaco e Kikiki estranharam um pouco a atitude de Awaru. Mas, sabendo que ele era o grande amigo, baixaram a cabeça tristes e preocupados e se lançaram na viagem de volta. Seria uma viagem longa e cheia de perigos.

- Espero que eles cheguem bem e consigam transmitir o meu recado para meus pais e para a mulher que amo! Pensou Awaru sentindo-se sozinho e triste.

Ao mesmo tempo, Awaru ria de antever a cena de Kikiki e Kurrupaco tentando explicar toda esta aventura para os seus pais e Tiemin:

- Eu gostaria muito de estar lá e ver como eles vão fazer isto. Vai ser muito engraçado!

Awaru voltou-se para o seu desafio. Sentia que escalar o grande paredão de pedra não seria possível. Entrar pela caverna em fogo seria mortal. O que fazer?

Awaru se aproximou da boca da caverna e teve uma primeira sensação que não havia calor nas chamas. Achou isto muito estranho.

- Este fogo deveria queimar quem se aproximasse muito da boca da caverna. Mas, não. Está frio aqui fora! Que coisa estranha!

Awaru pegou um pedaço de galho seco com folhas e jogou nas chamas da caverna. E, para sua surpresa, viu que não se queimou.

- Isto só pode ser feitiço! Concluiu.

Mas, um pequeno rato que Awaru viu entrar na caverna morreu carbonizado instantaneamente.

E o feitiço se confirmou quando Awaru viu um grupo de morcegos entrarem na caverna.

- É feitiço, é feitiço! Os morcegos não estão vendo o fogo. Eles não se guiam pelos olhos. É este o segredo da terceira caveira! Você não pode ver o fogo!

Awaru, apoiando-se em sua borduna, fechou os olhos e decidiu entrar pela caverna. Arriscaria que este fogo era feitiço e que ele não existia de verdade.

Lenta e cuidadosamente, Awaru iniciou sua caminhada pela caverna, com seus olhos bem fechados e se guiando com a borduna, como fazem os besouros com suas antenas.

Awaru estava certo. Tinha descoberto o segredo da terceira caveira. O fogo não o queimava e ele fez uma travessia segura, sendo incomodado apenas pelas rajadas dos morcegos.

Em dado momento, sentiu a claridade do sol novamente, depois da escura travessia da caverna. Ainda hesitando em abrir os olhos, pensou:

- Esta claridade só pode ser o final da caverna! Abrindo os olhos lentamente.

Para seu alívio, Awaru se viu novamente na trilha. Era começo de uma ensolarada tarde e o sol lhe dava um grande conforto. Awaru aproveitou para reabastecer-se de água e comida.

Ele pescou um peixe no rio próximo com águas muito geladas. Ele até tentou tomar um banho no rio, mas não conseguiu:

- Que água fria! Mas, que rio será este? Que lugar tão estranho será este. Para onde esta trilha me levará? Pensou preocupado.

Awaru teve que comer o peixe cru. Não havia como fazer fogo no local. Após, algumas horas de caminhada e embalado pelo sol acolhedor e a barriga cheia. Awaru adormeceu profundamente às margens da trilha, encostado em uma árvore.

Em seu sono sentiu que estava sendo levado para o alto, como se levitasse lentamente. Sentia grandes laços passarem em volta de seu corpo e o suspenderem para o alto. Pensava até estar no colo de Tiemin. Mas, de repente Awaru acordou e teve uma grande surpresa:

- Estou sendo levado para aquelas plantas carnívoras. Estou preso. Por que fui dormir assim?

Awaru estava diante, sem dúvida, do desafio da quarta caveira. Uma grande planta carnívora, com tentáculos que envolviam o corpo de Awaru, o levava para dentro de uma grande bolsa com uma tampa aberta e pronta para se fechar.

- É uma grande planta carnívora. Ela vai me aprisionar dentro daquela bolsa e se alimentar do meu corpo!

Awaru lutava bravamente, mas não conseguia se livrar dos tentáculos. Pareciam cipós forte que o amarravam.

Os tentáculos da planta carnívora levaram Awaru para dentro da bolsa e a tampa fechou-se enquanto ele se debatia e tentava sair.

Dentro da bolsa, Awaru sentia um líquido pegajoso que o prendia ainda mais, como se fosse uma areia movediça. Ele estava muito complicado nesta situação e ele perdia forças muito rapidamente.

Mas, Awaru ao adormecer havia mantido sua faca presa à cintura e lembrou-se dela a tempo.

Bravamente, lançou-se com a faca contra as paredes da bolsa de absorção, cravando-a e fazendo um corte para saída. A bolsa era muito grossa, mas o líquido pegajoso começava a sair pelos buracos abertos pela faca de Awaru.

Já com os músculos doendo muito, Awaru continuava cortando a parede da bolsa até que conseguiu abrir um buraco que permitiu sua saída, salvando-se. Lançando-se no ar, Awaru caiu na vegetação que o ajudou na queda.

Imediatamente, Awaru pegou seus pertences e saiu correndo deste local. Na trilha, se livrava dos tentáculos de muitas outras plantas carnívoras.

- Nossa, esta é uma floresta de plantas carnívoras! Gritava Awaru, correndo o máximo que podia.

Ele havia passado pelo desafio da quarta caveira.

Sentindo que já estava longe da floresta das plantas carnívoras, Awaru voltou à trilha. A noite fria começava e Awaru procurou por abrigo, desabafando:

- Só faltam mais duas caveiras. Será que vou aguentar? Às vezes penso se não deveria ter ficado na aldeia!

Awaru estava muito cansado e abatido. Procurou abrigo para rever o mapa e descansar por alguns dias. Olhando a trilha pela frente, percebia que teria que iniciar uma escalada de uma montanha muito alta, em direção à poeira branca e gelada e precisaria estar muito bem fisicamente. Isto significaria comer bem e descansar.

Em suas caminhadas por esta nova floresta, Awaru via animais que nunca tinha visto antes e pássaros estranhos para ele. Desconhecia quais os frutos e raízes que podia comer. Mas, como sempre se orientando pelos animais, Awaru foi aprendendo novos hábitos de alimentação. E tratou de fazer uma boa reserva de água e comida. À noite, cobria-se de folhas para abrigar-se do frio:

- Mas, por que será que faz tanto frio nesta floresta! Dizia todo arrepiado.

Alguns dias depois, Awaru retomou sua trilha, iniciando a escalada da grande montanha e em busca da quinta caveira e o curioso e assustado com o desafio que o estaria esperando.

Awaru fazia a escalada bem, seu preparo físico era invejável e ele tinha muita experiência em subir em árvores. Seus braços estavam fortes, como de um verdadeiro guerreiro.

Raramente parando para descansar, Awaru seguia firme. Queria chegar ao topo da montanha onde estava a poeira branca e gelada o mais rápido possível.

Mas, de repente, uma ventania muito forte o arrastava para fora da trilha e o tirando do solo várias vezes. Awaru nunca tinha visto antes ou sequer imaginado que pudesse existir uma ventania assim. Ele agarrava-se em galhos de árvores ou nas pedras.

Mas, a ventania era tão forte que Awaru foi levantado no ar, agarrado com os dois braços e duas pernas ao tronco de uma espécie de palmeira. Awaru e a palmeira voaram velozmente e a ventania fazia rodamosinhos que o deixavam tonto. Às vezes, pensava que iria desmaiar.

Awaru não teve dúvida:

- Esta é a prova da quinta caveira. Mas, onde vamos parar. Para onde esta ventania está nos levando?

Awaru continuou agarrando firme ao tronco da palmeira e fechou os olhos. As pedras e poeira castigavam o seu corpo.

A ventania parecia interminável e a palmeira com Awaru foi levada para cima da montanha. De repente, ela cessou. A palmeira com Awaru caiu com força no chão. Awaru foi arremessado longe e desmaiou.

Awaru ficou assim por algumas horas. Mas, o frio intenso o acordou. Ele estava deitado em um monte de neve branca e gelada. Ele estava roxo de frio.

- Preciso fazer alguma coisa rápido senão vou morrer de frio aqui.

Awaru avistou um bando de um animal estranho, mas que parecia ter uma pele bem quente e que pastava próximo sem sentir frio. Parecia um cervo, mas tinha um pescoço comprido, orelhas grandes e pelos grossos. Não tinha chifres. Awaru pegou seu arco e flecha, escolheu um macho grande e mais velho e mirou no animal.

Precisava dele para sobreviver. Ele não gostava de matar animais deste porte. Sempre preferiu peixes, frutas e raízes. Mas, desta vez, tratava-se de sua sobrevivência.

Na verdade, Awaru tinha se beneficiado da carne e do couro coberto de lã de um Guanaco macho, animal da família do camelo, que vive na região dos Andes.

Awaru esfolou o animal, retirou a pele e cortou alguns bons pedaços de carne para comer. Com a pele, fez uma excelente cobertura para o seu corpo e sentia-se mais aquecido.

De todas as suas armas, só lhe restara o punhal preso à sua cintura e o mapa amarrado com um cordão em seu pescoço. O resto foi-se com a ventania.

- Resta agora a última caveira! Se eu conseguir suportar este último desafio, estarei entrando na civilização das casas de pedra! Pensava Awaru olhando o mapa.

Awaru provava ser um grande guerreiro. Era forte e corajoso. Tinha agora pela frente o seu último desafio.

Protegido do frio com a pele deste animal desconhecido para ele, Awaru olhou para o alto, onde montanhas com grandes cumes o esperavam. Uma longa e íngreme escada cavada na pedra dava continuidade à trilha.

A escada tinha centenas de degraus, que exigiriam de Awaru um esforço extraordinário. Mas, Awaru queria chegar ao cume antes do anoitecer e iniciou a subida dos degraus correndo com grande vigor.

Já no meio do caminho, Awaru olhava para os vales abaixo. Como animal via somente grandes e estranhas águias que não tinham em sua floresta.

Finalmente, Awaru chegou.

Atônito, Awaru avistou a grande cidade de pedra, exatamente como o mapa previa. Pode ver de longe a presença de vários homens estranhos de cara branca. E Awaru se escondeu:

- Como chegaram aqui antes de mim? Será que enfrentaram os desafios das caveiras também?

Mas, os homens brancos estavam com roupas, sem armas, com sapatos. Andavam de lá para cá, conversavam muito, sentavam e olhavam os vales abaixo. Não parecia que tinham passado por qualquer desafio ou perigo.

Awaru já tinha visto muitos homens de cara branca na aldeia, por isso não estava assustado. Somente, não queria ser percebido por eles. Afinal de contas, tinha uma missão a cumprir.

Awaru esperou até que o grupo dos homens brancos deixasse a cidade de pedra ao anoitecer. Ainda com um pouco de claridade do sol, que já se punha no vasto horizonte, Awaru chegou a final na trilha.

Ela dava para uma grande parede de pedra, tendo na frente um canal cheio de água. O mapa mostrava que a trilha dava continuidade para o interior da parede de pedra, onde podia ver assinaladas algumas câmeras.

Mas, como passar para estas câmeras, como mostrava o mapa?

Awaru analisou o canal de água, mediu a profundidade. Encobria um Xavante, mas não era um fosso:

- Acho que estou diante da sexta e última caveira. Se o mapa estiver mostrando uma situação verdadeira, ao final deste canal de água deve ter a abertura que dá acesso às câmeras. Mas, qual será a distância? Terei que mergulhar, mas por quanto tempo? Meu fôlego vai ser suficiente? Se não for, não terei como voltar e morrerei afogado!

Awaru ficou muito hesitante. Mas, sabia que não poderia desistir e voltar. Tinha feito tantos esforços e sentia que o mensageiro havia lhe incumbido de uma missão única e especial.

- Vou mergulhar. A noite está caindo. Não posso esperar mais!

Longe das aventuras de Awaru, finalmente, Kikiki e Kurrupaco estavam de volta à aldeia Xavante e procuravam dar a Isahi, Rowe e Tiemin notícias de Awaru. Eles sabiam que Kikiki e Kurrupaco eram amigos inseparáveis de Awaru, por isso ficaram assustados com a presença deles sem Awaru.

- Onde está Awaru? Perguntou imediatamente Tiemin.

Kikiki e Kurrupaco andavam em fila no chão, olhando para lá e para cá, jogando os braços e as asas para baixo, balançando os corpos mostrando cansaço.

- Ele está andando, andando muito?

Kikiki e Kurrupaco balançavam a cabeça em sinal de concordância.

Kikiki começou a saltar, como saltando por buracos, enquanto Kurrupaco jogava para ele um cipó. Depois, Kikiki começou a arrastar-se pelo chão com dificuldades, enquanto Kurrupaco abria as asas como querendo pegar Kikiki, imitando uma aranha. Em seguida, Kikiki mostrou o fogo que aquecia uma panela de barro.

- Eles estão querendo dizer alguma coisa. Parece que Awaru está enfrentando alguns perigos. Mas ele está vivo? Perguntava Isahi.

Kikiki e Kurrupaco arregalavam os olhos e balançavam a cabeça confirmando que sim.

Depois os dois voltaram a andar em fila no chão, olhando para lá e para cá, balançando os corpos mostrando cansaço.

- Awaru continua caminhando, mas para onde? Indagou Rowe.

Kikiki abriu os braços e Kurrupaco abriu as asas, balançando a cabeça negativamente, mostrando desconhecimento.

- Awaru seguiu sozinho, sem Kikiki e Kurrupaco. Mas para onde foi? Quando vai voltar? E será que voltará? Disse Tiemin preocupada.

Bem, de qualquer forma, Kikiki e Kurrupaco conseguiram transmitir alguma coisa sobre Awaru para alívio de seus pais e Tiemin.

- Awaru bravo guerreiro. Ele vai conseguir voltar! Afirmava Rowe com esperança.

Mãe tem sempre a esperança maior da família.

Bem distante dali, Awaru prosseguia em sua jornada. Ele mergulhou com coragem no canal, nadando o mais rápido possível com vigorosas braçadas. Não sabia a distância do canal, mas queria chegar ao fim o mais rápido possível.

O canal estava sob absoluta escuridão.

Awaru mergulhou por alguns minutos, mas o fim do canal não chegava. Ele já estava ficando sem fôlego e se aterrorizava:

- Será que este era o mortal desafio final para mim? Estou perdendo minhas forças. Acho que não vou conseguir!

Awaru ainda nadou por mais alguns minutos, mas seu ritmo foi diminuindo, diminuindo até que ele desmaiou.

Awaru não soube e nunca saberá, mas neste momento uma corrente de água deslocou Awaru rapidamente para o final do canal, lançando-o na escadaria que dava acesso às câmeras, ainda desmaiado. Ele havia cumprido bravamente sua missão.

Awaru, após algumas horas, recuperou os sentidos. Ainda tonto, abriu os olhos lentamente e se apercebeu que estava vivo e que havia chegado ao final do canal. Mas, não entendia bem como tinha conseguido.

Ele se levantou, confirmou que o mapa ainda estava em seu pescoço e o consultou. O mapa mostrava um longo corredor que terminava em uma grande câmara de pedras.

Mas, estava muito escuro e Awaru mal via o mapa. Mas, prosseguiu caminhando pelo longo corredor.

Neste momento, Awaru teve uma surpresa. À medida que avançava pelo corredor tochas se acendiam iluminando e aquecendo o seu caminho, como lhe dando boas vindas. Awaru encheu o peito de orgulho e coragem e caminhou com passos firmes e garbosos em direção à câmara.

Chegando à porta de entrada da câmara, Awaru se deparou com a cena mais deslumbrando de sua vida. A câmara era alta, tinha grandes vasos e urnas decoradas cheias de ouro e pedras preciosas. Tochas iluminavam o local.

Altas estátuas com guerreiros estranhos segurando lanças enormes pareciam guardar o local. Na parede ao fundo da câmara, um trono com um vulto o esperava, envolvido em um grande manto que lhe cobria parte do rosto. O vulto estava só e Awaru não podia de longe ver seu rosto. Awaru ficou parado, esperando e hesitante se devia entrar, até que ouviu uma voz:

- Caminhe, meu jovem. Você provou ser um bravo guerreiro e merecedor do anel das seis pedras mágicas do Imperador Inca Pachacutec de Machu Picchu. Eu sou Ahirakurã, o guardião do anel. Minha existência nesta câmara desta antiga civilização se encerra com a passagem do anel ao bravo guerreiro. Com este anel você terá superpoderes. Você passou pelas provas das 6 caveiras. Cada uma delas mostrava o poder do anel. Este poder está representando pelas pedras preciosas do anel - o topázio, o poder sobre a terra; a água-marinha, o poder sobre a água; o rubi, o poder sobre o fogo; o diamante, o poder sobre o vento; a esmeralda, o poder sobre as plantas e a ametista, o poder sobre os animais. Você terá o poder de Tupan. A cada situação de perigo ou ameaça que precisar, você deve chamá-lo erguendo o braço direito para o alto, chamando por Tupan e pedindo um dos poderes do anel. O estrondo e clarão de um raio confirmarão o atendimento de Tupan ao seu pedido. Quando quiser ser o jovem guerreiro novamente, erga seu braço esquerdo para cima e o direito para baixo. Quando voltar a ser um jovem guerreiro, uma nuvem de fumaça o esconderá.

Awaru ouvia atentamente sem fazer perguntas e o velho guardião continuava:

- Mas, isto lhe trará uma grande missão. Proteger toda a Amazônia da destruição imposta pelos homens gananciosos e sem escrúpulos, que tudo fazem para ganhar dinheiro. Estes homens estão trocando uma riqueza infinitamente maior por uma menor. Mas, ignoram isto. Não se preocupam com a destruição das florestas, ignoram o mal que isto faz para os outros homens e para as futuras gerações. Se você falhar em sua missão e a

Amazônia for destruída, isto será o início do fim vida na Terra. E será um fim muito triste e doloroso para toda a humanidade. Nós escondemos aqui as riquezas do ouro e das pedras preciosas para mostrar aos homens que a verdadeira riqueza está lá fora, na Natureza.

E o venerável ancião continuava:

- A Amazônia é um presente especial dos deuses. Através dela a humanidade respira, sua flora poderá dar remédios a muitas enfermidades, sua fauna é de uma riqueza e beleza sem igual. Ela manterá a temperatura para que os homens possam viver e purificará o ar para que possam respirar. Mas, muitos homens estão invertendo estes valores e destruindo a Amazônia e optando por destruir a vida.

O velho guardião pediu para Awaru se aproximar e se ajoelhar diante dele. Awaru com muito respeito se aproximou e se ajoelhou.

- Faça o seu juramento que aceita esta grande missão.

Awaru respondeu, repetindo palavras de Ahirakurã.

- Aceito este desafio e me sinto muito orgulhoso de ter sido o indicado para dar continuidade a esta grande missão. Farei o máximo de meus esforços, usarei o máximo de minha sabedoria e justiça para sempre honrá-la. Sinto-me pequeno como jovem guerreiro, mas grande e poderoso como Tupan - o Guerreiro-Deus. Nunca usarei este poder para prejudicar os homens de bem ou para interesses próprios. Guardarei este segredo para sempre.

O velho guardião entregou o anel a Awaru, com estas últimas palavras:

- Meu jovem guerreiro, este anel não lhe dará o poder da eternidade. Porém, quando ficar velho terá que indicar um sucessor, dentro ou fora da aldeia como eu fiz. Quando você receber os sinais da sua natureza que é chegada a hora de passar o anel com as 6 pedras mágicas para outro, você deve se recolher a esta câmara e esperar. Aqui, você terá o poder da eternidade, até que seu sucessor venha ao seu encontro. Exerça este poder com muita responsabilidade e justiça.

E o grande Ahirakurã finalizou:

- Meu jovem guerreiro, você não terá o poder da imortalidade, da onipotência e da onipresença. O anel das 6 pedras mágicas lhe dará poderes

ilimitados sobre a Natureza, mas você continuará sendo um mortal, não terá poderes irrestritos sobre tudo e sobre todos e não poderá estar em vários lugares ao mesmo tempo!

Awaru perguntou:

- Grande Ahirakurã, como Tupan - O Guerreiro-Deus se apresenta? Como ele se parece?

- Tupan assume a fisionomia e o corpo do jovem guerreiro quando adulto. Para não ser reconhecido, esconde-se atrás de uma máscara de ouro com as feições da temida onça, símbolo maior do poder e força da floresta.

Dizendo isto, o velho guardião entregou o anel para Awaru e começou uma transformação, desfigurando-se, virando pó e desaparecendo com um vento que levou suas cinzas para o alto. Ele se encontraria, finalmente, com os seus antepassados e poderia descansar em seu mundo espiritual.

Awaru, ao invés de se assustar, presenciou esta cena com muito respeito e apertava o anel em suas mãos enquanto via as cinzas do velho guardião ser levada pelo vento aos céus que o receberia.

- Um dia eu estarei passando por este momento! Refletiu ele.

Awaru parou para admirar o anel. Era um anel grosso e resistente, em puro ouro. Na parte de cima via seis lindas pedras preciosas. O colocou no dedo da mão direita. Fechou os punhos e parou por uns instantes como ele iria transformar sua vida.

Olhando para os grandes vasos e urnas decoradas cheias de ouro e pedras preciosas existentes no local, Awaru teve a mesma sensação de desprezo de Ahirakurã. Awaru já sabia que os verdadeiros tesouros estão nas belezas e benefícios oferecidos pela Natureza.

Mas, Awaru tinha que voltar para a aldeia. Sabia que poderia contar com o poder do anel para não ter que passar pelos seis desafios novamente e não demorar as 100 luas.

Erguendo a mão direita para o alto, Awaru exclamou:

- Tupan, me dê o poder dos animais e eu ordeno que grandes asas me levem de volta à minha aldeia!

Imediatamente, ouviu-se o estrondo de um raio e o clarão iluminava a câmara e o céu se abriu em seu teto. Awaru, agora estava como o Tupan – o Guerreiro-Deus.

Com as grandes asas da águia, ele voou rápida e tranquilamente até próximo da aldeia Xavante, onde levantou a mão esquerda para o alto e a direita para baixo, reaparecendo atrás fumaça como Awaru novamente.

Awaru esperou o entardecer e dirigiu-se à casa de Isahi e Rowe, seus pais. Foi uma grande surpresa:

- Awaru! Que cabeça dura você é. Onde você esteve todo este tempo? Perguntava Isahi, enquanto Rowe corria para abraçá-lo.

- Mãe, eu me perdi na floresta na caçada com os jovens guerreiros. Achava que poderia achar mais animais para caçar indo mais longe e me perdi. Levou 100 luas para eu achar o caminho de volta.

Isahi não acreditou muito na história de Awaru. Ela sentia que ele estava escondendo alguma coisa, mas estava contente com a volta de seu filho à aldeia.

Tiemin quando soube do retorno de Awaru imediatamente se dirigiu à sua casa.

- Awaru, que bom que você está de volta são e salvo. Senti muito sua falta. Aliás, todos nós sentimos muito sua falta. Awaru é muito lindo! Disse Tiemin encostando o seu nariz no nariz de Awaru em sinal de carinho, achando awaru lindo.

Awaru, apesar de gostar muito de Tiemin, era tímido diante dela e limitou-se a sorrir, baixando a cabeça, envergonhado.

Alguns dias se passaram e Awaru integrou-se novamente à rotina da aldeia. Mas, evitava participar das caçadas e das lutas. Ao contrário, como sempre se sentiu atraído pelos atos de magia e feitiço, ele procurou se aproximar de Marubo.

Marubo já era curandeiro da aldeia por muitos anos e via suas forças diminuírem cada vez mais. Precisava arrumar um Xavante para lhe substituir e gostava muito de Awaru. Sentia que Awaru tinha os dotes e interesse para este papel na tribo.

- Awaru, você é um forte jovem guerreiro e o que mais se interessa em ser o feiticeiro e curandeiro da aldeia. Marubo sente-se cada vez mais fraco e que estará em breve se encontrando com os nossos antepassados. Você tem demonstrado que foi escolhido pelos deuses para ocupar o meu lugar. Isto vai acontecer no futuro. Você tem que se preparar para isto, ganhar mais maturidade e experiência. Você aceita?

Awaru arregalou seus olhos negros e imediatamente respondeu:

- Sim, Marubo. Aceito e gostaria muito!

Awaru, além de gostar muito de feitiços e magia, via que esta atividade lhe permitiria melhor guardar o seu segredo e melhor exercer sua ação como o Tupan - o Guerreiro-Deus.

Marubo passou os dias restantes de sua vida ensinando Awaru tudo o que sabia sobre magia e curandeirismo. Sabia que sua morte estava próxima. Awaru demonstrou muita facilidade em aprender o que Marubo lhe ensinava.

Awaru acompanhava Marubo na cura dos homens e mulheres da aldeia que o procuravam. E para cada doença, Marubo tinha um remédio feito à base das plantas medicinais existentes na mata.

Na maloca, em um só dia, Awaru pode acompanhar o trabalho intenso e de grande responsabilidade de Marubo. Entrou um Xavante adulto, com muita tosse que mal podia falar. Marubo preparou um xarope de casca de copaíba e recomendou ao índio que tomasse duas vezes ao dia, por cinco dias.

Em seguida, Marubo atendeu um adolescente ferido com cortes e arranhões. Adolescentes são assim mesmo, se machucam com muita facilidade. Marubo fez fricção com óleo de andiroba e pediu para o adolescente que voltasse no dia seguinte para nova aplicação.

Awaru presenciou também uma cena da mãe de um bebê no colo, com diarreia e ela estava muito aflita com esta situação. Marubo viu o bebê que estava com a pele seca e desidratada. Marubo teve sucesso no tratamento com chá da raiz de açaí, após cinco luas.

No final do dia apareceu um ancião, aparentando muito desânimo e com dor de cabeça. O Xavante ancião parecia perder a vontade de viver. Marubo preparou para ele uma bebida com pó de guaraná. Dias depois, o ancião estava até participando das caçadas.

Marubo usava o chá de folhas de pariri para anemia e limpar feridas. Era comum aparecerem bebês e adolescentes com dores de ouvido. Marubo já sabia o remédio certo, aplicava gotas de óleo do cumaru nos ouvidos.

Marubo combatia as lombrigas da barriga com caxinguba e usava muitas outras plantas extraídas da rica região amazônica, que abriga 50% da biodiversidade do mundo! Awaru sabia que lá poderia encontrar a cura para muitas outras doenças.

Awaru se encantava com tudo isto. Realmente era sua grande vocação desde criança:

- Marubo, serei um grande pajé um dia! Exclamava com alegria e motivação.

Mas, Awaru era ainda muito jovem e tinha um espírito de criança. Gostava de brincar, caçar, nadar e ajudar na aldeia nas festas e lutas esportivas.

À noite, quando se recolhia à sua maloca, segurava o anel sagrado e lembrava-se do velho guardião Ahirakurã.

Awaru foi percebendo, cada vez mais, que a destruição dos homens estava muito próxima da aldeia, assustando a caça, poluindo os rios. Um garimpo, desmatando e poluindo os rios, era observado por Awaru do alto de uma árvore.

Porém, não tinha, ainda, se utilizado de seus poderes. Até que um dia...

Awaru levantou-se assustado com os gritos que vinham de toda a parte da aldeia: Fogo! Fogo!

Uma queimada distante provocada por garimpeiros havia iniciado um incêndio na mata que vinha em direção à aldeia. Awaru pode pela primeira vez ver, sentir e cheirar o terrível efeito do fogo na floresta.

Os animais procuravam desesperadamente abandonar os locais. Alguns conseguiam se refugiar na mata ainda não queimada. Outros, principalmente os filhotes morriam carbonizados no inferno de fogo.

A vegetação, as árvores, tudo era queimado rapidamente. Bromélias, abrigo para espécies raras de sapos, caíam em brasa dos troncos das árvores. Os répteis, como cobras, sapos e lagartos, eram os mais sacrificados devido à sua impossibilidade de correr rapidamente e voar.

Muitos cervos e outros animais, perdidos e assustados, corriam na direção do fogo e morriam. Onde o fogo passava era só destruição e morte. Awaru estava chocado. Via a beleza de sua floresta, com toda a riqueza de sua biodiversidade, ser destruída. Orquídeas, plantas medicinais, árvores seculares, ninhos e tocas de animais silvestres tudo virando cinza pelo fogo causado por garimpeiros cruéis e ignorantes.

Awaru, pela primeira vez, fazia sua intervenção. Rapidamente correu para sua maloca, colocou o anel sagrado em seu dedo e levantou seu braço direito com o punho fechado para o alto e gritou:

- Tupan!

Um raio atingiu a maloca, surgindo o espetacular Tupan, o Guerreiro-Deus. Tupan, olhando para a queimada gritou:

- Pelo poder de Tupan, eu ordeno que chova e a água apague este fogo!

Em segundos, um forte temporal se abateu sobre a mata por horas. O fogo apagou em toda a floresta, protegendo a aldeia. Os rios próximos subiram pelo aumento da água do forte temporal e uma corredeira de água desceu rio abaixo.

No garimpo, os gananciosos e cruéis garimpeiros que atearam fogo na mata comemoravam a abertura de mais espaço para continuar com suas escavações criminosas. Eles buscavam por ouro e abriam grandes buracos às margens do rio. Mas, esta alegria foi interrompida pela enxurrada que descia rio abaixo em direção ao garimpo. A forte correnteza das águas levou consigo os garimpeiros, suas ferramentas, suas barracas. Naquela parte da floresta não ocorreria mais garimpagem.

Na aldeia, os gritos de alegria se ouviam de toda parte. Os índios comemoravam e gritavam, chamando: Tupan, Tupan, Tupan.

Tupan, o Guerreiro-Deus Tupan desaparecia envolto em uma nuvem de fumaça, reaparecendo Awaru.

Na maloca, levantando-se atordoado, Awaru não se lembrava exatamente o que havia ocorrido. Ouvia os gritos de alegria dos amigos chamando por Tupan, que correram em sua direção para contar o que havia acontecido. Awaru, num discreto sorriso, preferiu manter-se em silêncio, guardando o seu segredo.

Levaria muitos anos para aquela área devastada recuperar suas riqueza e beleza. Mas, a Natureza tem muita paciência. Jogaria novamente as sementes de suas plantas, flores e árvores. Os pássaros e outros animais silvestres que se salvaram teriam mais filhotes que um dia ocupariam aquela parte da floresta após sua recuperação.

Com o tempo, as flores das orquídeas e bromélias estariam agarradas nos troncos das árvores, enfeitando a vida novamente.

Mas, isto levará de 10 a 30 anos. Todos nós teremos que esperar...

Awaru sentiu que o mistério dos poderes transferidos a ele pelo guardião e o anel sagrado, teria que ser mantido em segredo e o anel guardado em um lugar seguro e secreto.

- Vou procurar um esconderijo seguro na mata o mais rápido possível, pensou Awaru, dirigindo-se às trilhas que davam acesso à densa floresta.

Após horas de procura, Awaru avistou um enorme Jequitibá, com um diâmetro que somente poderia ser abraçado por 12 homens, crescido ao meio de grandes pedras.

- Este será o local que abrigará o esconderijo de Tupan - O Guerreiro-Deus. Concluiu Awaru, disposto a cavar uma pequena caverna abaixo das pedras que daria acesso ao interior do grande tronco do Jequitibá.

Awaru concluiu o trabalho depois de várias ausências misteriosas da aldeia. Todos indagavam: O que Awaru estará fazendo desta vez?

O esconderijo ficou muito bom. A entrada da caverna abaixo das pedras ficaria fechada com uma pesada pedra redonda. O interior do tronco do Jequitibá foi cavado com muito cuidado para formar uma pequena e confortável sala, porém sem danificar a majestosa árvore.

Awaru abriu um pequeno buraco, abaixo de um grande galho, onde poderia observar a movimentação do lado de fora e para permitir a entrada de ar. Lá, Awaru guardaria o anel sagrado e ficaria escondido. O pegaria toda vez que fosse necessário.

Com o passar do tempo, Awaru equipou seu pequeno esconderijo com um banco para sentar, suporte para rede, local para pote de água e alimentos.

Awaru sentia-se protegido e muito bem em seu esconderijo. Colocado em uma pedra de granito, permanecia o anel sagrado que, agora, teria um lugar definitivo e seguro para ser guardado. A pedra de granito transformou-se em uma pedra do mais puro cristal graças à força mágica do anel.

Tiemin era a melhor amiga de Awaru e andavam sempre juntos, conversavam, brincavam e riam bastante. Tiemin notou uma transformação em Awaru e um ar de mistério em seu comportamento e passou a ficar muito intrigada, principalmente com suas ausências misteriosas da aldeia.

Um dia, Tiemin resolveu acompanhar Awaru de longe em sua fuga para a mata, escondida em uma trilha, sem que ele pudesse perceber.

Em dado momento, Tiemin viu Awaru dirigir-se às grandes pedras e desaparecer. Tiemin ficou assustada e muito curiosa sobre o que poderia ter ocorrido a Awaru. Algumas horas mais tarde, quando viu Awaru na aldeia, ela foi imediatamente em sua direção e indagou:

- Awaru, onde você estava e como você desapareceu entre as pedras?

Awaru ficou assustado com a pergunta e não conseguia esconder em seu rosto que ficou encabulado e sem saber o que responder.

Não era somente Tiemin que estranhava e acompanhava Awaru em suas andanças e desaparecimentos. Kuimin, amigo invejoso e traiçoeiro de Awaru, também achava estranha a mudança de atitudes de Awaru.

Kuimin sentiu que precisava descobrir. Isto poderia ser uma excelente forma de mostrar sua superioridade com relação a Awaru e, talvez, conquistar Tiemin, por quem nutria uma não correspondida paixão. Kuimin permaneceu por várias horas no local onde viu Awaru desaparecer. Sentia que havia alguma coisa de estranho no local das pedras e junto à grande árvore do Jequitibá.

Não sabia o que, mas haveria de descobrir. Sem lograr êxito, Kuimin desistiu e voltou para a aldeia com uma promessa: Na próxima vez eu vou descobrir o que está acontecendo aqui.

Na volta para a aldeia, Tiemin caminhava tranquila pela trilha quando, de repente, se viu cercada por uma onça, que a encurralou em uma árvore e preparava-se para um ataque feroz. Tiemin começou a gritar, desesperadamente:

- Socorro, socorro. Alguém me ajuda!

Awaru, no interior do tronco do Jequitibá e em seu secreto esconderijo, ouviu os gritos de Tiemin e resolveu agir imediatamente. Colocou o anel no dedo e levantou o braço com o punho fechado e gritou:

- Tupan!

Um raio forte atingiu a maloca e na fumaça surgia o espetacular Tupan - O Guerreiro-Deus.

- Tupan, que eu me transporte com poderes de fogo!

Em segundos, Tupan - o Guerreiro-Deus estava entre Tiemin e a onça, ordenando:

- Que se faça fogo ao redor de Tiemin!

Um círculo de fogo se formou em volta da onça, isolando-a, dando tempo para que Tiemin escapasse. Tiemin ficou muito contente e procurava por Tupan admirada. Tupan, olhando com carinho para Tiemin, afastou-se rapidamente. A onça, assustada, apressou-se em desaparecer na mata, levando consigo seus dois lindos filhotes.

Kuimin havia presenciado a cena em que Tupan salvou Tiemin. Em seguida, correndo em direção a ela, vinha Awaru:

- O que aconteceu? Ouvi seus gritos! Vim correndo.

Enquanto Tiemin explicava para Awaru o ocorrido, Kuimin ficava intrigado com o desaparecimento de Tupan e o aparecimento de Awaru em seguida.

Tiemin, na aldeia, contava para todos que havia sido salva da onça por Tupan, para o olhar admirado de todos os índios. Tupan! Tupan! Gritavam e comemoravam os índios, contentes e felizes por mais esta intervenção de Tupan. Eles acreditavam que Tupan era o um poderoso Deus.

Os Xavantes começavam a sentir que passariam a ter um protetor em Tupan. Todos estavam felizes, exceção de Kuimin, que alimentava um ódio cada vez maior por Awaru e por Tupan.

Os Xavantes dançavam e pulavam de alegria na aldeia, com Kuimin, ao longe, olhando com despeito.

Awaru voltou à sua lida diária na aldeia e procurava evitar o seu esconderijo. Soube que Tiemin e Kuimin o haviam seguido. Havia que preservar sua identidade e proteger o seu segredo.

Awaru procurou por Marubo para continuar seu aprendizado. Encontrou Marubo concentrado num ato de pajelança, procurando salvar a vida de um velho índio da tribo. Ele estava ao lado do velho Xavante, que agonizava. Marubo havia coberto seu corpo com folhas medicinais e a fumaça de folhas secas que queimavam exalava um cheiro agradável e relaxante. Marubo cantava cânticos evocando os deuses da floresta e antepassados da tribo, pedindo por sua ajuda para curar o velho guerreiro.

Awaru parou para admirar o trabalho de Marubo:

- Que trabalho admirável do velho e bom Marubo! Ele tem o respeito de todos os Xavantes como sacerdote e curandeiro. Ele parece poder voar e ter acesso e contato com seus aliados, seres de outras dimensões e os espíritos ancestrais.

Marubo estava em êxtase, chamando para si e incorporando os espíritos da natureza e de seus ancestrais. Entrava no universo sobrenatural. Seu cântico era de lamento, quase um choro.

O ambiente na maloca era de mistério e ansiedade. Marubo preparou uma poção secreta e mágica com plantas medicinais e partes de animais da floresta, que somente ele sabia escolher e encontrar. O velho índio guerreiro aos poucos foi dando sinal de vida e reagia bem à pajelança de Marubo.

- Marubo definitivamente tem ligações com nossos deuses e espíritos dos nossos ancestrais! Concluiu Awaru com toda admiração.

Marubo, ao ver o velho índio guerreiro levantar-se e voltar para sua casa, saiu lentamente. Parecia esgotado mentalmente. Andava como se não visse ninguém, passando por Awaru sem notá-lo. No dia seguinte, Awaru voltou a este assunto com Marubo, procurando saber mais sobre a pajelança. Marubo limitou-se a responder:

- Awaru, somente após muitos anos de experiência e prática e após conseguir o respeito de todos da aldeia você poderá ser iniciado na pajelança. Você descobrirá este novo poder como pajé que será um dia! Mas, na próxima pajelança você me acompanhará. Mas, precisará ter um espírito abençoado pelos nossos deuses e antepassados e uma mente muito forte.

Naquele dia, Awaru acompanhou seu pai na pesca do dourado, peixe muito apreciado por toda a tribo. Awaru crescia forte e mostrava-se um excelente pescador e caçador para o orgulho de seu pai.

Awaru e seu pai Isahi seguiam o rio na canoa feita de tronco de árvore, junto com outras canoas da tribo.

Kuimin procurava se esforçar para pescar mais dourados do que Awaru. Awaru, divertidamente, aceitava o desafio com Kuimin, o qual considerava como amigo e companheiro. Awaru não se apercebia que estava diante de um falso e traidor amigo.

- Segure mais este, Kuimin! Ria e brincava Awaru.

Kuimin procurava rir, mas não disfarçava o seu sentimento com relação a Awaru. Próximo a uma cachoeira, Kuimin simulou um acidente, jogando Isahi no rio. Queria ver a reação de Awaru e ver se Tupan viria em socorro de Isahi.

Awaru viu seu pai rolar rio abaixo tragado pela cachoeira sem nada poder fazer. Não daria para correr no esconderijo a tempo e chamar por Tupan. A morte de Isahi transformaria por completo a vida de Awaru

Isahi morria, assim, tragado pelas águas do rio sob o olhar de pavor de Awaru. Kuimin mostrava-se solidário com Awaru pela morte de seu pai, porém não disfarçava sua satisfação em ver o sofrimento de seu companheiro e, cinicamente, procurava confortar Awaru.

O funeral de Isahi na aldeia foi a mais triste cena que Awaru havia vivido. Seu pai era o seu ídolo. Awaru sabia que seu pai estaria morando no reino dos heróis, como era a crença entre os índios da tribo, pois era caçador e bravo guerreiro da tribo. Entretanto, sua falta seria irreparável.

O corpo fora colocado em um grande vaso de cerâmica, com os seus pertences pessoais e os índios o levaram para o interior da caverna dos mortos.

Rowe, sua mãe, falava para Awaru:

- Você agora é o caçador e guerreiro da família e deve honrar a imagem e valor de seu pai.

Awaru, triste e deprimido, limitava-se a ouvir e abraçar sua mãe. Haviam se passado várias semanas da morte de Isahi e Awaru continuava triste, isolado, permanecendo horas e horas nas margens do rio, no alto das pedras, escondido nos galhos das árvores. Não foi mais ao esconderijo. De certa forma, sentia-se culpado em não poder fazer nada por Isahi.

Em um lindo entardecer, quando Awaru acompanhava o por do sol no Rio Negro, próximo à sua aldeia, uma águia mergulhou nas águas e desapareceu bem à sua frente. No lugar do mergulho, formaram-se ondas e, em seguida, a imagem de Isahi.

- Awaru, você precisa libertar-se de sua tristeza. Eu estou bem com os meus antepassados. Posso ver a força que você tem, agora, em Tupan. Você tem que dedicar-se e proteger a todos, não apenas os nossos amigos da tribo, falou Isahi.

- Vá em busca de seu destino. Cuidado com as cobras venenosas que se disfarçam de inocentes jabutis. Cuidado ao falar quando chamar por Tupan para que os jabutis inimigos não possam descobrir o seu segredo, finalizou Isahi.

Awaru, pensativo, mas tranquilo ao ver a imagem de Isahi, afastou-se vagarosamente das margens do rio e dirigiu-se ao seu esconderijo. Lá ficou por vários dias refletindo sobre os novos rumos que deveria dar à sua vida, seguindo conselhos de Isahi.

Lembrou que poderia ter salvado Isahi se estivesse com o anel sagrado.

- Mas como levar o anel sagrado a todo lugar? Pensou Awaru, enquanto olhava atentamente para o anel.

No caminho, Awaru encontrou a pele de uma onça, morta há muito tempo. Olhando para suas grandes patas pensou:

- Já sei! Vou fazer um colar com uma destas patas e dentro vou esconder o anel sagrado!

O colar ficou perfeito. O adorno combinava bem com Awaru e ninguém desconfiaria que no interior da pata da onça estivesse escondido o anel sagrado. Awaru poderia, agora, chamar por Tupan onde quer que estivesse.

- Se eu tivesse o anel sagrado comigo eu teria salvado meu pai, pensou com tristeza.

As pedras preciosas nunca poderiam ser perdidas porque perdidos estariam os poderes nelas representados.

Awaru recolheu-se no interior do Jequitibá por vários dias para meditar e orar por seu pai quando, através da pequena abertura da árvore, viu Tiemin rodeando o local, curiosa e andando devagar. Pensou:

- Até quando vou conseguir esconder este segredo de Tiemin?

Kuimin, que seguiu Tiemin, estranhando também a ausência de Awaru, aproximou-se do local e, segurando brutaemente o braço de Tiemin, questionou:

- O que você está fazendo aqui? O que você está escondendo de mim? Você é o arrogante Awaru?

Pela primeira vez, Awaru percebeu que Kuimin não era um amigo confiável. Infelizmente não pode interceder por Tiemin.

- Tiemin é uma jovem forte e corajosa e saberá se defender, acreditou.

E, realmente, Tiemin reagiu bem com firmeza à investida de Kuimin, jogando seu braço para baixo que se afastou, resmungando:

- Vocês dois ainda vão se arrepender do que estão escondendo de mim. Vocês vão ver! Tiemin permanecia parada, assustada.

Em uma distração de Tiemin, Awaru conseguiu sair do esconderijo, simulando que estava vindo da mata.

- Você por aqui, Tiemin? O que está fazendo?

Tiemin, chorando, contou a experiência que teve com Kuimin e ambos chegaram à conclusão que deviam tomar cuidado com Kuimin. Ele não merecia mais a confiança dos dois.

- Tiemin, você é minha melhor amiga. Eu sempre vou estar ao seu lado te protegendo! Assegurou Awaru.

- Somente amiga? Eu esperava que fosse um pouco mais para ele! Pensou Tiemin com ar romântico.

Awaru, depois ficou encabulado quando, Tiemin lhe deu um abraço e os olhares se cruzaram.

Sentiu algo forte estranho. Algo que estava sentindo pela primeira vez. Ao abraçar Tiemin, o cocar de Awaru caiu em seus olhos e ele dormiu em pé, profundamente. Quando Kikiki levantou o cocar, Awaru acordou assustado:

- Pororoça, pelos dentes do Javali! Aconteceu de novo.

Awaru sentiu que precisava de aliados para poder vigiar toda a floresta e obter alarmes e informações sobre a destruição da natureza. Assim, resolveu chamar para uma reunião seus amigos mais diretos: Kurrupaco, Huhaha, Uhodó e Kikiki.

Kurrupaco era um papagaio muito falador e divertido. Gostava de brincar com todos e era muito barulhento. Animava qualquer ambiente em que se encontrava.

Huhaha era a coruja sábia e de pouca fala. Levava a vida pelo lado sério e seus conselhos eram de grande sabedoria. Falava pouco, mas com grande profundidade.

Uhodó a anta gorduchinha e vaidosa, mas muito valente e corajosa. Ficava muito zangada quando alguém falava de seus quilinhos a mais. Nestas ocasiões, mostrava quanto era valente e brava.

Kikiki era o macaco-prego esperto, alegre e muito travesso. Era o mais ágil de todos e dificilmente poderia ser visto e encontrado se quisesse esconder-se. Seria um grande aliado de Awaru e Tiemin.

Awaru, que convivia com seus amigos desde criança, deu estes nomes em virtude dos sons que eles emitem. Huhaha, a coruja, costuma gritar desta forma à noite quando caça. Kurrupaco, o papagaio, fica o tempo todo falando desta forma. Kikiki, o macaco-prego, quando vê Awaru, emite este som.

Awaru chamou por Tupan e ordenou que seus amigos Kurrupaco, Huhaha, Kikiki e Uhodó tivessem a capacidade de falar com Awaru e Tiemin.

- Meus amigos! Disse Awaru firme e convincente, em tom de campanha e tendo ao seu lado Tiemin.

- A ambição dos homens está cada vez maior e a destruição de toda a natureza está assustadora! Precisamos fazer alguma coisa urgente se queremos preservar o que ainda resta!

- Vocês precisam visitar os animais da floresta e falar do Guerreiro-Deus Tupan e o poder que ele tem para combater estes homens maus e predadores. Diga-lhes que devem passar mensagens de alerta um por um, até que cheguem a mim ou à Tiemin. Nós faremos com que estas mensagens cheguem a Tupan!

Após as palavras de Awaru, sempre incentivado pelo apoio de Tiemin, Kurrupaco, Huhaha, Uhodó e Kikiki, saíram pela mata para divulgar a boa nova. Sabiam que teriam uma longa batalha pela frente, mas valeria a pena.

- Como vamos passar as mensagens para Tupan? Perguntou Tiemin a Awaru.

Este ficou encabulado, desconversou e respondeu:

- Vocês gritem e chamem por Tupan. O grito deve ser tão alto que Awaru possa escutar!

Tiemin achou estranha esta orientação de Awaru, mas não deu maior importância. Em poucas semanas, os amigos de Awaru já tinham conseguido espalhar a notícia para uma boa parte dos animais da floresta, na base de que um falava para os outros, em uma corrente multiplicadora.

Awaru, em suas andanças pela floresta, se deparou com um tipo estranho de um velho homem branco, usando um chapéu estranho e vestindo um casaco de couro. Awaru se aproximou e constatou que o estranho homem colhia flores, frutas, larvas de insetos e raízes, colocando-as na boca. Ele tinha os olhos esbugalhados e assustados.

- O que está fazendo este homem? Por que está comendo estas coisas? Pensou Awaru curioso.

Sem incomodar o estranho visitante, Awaru preferiu afastar-se e acompanhar de longe os passos do velho homem branco nos dias seguintes. Um dia, Awaru estranhou a ausência do homem branco e aproximou-se da barraca onde ele estava acampado. Em volta, tudo estava em silêncio, o fogo apagado, um mistério pairava no ar. Algo estranho estava acontecendo.

No acampamento havia uma barraca, fogueira, objetos e coisas espalhadas pelo chão. Awaru, por uma fresta da porta, pode ver o homem deitado em uma maca, com os olhos fechados, suando muito e com a pele amarelada. Awaru logo percebeu que ele estava doente. Entrou, segurou em sua mão e pode constatar que ardia em febre.

- É a doença do mosquito. Tenho que fazer algo.

Awaru preparou um remédio feito de várias ervas da mata e deu para o homem beber. Ele havia aprendido com Marubo como combater a doença do mosquito. No dia seguinte o estranho visitante dava sinais de melhora e abria os olhos aos poucos e surpreso com a presença de Awaru:

- Who are you?.. I am George ... George Scott. I am lost ... in this jungle for many years ... since I and my friend Steve Green left Machu Picchu. We ... we were looking for the 6 precious stones magic ring ... and for the trails from Machu Picchu to the Amazon forest. My God ... I am feeling so bad!

Awaru não entendia nada do que o homem branco falava, mas tentou um contato em sua própria língua Xavante.

- Fique calmo, eu sou Awaru, da tribo Xavante. Você estava com a doença do mosquito e eu dei-lhe um remédio que aprendi com Marubo, um velho feiticeiro.

- I can't understand what you are saying! Respondia o velho homem branco.

Awaru precisava entender o que aquele homem branco estava tentando falar e resolveu recorrer a Tupan, afastando-se, temporariamente, do local.

Awaru chamou por Kurrupaco, em seguida por Tupan:

- Tupan, faça com que Kurrupaco entenda a linguagem deste homem!

Um raio forte, seguido de um estrondo se ouvi. E na fumaça surgia o espetacular Tupan - O Guerreiro-Deus, que deu o poder de poliglota a Kurrupaco.

Tendo Kurrupaco sobre seus ombros, Awaru voltou a se dirigir ao estranho, tendo como intérprete seu fiel papagaio.

E Kurrupaco perguntou ao homem da cara branca:

- Hi! May I help you?

E o pobre homem já combalido, ficou mais assustado ainda vendo um papagaio conversar com ele, mas repetiu:

- I am George Scott. I am lost in this jungle for many years, since I and my friend Steve Green left Machu Picchu. We were looking for the 6 precious stones magic ring and for the trails from Machu Picchu to the Amazon forest. My God! I am feeling so bad!

Kurrupaco cochichou no ouvido de Awaru:

- Bem, ele diz que se chama George, está perdido por muito tempo junto com um tal de Steve, desde que deixaram... não entendi o nome do lugar. Estavam procurando por um anel mágico e por trilhas deste lugar até a nossa floresta. Ele diz que está se sentindo muito mal.

- Kurrupaco, diga que eu sou Awaru, da aldeia Xavante e pergunte o que o homem branco está fazendo sozinho na floresta? Disse Awaru.

- Sir, this is Awaru, a Xavante Indian. He wants to know what are you doing in the forest alone?

Cansado, mas se recuperando, o forasteiro tentou falar com Awaru:

- I live in the United States of America. I and my friend Steve Greene left for a trip to the antique civilization of Machu Picchu.

- Machu Picchu? Confirmou Awaru.

- Yes, it is an old and wonderful Inca civilization high in Peruvian mountains. We came to check the existence of a 6 precious stone magic ring and if Machu Picchu had trails and constructions in the Amazon forest!

Awaru interrompeu a fala do velho homem branco para lhe dar mais um pouco de chá com as ervas medicinais e colocar folhas úmidas em sua testa para aliviar a febre.

E Kurrupaco foi repetindo as perguntas em inglês e traduzindo as respostas para Awaru:

- Somente achamos evidências da existência do anel mágico ... mas, não o localizamos. Havia relatos e inscrições sobre o incrível poder deste anel mágico que cortava pedras a fogo e as fazia levitar uma sobre as outras. Foi assim que as construções teriam sido possíveis. Eu e Steve partimos para descobrir as trilhas. Estávamos indo muito bem ... até que, em um ponto, ... a trilha se dividiu em duas ... eu segui por uma ... e Steve, por outra. Nunca mais nos vimos. Isto ... faz muito anos ... não sei quantos anos ... mas muitos anos devem ter se passado. Eu me perdi nesta imensa floresta e tenho vivido ... assim, me alimentando do que encontro....

Awaru lembrou-se da estranha e desconhecida pirâmide que encontrara escondida sob densa vegetação, no início de sua aventura. Lembrou-se do esqueleto humano, com restos de roupas e um chapéu estranho, muito parecido com os do velho homem branco.

Ele tinha nos braços os mesmos objetos estranhos que Awaru encontrara junto com o esqueleto.

- Awaru, veja esta foto que eu tirei com Steve em nossa partida para Machu Picchu! Disse George.

Awaru, vendo a foto de George e Steve, reconheceu o rosto de Steve. Era o mesmo rosto que tinha visto no pequeno quadrado de pele fina, que tinha no bolso do casaco de couro ao lado do esqueleto.

- George, há muitas luas atrás eu encontrei uma pirâmide e duas câmeras, construídas em pedra e escondidas por uma densa vegetação ao meio da floresta. Era uma parte da floresta estranha, com árvores gigantes, com animais que nunca tinha visto, como duas preguiças gigantes.

O velho homem branco acompanhava atentamente o relato de Awaru:

- Perto destas construções muito antigas, eu encontrei um esqueleto de um homem. Ele tinha ao seu lado um chapéu e um casaco de couro muito parecido com os seus. No bolso do casaco, tinha um pequeno quadrado com uma foto. Esta foto se parecia com o seu amigo Steve Green, porém mais jovem. Eu receio que Steve esteja morto! Tinha, também, este papel escrito.

George pegou os pertences de Steve e leu o bilhete:

'Dear George, you are in the right way regarding your theory about dinosaurs. At this place I saw enormous trees and two giant sloths. The water

that I was drinking looked too rich in minerals. It had a heavy taste. Keep going in your search. I am very ill and have a shivering sensation. My energies are exhausting. I believe that I am not going to hold out. Thank you very much my friend by this opportunity. The Destiny wanted a different end for me. God protects you. Steve.'

George acenava com a cabeça acreditando que Awaru tinha encontrado Steve e que ele já não estava mais vivo.

- Então, meu querido amigo Steve encontrou a trilha que liga Machu Picchu à floresta amazônica. Estas construções provam isto. As nossas pesquisas estavam certas! Disse George.

George baixou a cabeça em sinal de lembrança e respeito pela morte de Steve:

- Awaru! E quanto ao anel mágico? Você encontrou alguma evidência de sua existência? Vários relatos e inscritos encontrados em Machu Picchu falavam de um anel mágico com poderes de cortar as pedras e as fazer levitar umas sobre as outras.

Awaru simplesmente silenciou quanto a esta pergunta.

- Awaru, eu preciso voltar para os Estados Unidos. Você pode me ajudar?

- George, eu não posso, mas sei quem pode! Respondeu Awaru, retirando-se para a floresta por uns instantes.

Kurrapaco sentiu-se aliviado desta cansativa conversa estar chegando ao fim. Ele já não aguentava mais este trabalho de tradutor!

Awaru chamou por Tupan e ordenou:

- Tupan, faça com que esta águia se transforme em um águia gigante e leve o homem branco para o seu destino!

Voltando com a enorme águia, Awaru disse a George:

- Esta águia o levará à sua aldeia. Monte em seu dorso!

George a princípio se assustou, mas já reconhecia em Awaru poderes especiais e um amigo.

- Awaru, antes de voltar aos Estados Unidos, eu gostaria de visitar as pirâmides escondidas na selva onde se encontra os restos de Steve. Gostaria, também, de pesquisar melhor as preguiças gigantes que foram encontradas e, também, as árvores gigantes e levantar dados para a minha teoria sobre o desaparecimento dos dinossauros.

- George, assim será feito! Respondeu Awaru.

A enorme águia, levando George em direção à parte mais escondida e misteriosa da floresta amazônica, alçou vôo. George acenava, despedindo-se agradecido de Awaru.

- Adeus amigo! Quem sabe um dia nós voltaremos a nos ver!

Awaru acenava para George, satisfeito com esta boa ação que pode fazer graças à força de Tupan.

Awaru voltou à sua vida na aldeia e na floresta. Kurrupaco voou atrás de suas sementes e frutas.

Um dia, Awaru ouviu gritos desesperados:

- Destruição de árvores! Destruição de árvores! Avise Tupan, gritava Kurrupaco para Awaru.

Awaru quis saber onde estava acontecendo.

Com a ponta da asa, Kurrupaco apontou para o norte, em direção das montanhas.

- Vamos lá, eu sigo você! Disse Awaru a Kurrupaco, pedindo para ele indicar o caminho.

Enquanto Kurrupaco voava e pousava de vez em quando nos galhos, Awaru ora corria, ora nadava, ora utilizava-se de cipós para acompanhar Kurrupaco.

- Por que não nasci com asas? Perguntava-se.

- Estamos chegando? Exausto e zangado, perguntava a cada instante Awaru.

Kurrupaco acenava com a cabeça que sim em uma situação bem mais confortável do que Awaru.

- Estamos chegando? Perguntou novamente a Kurrupaco.

Kurrupaco apontava para os rochedos.

Awaru pensou até em chamar por Tupan, mas resolveu continuar. Afinal de contas, faltava somente mais um rochedo. Alto, mas apenas um.

Kurrupaco apontou para a destruição das árvores, com um ar vitorioso e de revanche.

Awaru olhou, preparava-se para transformar-se em Tupan, o Guerreiro-Deus, mas não podia acreditar no que estava vendo - um pica-pau e dois filhotes bicavam uma frondosa árvore em busca de larvas de insetos!

- Kurrupaco! Vou te depenar! Gritava Awaru.

O amigo papagaio ficou assustado e não entendia o que estava acontecendo e pensava:

- O que foi que eu fiz? Ele não pediu para denunciar os destruidores da floresta?

Awaru, concluindo que Kurrupaco estava com boa intenção, riu e completou:

- As árvores abrigam e dão alimento a muitas espécies de pássaros que cavam seus troncos para construir ninhos e alimentar-se de larvas de insetos. Eles não são inimigos. Estes mesmos pássaros retribuem este favor das árvores espalhando suas sementes pela floresta. De qualquer forma, valeu Kurrupaco!

E ameaças maiores à floresta Amazônica aconteciam. Notícias surgiam de que jagunços do conhecido Cabeça de Serra, inescrupuloso madeireiro, haviam invadido a reserva indígena para explorar e destruir a floresta.

Árvores centenárias estavam se transformando em tábuas e serragem. Vários índios haviam sido mortos.

Cabeça de Serra era um perigoso inimigo da natureza e o que mais gostava de fazer na vida era cortar árvores, quanto maiores, melhor. Ele operava uma madeireira clandestina que invadia florestas sob proteção para se apropriar ilegalmente dos troncos de árvores.

Tinha este nome porque seus cabelos loiros e encaracolados subiam pela testa em forma de serra. Além disto, levava nas costas uma moto-serra e no cinto um machado e um serrote.

Kikiki, o macaco-prego esperto e travesso, a tudo observava.

- Awaru não vai gostar nada do que está acontecendo aqui. Pensou, lançando-se nos galhos de árvores e cipós para encontrar Awaru.

- Isto é um absurdo! Estes bandidos vão pagar caro pelo que estão fazendo. Obrigado Kikiki. Vá à frente para dar-me a direção. Falou Awaru.

Procurando um lugar seguro, Awaru chamou por Tupan:

- Tupan, dai-me o poder sobre os pássaros, a mata e o vento!

Awaru que se transformou no Guerreiro-Deus Tupan, com grandes asas para voar. Imediatamente, seguiu Kikiki.

- Que toda árvore derrubada caia em cima dos destruidores da mata! Ordenou Tupan.

Os jagunços que operavam serras elétricas viam as árvores serradas caírem sobre eles.

Muitos desapareceram esmagados pelos troncos das árvores sem vida. Cabeça de Serra, apavorado, refugiou-se na sede da madeireira.

Olhando para a madeireira clandestina de Cabeça de Serra, Tupan ordenou:

- Que a força do vento destrua e leve para longe estes perversos predadores!

Uma ventania nunca vista na mata arrastou as instalações e com ela a Cabeça de Serra e seus jagunços. Nunca mais se ouviu falar do Cabeça de Serra... Por enquanto.

Um dia, Awaru descansava na rede, cansado de uma longa jornada. Em seu sono profundo, traiu-se deixando em seu dedo o anel com as seis pedras sagradas à mostra.

Kuimin, que passava pelo local, não pode deixar de observar.

- Onde Awaru achou este anel? Será que descobriu um tesouro escondido na floresta? Isto explica seus desaparecimentos e atitudes misteriosas. Pensou.

Aproximando-se, tentou tirar o anel constatou que isto seria impossível. Awaru acordaria com certeza.

- Talvez, eu consiga tirar algumas das pedras! Pensou Kuimin, pegando uma pequena faca que trazia consigo.

Assim, furtivamente retirou, sem que Awaru sentisse, a pedra água-marinha, que dava a Awaru o poder sobre as águas.

Kuimin afastou-se às pressas do local, contente com o furto da pedra e o prejuízo causado a Awaru. Sentia um ar de vingança.

- Vou vendê-la no vilarejo. Com o dinheiro comprarei presentes para Tiemin! Disse, acreditando, assim, atrair a atenção dela.

Alguns dias depois, mais um desastre se abatia sobre a floresta.

- Fogo! Fogo! A floresta está em chamas, corram todos! Gritavam os índios, assustando e acordando Awaru.

- Preciso fazer algo! Pensou Awaru, abrigando-se atrás de uma maloca.

- Tupan, quero o poder sobre a água!

Transformando-se no Guerreiro-Deus Tupan, gritou, olhando para a queimada:

- Que se faça a água e a água apague o fogo!

A chuva não se fez, para a surpresa de Tupan, que olhava indignado o fogo espalhando-se e destruindo a floresta. Naquele momento, pouco podia fazer. Ao olhar a anel, notou a falta da pedra água-marinha. Havia perdido o poder sobre as águas.

- Que aconteceu? Onde está minha pedra sagrada? Tenho que encontrá-la.

Awaru ficou muito abatido e triste ao ver parte da floresta pegar fogo e não poder fazer nada.

Dente de Ouro era um garimpeiro ambicioso e desonesto. Não poupava ninguém e não respeitava nada para conseguir seu objetivo de vida – ouro e pedras preciosas. Já tinha uma história de destruição da natureza e crimes. Ele atuava fora da lei, em áreas de garimpo não autorizadas. Mas isto não o intimidava.

Para mostrar o seu poder, mandou revestir todos os seus dentes em ouro e dava um sorriso falso para mostrá-los. Dente de Ouro era assim chamado por sua figura característica, com os seus dentes de ouro na boca, brincos de pedras preciosas, peneira de garimpo em suas mãos, pá em suas costas.

Dente de Ouro há tempo cobiçava uma área onde tinha certeza que encontraria muito ouro e pedras preciosas. Era a Serra dos Kurrupacos toda coberta de florestas, com lindos lagos, rios e cachoeiras.

Nesta serra viviam muitos animais e... Awaru!

Dente de Ouro tinha um verdadeiro exército de garimpeiros e jagunços. Eram pessoas sem medo de nada que obedeciam todas as ordens de Dente de Ouro. Estes garimpeiros podiam, em poucos dias, remover milhares de árvores e toneladas de terras. Quando ameaçados, os jagunços, fortemente armados, intervinham.

- Na próxima semana, vamos invadir aquela área e instalar mais um garimpo. Preparem as ferramentas, as barracas, quero estoque de comida e muita munição. Vamos ficar lá muito tempo. Tem muito ouro e pedras preciosas lá. Eu garanto! Ordenava Dente de Ouro aos seus capangas.

O verdadeiro exército de Dente de Ouro colocou-se em marcha. Centenas de garimpeiros e jagunços tomavam as estradas em direção à aldeia Xavante. Estavam determinados a invadi-la e iniciar a instalação do garimpo na Serra dos Kurrupacos.

O esconderijo de Awaru, no centenário Jequitibá, encontrava-se bem no meio da serra que, em alguns dias, seria tomada por Dente de Ouro. Sem desconfiar de nada, Awaru descansava no interior de seu esconderijo, divertindo-se com Kikiki e Kurrupaco.

Awaru lamentava a perda da pedra preciosa água-marinha, que lhe dava o poder sobre as águas.

Certo dia, Tiemin foi procurado por Kuimin que lhe ofereceu um presente.

- Kuimin, muito obrigado pelo presente. Mas como você arrumou dinheiro para comprar um colar tão caro assim? Perguntou Tiemin para Kuimin. Kuimin de imediato respondeu:

- Eu achei uma pedra preciosa, azul clara e com brilho especial, e a vendi ao Dente de Ouro, um garimpeiro muito conhecido no vilarejo.

Tiemin apressou-se em procurar por Awaru e contar-lhe a novidade:

- Awaru, Kuimin achou uma pedra preciosa e a vendeu ao Dente de Ouro. Onde será que ele achou esta pedra preciosa?

Awaru sabia muito bem onde Kuimin havia achado, ou melhor, furtado a pedra preciosa.

Imediatamente, procurou por Dente de Ouro, no vilarejo.

- Dente de Ouro não está! Respondeu a atendente numa barraca de compra de ouro e pedras preciosas no vilarejo dos garimpeiros.

- Aliás, você não encontrará nem Dente de Ouro, nem qualquer outro garimpeiro. Eles estão em marcha para a aldeia Xavante para instalar um novo garimpo lá. Dizem que tem muito ouro e pedras preciosas na serra, completou a atendente.

Awaru sentiu um frio na espinha de raiva e preocupação.

Ele sabia que os garimpeiros tinham coragem para tudo quando estava com determinação de instalar um novo garimpo. Eles poderão destruir a floresta e seus animais e matar muitos de seus amigos na aldeia.

Awaru chamou seus amigos Tiemin, Kikiki, Huhaha, Uhodó e Kurrupaco para uma reunião urgente próxima ao esconderijo.

- Precisamos combinar um plano de defesa. Estamos com séria ameaça à natureza e à nossa aldeia. Explicou Awaru.

- E será uma grande oportunidade para eu recuperar minha pedra sagrada. Pensou.

Awaru e todos os seus amigos colocaram-se em posições estratégicas na entrada da reserva da tribo Xavante. Huhaha no alto de uma grande paineira. Uhodó submergia no lago. Kikiki e Tiemin permaneciam juntos

próximos à trilha, enquanto Awaru afastava-se. Kurrupaco voava em círculos, para dar o alarme inicial.

A marcha de Dente de Ouro e seus garimpeiros e jagunços entrava na reserva da aldeia Xavante. Kurrupaco foi o primeiro a avistar os predadores da natureza.

- Awaru, Awaru, eles estão chegando!

Awaru mandou Kurrupaco voltar a seu posto e chamou por Tupan:

- Tupan, me dê os poderes sobre vento, fogo, ar, plantas e animais!

Ouviu-se o estrondo de um raio na mata e o Guerreiro-Deus Tupan surgiu envolto na fumaça e pleno de poderes. Isto é, quase pleno.

- Que todas as abelhas e as terríveis formigas vermelhas da serra ataquem a marcha de Dente de Ouro e seus capangas!

Milhões de abelhas e as temidas formigas vermelhas imediatamente começaram a picar as cabeças, braços e pés do maldito grupo e Dente de Ouro e seus capangas ficaram desesperados e desnorteados.

- Que um círculo de fogo isole estes bandidos e vento os jogue para bem longe daqui.

Um círculo de fogo formou-se ao redor da marcha e Dente de Ouro e seus capangas procuravam fugir das picadas das abelhas e formigas, em vão. Uma forte ventania jogou todos para bem longe, matando muitos deles. Dente de Ouro, infelizmente, conseguiu esconder-se no lago.

Dente de Ouro, com uma bolsa nas mãos cheias de pedras preciosas, escondia-se mergulhado nas águas do lago, atrás de uma moita. Para seu azar, Uhodó estava lá e, pegando sua valiosa bolsa, nadou em direção a Awaru.

Awaru, ao examinar as pedras, logo reconheceu sua pedra sagrada que brilhava intensamente no meio das outras e colocou a de volta no anel.

- Huhaha e Kurrupaco, espalhem as demais pedras na floresta, devolvendo-as à natureza. Ordenou.

Tiemin e Kikiki correram para Awaru:

- Tupan veio em nosso socorro e salvou a nossa aldeia!

Dente de Ouro retirava-se abatido, sozinho, prometendo vingança.

A tranquilidade se estabeleceu novamente na aldeia dos Xavantes.

Awaru era verdadeiramente louco por morangos silvestres e mel de abelha. Quando em suas andanças pela floresta e avistava estas delícias, Awaru perdia totalmente o juízo.

Uma tarde, Awaru viu uma enorme colméia em cima de uma árvore e exclamou:

- Pororoca, pelos dentes da piranha, quanto mel!

Awaru pediu ajuda para Kikiki e ambos decidiram subir na árvore. Subiriam até a metade, até terem um ponto de apoio para lançar uma flecha na colméia e derrubá-la no chão. Em cima, a colméia fervilhava de abelhas.

Awaru fez mira e atirou a flecha, acompanhando o seu curso em direção à Colméia. Kikiki, nos ombros de Awaru, fechava os olhos.

A flecha acertou certo o meio da colméia, porém, não caiu no chão como Awaru esperava. Mas as abelhas soldados imediatamente deram o alarme e procuraram em volta pelo agressor, que não estava muito longe.

Awaru e Kikiki tiveram que sair às pressas e receberam muitas picadas das abelhas soldados pela travessura e caíram da árvore em direção aos arbustos. As abelhas soldados retornaram à colméia.

O mel da colméia escorria pelo furo da flecha, caindo ao chão. A Awaru e Kikiki, todos picados, restou o consolo de beber algumas gotas de mel que caía da colméia no chão.

- Abelhas não gostam de Awaru. Definitivamente, não gostam!

Outro e perigoso inimigo da natureza surgiu na vida de Awaru.

Couro de Boi era um criador de boi desonesto e trapaceiro. Vivia mudando cercas de seus vizinhos à noite para aumentar suas pastagens e quando estes reclamavam, seus pistoleiros ameaçavam suas famílias. Assim, imperava a lei do silêncio. Ele ampliava os limites de seus pastos invadindo parques de

preservação. Tudo em nome de sua ambição de ter o maior rebanho do mundo.

Dizia sempre:

- 'Eu quero ser o rei do gado!'

Couro de Boi era um típico vaqueiro, barbudo, mal encarado, armado e carregava um permanente laço em suas costas.

Couro de Boi não era cruel apenas com os seus vizinhos. Ele era igualmente cruel com a natureza em suas terras. Couro de Boi devastava absolutamente tudo para colocar mais bois nos pastos. Nem a mínima reserva de área verde exigida pela lei ela cumpria.

Chegava com seus pastos até a beira dos rios, não deixando uma árvore em pé para proteger os rios da erosão.

Couro de Boi costumava dizer:

- Ecologia não dá dinheiro. Boi não come árvores. A humanidade precisa cada vez mais de carne para comer. A terra tem que ser dos meus bois!

Couro de Boi preparava-se para invadir uma extensa planície próxima à aldeia Xavante, na área demarcada e pertencente ao parque indígena. Pretendia fazer isto lançando mais de 10000 cabeças de bois.

- Quero ver quem vai conseguir impedir meus bois de pastarem naquela planície. Desafiava Couro de Boi.

Tiemin e Huhaha costumavam passear nesta planície aos finais de tarde. Era um lugar excepcionalmente belo com vastos campos verdes e floridos, onde corria um riacho da mais pura água e onde nadavam peixes raros multicoloridos.

Em uma destas tardes, Tiemin viu uma cena que a preocupou bastante. Ao longe, meio encobertos por uma nuvem de poeira, milhares de bois caminhavam em direção à planície, tendo na frente um homem mal encarado e seus pistoleiros - era Couro de Boi.

- Huhaha, precisamos avisar Awaru. Exclamou Tiemin.

Awaru pescava na beira do rio e relaxava, quando Huhaha chegou.

- Huhaha, por que esta cara de pavor?
- Awaru, Tiemin pediu para você ir urgente à planície do Sol. Parece que vamos ter problemas por lá, respondeu Huhaha.
- Que tipo de problema? Insistiu Awaru.
- Não sabemos. Milhares de bois brancos e vaqueiros a cavalo estão em marcha em direção à planície do Sol. Pareciam todos muito mal encarados! Afirmou Huhaha.

Awaru chamou por Kurrupaco e pediu para ele aproximar-se da marcha e tentar ouvir alguma conversa. Foi o que Kurrupaco fez. Ao pousar em um galho próximo aos cavaleiros da destruição, Kurrupaco pode ouvir um pistoleiro falar:

- Couro de Boi e se os índios aparecerem e criarem problemas?

Couro de Boi respondeu sem qualquer hesitação:

- É para atirar para matar! Ninguém vai me impedir de alimentar os meus bois e aumentar minha boiada, ninguém!
- Meus amigos, este tal de Couro de Boi vai ter uma lição que nunca mais vai se esquecer na vida.

Falando isto, Awaru afastou-se e chamou por Tupan:

- Tupan, que eu tenha o poder sobre as plantas e os animais!

O Guerreiro-Deus Tupan surgia após um raio e entre a fumaça.

- Capivaras transformem-se em onças e ataquem os bois! Ordenou Tupan.

Centenas de onças surgiam na planície do Sol e imediatamente avançaram contra os bois.

Os bois assustados estouraram em direção a Couro de Boi e seus pistoleiros que, apavorados, procuravam fugir. Os bois passaram por cima de muitos pistoleiros e se perdiam pela floresta, perseguidos pelas onças.

Couro de Boi, dentro de uma poça de lama e pisoteado pelos bois, esbravejava com raiva:

- Vocês vão me pagar, seus bois estúpidos. Vocês vão me pagar, suas onças fedorentas!

Ao longe, Awaru, Tiemin e seus amigos riam de toda esta confusão. E os inimigos na natureza não paravam por aí. Não demorou muito e um novo e terrível inimigo surgiu para ameaçar as florestas.

A Natureza tem muitos inimigos, mas nenhum se compara ao Taca-Fogo em termos de capacidade de destruição em massa da flora e da fauna. Taca-Fogo é um fazendeiro egoísta e ambicioso que quer lucro fácil no trato da terra. Além disto, ele não perde uma oportunidade para ampliar suas fazendas em terras protegidas e parques naturais. Sua estratégia era sempre a mesma - derrubava as árvores, tacava fogo, mudava suas cercas, se apropriava ilegalmente das terras e, finalmente, ampliava sua lavoura de soja e milho.

Taca-Fogo era uma figura com roupas de agricultor e com equipamentos de atear fogo nas mãos, fósforos e gasolina.

Taca-Fogo, a cada ciclo de cultivo da terra, ateava fogo nos campos para queimar o mato e limpar a terra para o próximo cultivo sem gastar nada e sem ter muito trabalho.

Taca-Fogo não se preocupava em nenhum momento se o fogo iniciado em sua lavoura iria expandir-se para a floresta, assustando e matando os animais. Sequer ele fazia uma proteção entre sua lavoura e a floresta, capinando uma faixa de terra nua para o fogo não se expandir.

Taca-Fogo fazia isto propositadamente. Era uma forma que via de destruir a floresta e poder expandir a sua lavoura, pensando sempre em si. Assim, destruía uma riqueza incalculável de fauna e flora, com uma biodiversidade rica, para plantar alguns pés de milho e mais. Taca-Fogo era na verdade um ignorante ao extremo.

Tiemin, Uhodó, Kikiki, Huhaha e Kurrupaco sofriam muito com esta situação e viam o habitat natural dos animais cada vez mais destruídos pelo fogo. E resolveram falar com Taca-Fogo.

Procurado por Tiemin e seus amigos, Taca-Fogo não quis saber de conversa:

- Sempre queimei o mato, meu pai queimava o mato, meu avô já queimava o mato. Sempre foi assim. Precisamos avançar nas florestas para plantar cada vez mais. A humanidade tem fome! Procurava argumentar Taca-Fogo.

- E você podem sair de minha fazenda e não precisam voltar aqui para falar desta bobagem que atear fogo no mato é ruim para mim. Eu sei o que é bom para mim! Esbravejou Taca-Fogo, para decepção de Tiemin.

Ajudado pelos seus dois capangas, Zé Fósforo e João Gasolina, Taca-Fogo dirigiu-se à floresta, para mais uma de sua ação incendiária.

- No próximo plantio, quero mais pés de milho e soja no lugar daquela floresta inútil! Ordenava aos seus capangas.

Huhaha, Kikiki, Uhodó e Kurrupaco foram para a floresta às pressas para alertar os animais sobre o perigo que estariam correndo com a presença de Taca-Fogo e seus capangas.

Huhaha e Kurrupaco voavam avisando os pássaros. Kikiki pulava de galho em galho, avisando os outros macacos e Uhodó nadava pelos rios, avisando tartarugas e os peixes.

Tiemin corria para avisar Awaru

- Eu vou dar uma lição neste famigerado Taca-Fogo. Pensava Awaru.

- Tiemin, volte para a floresta e procure atrapalhar por uns minutos a ação de Taca-Fogo e de seus capangas. Eu vou em seguida.

Assim que Tiemin retirou-se, Awaru chamou por Tupan:

- Tupan, que eu tenha o poder sobre o fogo e sobre a água!

O Guerreiro-Deus Tupan surgia após um raio e entre a fumaça.

Taca-Fogo, Zé Fósforo e João Gasolina já tinham começado o seu trabalho de destruição, para a alegria de Taca-Fogo. Tupan contra-atacava - as chamas avançavam para os incendiários e não para a floresta. A gasolina transformava-se em chafariz de água.

Taca-Fogo foi atingido pelas chamas nas calças por trás e fugia desesperadamente, acompanhado por seus atrapalhados capangas que procuravam apagar o fogo de suas calças.

Tupan, Tiemin e seus amigos, escondidos na floresta riam contentes do desespero de Taca-Fogo e seus capangas.

Tupan era chamado por Awaru o tempo todo. Os inimigos da floresta se multiplicavam e criavam outras formas de destruição, sempre movidos pela ganância e o lucro fácil.

Huhaha um dia apareceu muito assustada e triste. A árvore onde fizera o seu ninho, com três ovos, foi derrubada por mais um grande inimigo da floresta, o Kid-Carbono, um carvoeiro sem escrúpulo e que se utilizava de todos os meios para produzir carvão retirando madeiras nobres e nativas da floresta.

Huhaha seguiu o caminhão que levava sua árvore na vã tentativa de tentar salvar o seu ninho. Até que chegou a uma grande clareira, onde centenas de fornos ardiavam produzindo o carvão. Ao lado, grandes pilhas de madeira retiradas da floresta esperavam seu momento de ser transformadas em carvão.

Kid-Carbono contabilizava os seus lucros fáceis e costumava dizer:

- Com o dinheiro do carvão eu compro tudo e todos.

Assim, Kid-Carbono comprava, com seu dinheiro tão imundo como o carvão que produzia, os donos das matas e o silêncio das pessoas que poderiam impedir esta destruição.

Huhaha viu assim sua árvore, onde fizera o seu ninho com todo o carinho, ser transformada em carvão.

- Preciso avisar Awaru o mais urgente possível!

Dizendo isto, Huhaha voou à procura de Awaru e contou-lhe tudo o que viu. Awaru ficou muito preocupado. A ação de Kid-Carbono explicava, tristemente, as grandes clareiras de desmatamento existentes na floresta.

Awaru chamou por Tupan:

- Tupan, me dê os poderes sobre o fogo e a água!

Uma vez mais Tupan intervinha a favor de Awaru.

- Que a chuva apague e destrua estas centenas de fornos de carvão!

Um forte temporal concentrou-se na grande clareira onde estavam os fornos de carvão.

Os braseiros se apagavam e os fornos viraram lama, que foi levada pela enxurrada da chuva.

- Que o chão se transforme em um grande braseiro!

De repente, o solo encharcado pela chuva secou e transformou-se em um grande braseiro. Kid-Carbono e todos os seus cúmplices criminosos ficaram acuados. Teriam que fugir pisando nas brasas em fogo ou morreriam queimados.

Assim, eles experimentaram na própria pele o castigo do fogo. Seus pés ficaram tão queimados que por muito tempo não poderiam andar. Assim, aprenderam a lição.

Doravante, que teriam que descobrir uma nova forma de ganhar dinheiro.

Awaru não descansava e Tupan também não. Mas, seus inimigos também não descansavam.

Uma ocasião, Couro-de-Boi, Taca-Fogo, Kid-Carbono, Cabeça de Serra e Dente de Ouro se encontraram para uma reunião. Nesta reunião discutiram o poder de Tupan e os problemas que ele vinha causando para as ações do bando:

- Este Tupan é o maior inimigo do progresso. Ele está atrapalhando nossa grande missão de explorar as riquezas da floresta e tornar a vida de todos melhor. Precisamos fazer alguma coisa! Esbravejava Couro-de-Boi.

- Precisamos nos unir e acabar com este inimigo! Completava Taca-Fogo.

- Vamos colocar nossos melhores homens em seu encaço e acabar com ele. Ele deve ter algum ponto vulnerável! Gritava Kid-Carbono.

- Eu posso oferecer meus melhores jagunços para isto! Prometia Cabeça de Serra.

- Eu conheço muito bem os rios que dão acesso às aldeias. Vamos procurar saber quem é este Tupan e como podemos fazer para tirá-lo de nosso caminho! Esbravejou Dente de Ouro.

Enquanto estes arqui-inimigos de Tupan se articulavam, um novo e poderoso inimigo surgia furtivamente na cena. Era o até então desconhecido Jack etanol. Na verdade, Jack etanol não atuava diretamente na destruição das florestas. Nunca se tinha tido notícias que ele havia derrubado árvores para plantar seus canaviais. Mas, o perigo vinha da riqueza que acumulava com a venda do etanol.

Assim, agia furtivamente comprando terras já desmatadas por Couro-de-Boi e Taca-Fogo para ampliar seus domínios. Jack etanol vestia-se sempre muito elegante, falava bem, tinha muito prestígio e seus bolsos eram recheados de dinheiro, muito dinheiro.

Quando vendia suas terras desmatadas para Jack etanol, Couro-de-Boi e Taca-Fogo imediatamente procuravam por outras áreas para desmatar, destruindo as florestas. Assim, podiam ficar com o dinheiro pago por Jack etanol e continuar com seus pastos e lavouras, ampliando a destruição.

Assim, Jack etanol contribuía, indiretamente, para o desmatamento.

Dente de Ouro, como tinha prometido, se embrenhou com alguns de seus melhores capangas nos rios procurando informações sobre Tupan. Alguns índios ainda não tinham ouvido falar de Tupan, outros já conheciam o seu poder:

- Tupan é nosso Guerreiro-Deus. Ele foi enviado pelos nossos deuses e antepassados para nos proteger e proteger nossas florestas da destruição. Viva Tupan!

- Bobagem! Respondia Dente de Ouro.

- As florestas foram feitas para servir os homens, nos dar madeira para nossas casas, nos dar ouro e pedras preciosas, nos dar áreas para plantio. Isto é que conta! Completava Dente de Ouro.

Cabeça de Serra também estava à procura de Tupan e novas áreas para retirar madeira, quando se avistou com Kuimin:

- Índio, onde posso comprar madeira por aqui? Pago bem!

Kuimin, surpreendido pela pergunta, respondeu:

- Temos muitas árvores boas e grandes por aqui para serem cortadas. Mas, Tupã não vai permitir!

- Tupã? O que você sabe sobre este inimigo do progresso, índio? Continuou Cabeça de Serra.

- Tupã aparece todas as vezes que alguma destruição da floresta está sendo feita. Não sabemos quem é ele. Mas, eu desconfio de alguém....

- Como assim? Interessou-se Cabeça de Serra.

- Awaru! Ele anda com atitudes estranhas e sempre que Tupã aparece, ele desaparece. Quando Tupã desaparece, em seguida ele aparece. Ele está sempre perto onde Tupã está. Não é estranho?

- Hum, isto me parece estranho também! Precisamos conhecer melhor este Awaru! Completou Cabeça de Serra.

Imediatamente, Cabeça de Serra levou esta informação para Couro-de-Boi, Taca-Fogo, Kid-Carbono e Dente de Ouro. Eles tinham agora o nome de Awaru e precisavam somente de um plano para encontrar Awaru.

- Vamos montar uma armadilha para este Awaru! Sugeriu Kid-Carbono.

- O que você sugere? Indagou Couro-de-Boi.

- Vamos simular uma destruição da floresta próxima da aldeia de Awaru e posicionar nossos melhores homens armados. Se Awaru aparecer e, em seguida, aparecer Tupã, teremos a certeza de que ele realmente é Tupã. Disse Kid-Carbono.

Kikiki e Kurrupaco olhavam do alto das árvores a movimentação de muitos homens armados dirigindo-se para a aldeia Xavante. Eles não pareciam nada amistosos. Estavam armados com espingardas, facões, serras-elétricas, latas de gasolina.

Imediatamente, Kikiki e Kurrupaco foram avisar Awaru.

Awaru, com muito cuidado, pegou seu arco e flechas, sua borduna, pintou-se para melhor camuflagem na selva e foi ao encontro do grupo. Em seu

peito, escondido no colar de pata de onça, levava o seu anel com as 6 pedras mágicas.

O grupo se movimentava e Awaru acompanhava, lenta e cuidadosamente, escondido na mata. Ele estava muito preocupado. Nunca tinha visto uma movimentação deste porte se dirigindo para sua aldeia:

- Com certeza, teremos problemas. Mas, Tupan saberá como lidar com eles!

Em dado momento, o grupo de malfeitores se dividiu em várias frentes, iniciando várias destruições ao mesmo tempo. Os jagunços armados se posicionaram para atirar. Awaru ficava muito preocupado. Não conseguia acompanhar toda esta movimentação, escondido na mata.

Em dado momento, Awaru foi surpreendido por Kuimin:

- Você por aqui, Kuimin! O que está fazendo?

- Eu fiquei sabendo da ameaça destes homens estranhos de cara branca. Vim para ajudar.

Mas, na verdade, Kuimin queria confirmar a presença de Awaru e informar Cabeça de Serra e seus cúmplices.

- Cabeça de Serra, Awaru está por aqui e acompanhando toda sua movimentação. Acho que é chegada a hora de provocar uma destruição e confirmar a presença de Tupan!

- Kuimin, você é nosso aliado e será muito bem recompensado. Fique perto de Awaru e não o largue de jeito nenhum. Vamos iniciar várias destruições. Acompanhe as reações de Awaru e depois você nos informa!

Cabeça de Serra avisou os demais inimigos de Tupan e iniciaram várias frentes de destruição.

Enquanto isto, Kuimin encontrou-se novamente com Awaru:

- Awaru, acho que vamos ter problemas com estes bandidos. Eu vou ficar com você para ajudar no que for necessário. Posso?

Awaru ficou embaraçado, mas não sabia o que responder para Kuimin a não ser concordar silenciosamente com um aceno de cabeça.

Cabeça de Serra e seus jagunços começaram a cortar grandes troncos de árvores em uma parte da floresta.

Taca-Fogo e seus comparsas se aproveitaram de uma parte da mata seca e iniciaram um incêndio.

Couro-de-Boi avançou com centenas de boi em uma parte de lavoura dos Xavantes. Os bois comiam e destruíam tudo que encontravam pela frente.

Dente de Ouro aproveitava os troncos serrados para represar o rio bloqueando o fluxo de água para a aldeia. E, naturalmente, procurava encontrar suas pedras preciosas e ouro.

Kid-Carbono e seus carvoeiros davam apoio a Taca-Fogo e aproveitava para separar o carvão dos troncos queimados. Isto lhe daria boas toneladas de carvão!

Awaru ficou apavorado. Tinha que chamar por Tupan. A floresta estava sendo destruída em vários pontos. Mas, Kuimin, ao seu lado, não dava trégua. Aonde Awaru ia, Kuimin também ia.

Em uma trilha, Awaru viu uma alternativa salvadora. Uma armadilha estava armada para pegar catetos. Era um laço escondido no chão entre as folhas, amarrado em um galho de árvore retorcido e preso a uma estaca no chão. No meio do laço tinha uma haste que, quando pisada, soltaria o laço da estaca e o galho retorcido puxaria o cateto para o alto. Este é um tipo de armadilha muito comum utilizada por perversos caçadores.

Com habilidade, Awaru caminhou na trilha ao lado de Kuimin e o dirigiu para em direção ao laço.

Funcionou! Kuimin pisou na haste, o laço se soltou e o galho retorcido puxou Kuimin para o alto pelas pernas:

- Socorro Awaru, me ajude a sair daqui!
- Kuimin, fique calmo. Vou procurar um bambu para tirar você daí!

Era o tempo que Awaru precisava para chamar por Tupan:

- Tupan, me dê os poderes sobre o fogo, a água, os animais, as plantas, o vento e a terra!

Kuimin ouviu ao longe o estrondo de um raio. Envolto na fumaça, surgia Tupan.

Tupan não perdeu tempo e atacou todos os focos de destruição:

Contra Cabeça de Serra e seus jagunços ele ordenou:

- Que as árvores caídas se transformem em grandes cobras e ataquem todos!

Imediatamente, os grandes e grossos troncos se transformaram em sucuris gigantes que abraçavam e engoliam os jagunços de Cabeça de Serra.

Contra Taca-Fogo e seus comparsas ele ordenou:

Que se faça chuva e apague este incêndio. Que um ciclone leve estes bandidos para o grande rio!

Um temporal se abateu sobre a floresta em chamas, apagando o fogo. Taca-Fogo e seus comparsas foram levados pelo ciclone que os jogou no rio Amazonas. Muitos desapareceram em suas águas.

Contra Couro-de-Boi ordenou:

- Que os pés de mandioca se transformem em grandes plantas carnívoras e destruam os bois!

A lavoura de mandioca dos Xavantes começa a tomar uma outra forma. Gigantescas plantas carnívoras brotavam do chão e pegavam com suas hastes os bois e os jogavam nas grandes bolsas para digestão. Os bois, assustados, corriam para todos os lados, pisoteando Couro-de-Boi e seus peões, que saíram em desesperada fuga.

Contra Dente de Ouro ordenou:

- Que a terra se abra no represamento e a enxurrada leve Dente de Ouro e seus garimpeiros rio abaixo!

A represa feita por Dente de Ouro com os troncos caídos abriu-se de repente e a água acumulada esgotou-se em uma grande enxurrada. Dente de Ouro, segurando em um tronco, gritava por socorro. Muitos garimpeiros sumiram rio abaixo.

Contra Kid-Carbono ordenou:

- Que este carvão derreta sob os pés destes perversos carvoeiros!

As montanhas de carvão, que Kid-Carbono e seus carvoeiros haviam acumulado, se derreteram como lava vulcânica que correu na direção deles. Pulando com os pés queimados, Kid-Carbono, uma vez mais, sentia a dor do fogo, o mesmo fogo que utilizava para destruir as árvores da floresta.

Mas, Kid-Carbono, antes de abandonar o local, conseguiu apontar sua espingarda contra Tupan e disparou:

- Morra, maldito inimigo do progresso.

Tupan estava tão ocupado combatendo as várias frentes de destruição que não viu a ameaça que vinha de Kid-Carbono.

Assim, pela primeira vez, Tupan ficou ferido. O tiro disparado por Kid-Carbono atingiu duramente o braço direito de Tupan, que ficou ferido.

Tupan lembrou-se do grande Ahirakurã:

- 'Jovem guerreiro, você não terá o poder da imortalidade, da onipotência e da onipresença. O anel das 6 pedras mágicas lhe dará poderes ilimitados sobre a Natureza, mas você continuará sendo um mortal, não terá poderes irrestritos sobre tudo e sobre todos e não poderá estar em vários lugares ao mesmo tempo!'

E meditou sobre isto:

- Este tiro poderia ter sido fatal para mim!

Missão cumprida, apesar do ferimento, Tupan voltou a ser Awaru novamente. Awaru olhava o ferimento em seu braço que sangrava e doía. Lembrou-se de Kuimin amarrado no laço e correu em sua direção.

- Kuimin, alguém atirou em mim. Por isso que demorei. Vou soltá-lo. Eu preciso de sua ajuda agora!

Kuimin já estava roxo pelo longo tempo que ficou de cabeça para baixo preso à armadilha e levou algum tempo para conseguir ficar em pé. Estava tonto e mal ouvia o que Awaru lhe falava.

- Awaru, o que é isto em seu braço? Está sangrando!
- Eu fui atingido por um tiro. Algum destes bandidos atirou em mim!

Awaru e Kuimin voltaram à aldeia Awaru se enfraquecia pela perda de sangue. Precisava ser tratado com urgência.

Na aldeia, Tiemin imediatamente socorreu Awaru. Deitado em uma esteira, Awaru olhava com carinho para Tiemin, enquanto ela retirava com muito cuidado e habilidade a bala escondida no braço de Awaru:

- Mas, como foi acontecer isto Awaru?
- Eu estava na floresta quando um grupo de bandidos começou destruir a floresta em vários pontos. Eu me escondi na mata, enquanto Tupan combatia os bandidos e protegia a floresta. Mas, um tiro me acertou. Não sei quem atirou!
- Pronto, Awaru. A bala foi tirada. Vamos procurar por Marubo. Você vai precisar de um curativo urgente!

Marubo analisou os ferimentos de Awaru:

- Vou fazer um curativo de mel e folhas cicatrizantes. Agora, você vai descansar por uns dias e ficar bem quietinho aqui!

Enquanto Awaru se recuperava de seu ferimento, Kuimin encontrou-se, alguns dias depois da frustrada investida de destruição da floresta, com Cabeça de Serra. Estava presente, também, Kid-Carbono.

- Uma vez mais este maldito Tupan atrapalhou nosso trabalho! Desabafou Cabeça de Serra.
- Mas, desta vez, em consegui acertar um tiro nele! Disse Kid-Carbono.
- Como assim? Você conseguiu acertar Tupan com um tiro? Perguntou Kuimin muito entusiasmado.
- Sim, certamente que sim. Vi quando ele sentiu o tiro e retirou-se, confirmou Kid-Carbono.

Kuimin ligou o tiro em Tupan com o ferimento no braço de Awaru. Isto era um indício muito forte que Tupan e Awaru eram a mesma pessoa. E pensou:

- Tenho que averiguar isto muito bem. Mas, se eu estiver certo, Tupan está próximo do fim!

Alguns dias se passaram e Awaru estava traindo sua aldeia vendendo madeiras para Cabeça de Serra e ganhava muito dinheiro com isto.

A floresta amazônica dá alimento e proteção às tribos de índios que dependem dela.

Mas, os homens estranhos de cara branca, com o poder do dinheiro ganho de forma suja e criminoso, estão aliciando os índios e alguns deles, como Kuimin, traem sua tribo se aliando com os inimigos da natureza por conta do dinheiro que lhes é oferecido. Assim, alguns índios colaboram para a destruição da floresta.

Kuimin sentia-se mais confiante em fazer este jogo com os homens brancos pela certeza que ganhava de poder destruir Tupan através da destruição de Awaru.

- Eu serei o novo cacique, com o poder do dinheiro e o fim de Awaru. Tiemin também será minha! Imaginava Kuimin.

Um dia, Kuimin confiou a sua suspeita sobre Awaru para Couro-de-Boi, Cabeça de Serra, Dente de Ouro, Taca-Fogo e Kid-Carbono.

- É muita coincidência! No mesmo dia que Tupan levou um tiro no braço direito, Awaru apareceu com um ferimento à bala no mesmo braço! Vocês não acham? Dizia Kuimin tentando convencer todos.

- Sem dúvida! Responderam todos ao mesmo tempo.

- Mas, só há uma maneira de provar isto definitivamente. Precisamos prender e esconder Awaru e criar situações para Tupan intervir. Aí vamos todos saber a verdade! Sugeriu Kuimin.

Kuimin, que agora também se transformava em um inimigo da natureza e se aliava aos perigosos criminosos, preparava uma emboscada para Awaru. À sua espera, estaria o temido quinteto.

O plano era levar Awaru para um local onde seria aprisionado pelo quinteto de criminosos. Em seguida, várias destruições da floresta seriam deflagradas. Awaru estaria sob permanente vigilância e não poderia chamar por Tupan. Assim, a dúvida seria esclarecida:

- Se Tupan não aparecer, prova que ele é Awaru! Se aparecer, prova que todos estávamos errados! Esclarecia Kuimin.

- Eu tenho aonde aprisionar Awaru! Disse Dente de Ouro.

- Um de meus garimpos clandestinos tem um quarto bem fechado, sem janelas, com paredes grossas e porta de ferro. É lá que eu guardo o ouro e pedras preciosas encontradas. Tenho guarda 24 horas. Não há como Awaru escapar de lá!

- Eu dou um jeito de levar Awaru ao seu encontro! Comprometeu -se Kuimin.

O plano estava traçado. Kuimin convenceria Awaru a ir ao garimpo clandestino e lá ele seria preso pelos garimpeiros de Dente de Ouro.

O quinteto perverso se preparou para a emboscada a Awaru no garimpo clandestino de Dente de Ouro. Homens armados foram posicionados escondidos em vários pontos da mata. Só faltava Kuimin aparecer com Awaru.

Na aldeia Kuimin procurou por Awaru:

- Awaru, eu encontrei na floresta um garimpo e me pareceu que os garimpeiros estão lá há muito tempo. Tem até construções para guardar o ouro e as pedras preciosas. Vamos lá ver melhor isto?

- Vamos, Kuimin. Obrigado pelo seu aviso! Você é um dos meus amigos e conto sempre com você para nos ajudar a proteger a floresta destes destruidores. Vou pegar meu arco e flechas e minha borduna. Respondeu Awaru.

- Eu vou com você Awaru!

Tiemin, Kurrupaco e Kikiki olhavam de longe este encontro de Awaru com Kuimin e decidiram segui-los sem que fossem percebidos.

- Kurrupaco, Kikiki, vamos ficar de olho neste Kuimin e para onde ele está levando Awaru. Eu não confio nele! Disse Tiemin.

Ao chegarem próximo do garimpo. Awaru parou para analisar e confirmou:

- Kuimin, é sim um garimpo clandestino e um dos grandes. Olha a destruição que estes perversos garimpeiros já fizeram! As árvores que protegiam as margens do rio foram destruídas. A erosão das margens já é grande. Este é um dos problemas. A erosão leva muita terra para o rio, assoreando o leito do rio, ou seja, fazendo com que o leito do rio seja cada vez mais raso. Olha os enormes buracos que fizeram em busca de ouro e pedras preciosas. E o que é pior. Eles estão derretendo o ouro aqui mesmo. Para isto, usam mercúrio que contamina a água e mata milhares de peixes. Como podemos permitir isto?

Kuimin fingia concordar, enquanto levava Awaru em direção à emboscada dos jagunços do trágico quinteto.

Em dado momento, uma grande rede caiu sobre Awaru que procurava, desesperadamente, se livrar dela. Imediatamente, muitos jagunços seguraram Awaru e o amarraram.

- Awaru, vou procurar socorro! Disse Kuimin correndo do local e procurando despistar o seu envolvimento.

Awaru foi levado pelos jagunços e garimpeiros para o quarto do garimpo, conforme orientações de Dente de Ouro.

- Amarre este índio bem amarrado. Prenda-o no quarto do almoxarifado. A chave fica comigo! Esbravejou Dente de Ouro.

- Agora, chegou a hora da verdade! Retrucou Cabeça de Serra.

- Vamos ver quem vai salvar a floresta da destruição que vamos fazer em seguida! Falou Couro-de-Boi com entusiasmo.

- Vamos ver se Tupan vem apagar o fogo que vou fazer! Respondeu Taca-Fogo, já preparando as latas de gasolina e os fósforos.

- Isto, Taca-Fogo, em seguida eu recolho meu ouro negro, o carvão. Tenho a certeza de que, desta vez, não haverá Tupan para socorrer! Falou Kid-Carbono com ar de vingança.

Awaru foi levado para o quarto escuro e amarrado. Assustado e desorientado, ele ficou encostado na parede. A pouca claridade que entrava vinha das frestas da porta de ferro.

Ouvia muito pouco os sons que vinham de fora. Mas, ouvia os gritos de euforia e as palavras de ordem do quinteto maldito, orientando os seus jagunços para ações de destruição da floresta. Levando as mãos no pescoço, ficou aliviado de constatar que o colar com a pata de onça, que guardava o anel com as 6 pedras mágicas, não tinha sido retirado dele.

- Mas, não posso chamar por Tupan agora. Eles vão descobrir que eu, Awaru, tenho este poder!

Os jagunços do quinteto criminoso começaram vários pontos de destruição da floresta. Estavam colocando à prova Tupan.

Incêndios, derrubada das árvores, represamento de riachos, destruição de lavouras, tudo foi iniciado ao mesmo tempo. O suspense estava no ar. Alguns minutos já tinham se passado e nada de Tupan aparecer.

- Kuimin, acho que você estava certo. Awaru é Tupan. Veja! Nada de Tupan, enquanto Awaru está preso. Que coincidências, não? Gritava Cabeça de Serra, enquanto todos riam.

Tiemin, Kurrupaco e Kikiki viram de longe tudo o que tinha acontecido com Awaru.

- Precisamos salvá-lo. Aqueles homens podem matá-lo. Mas, por que será que prenderam Awaru? Ele não faz mal a ninguém? Disse Tiemin.

Tiemin conseguiu se aproximar pela parte de trás do quarto onde Awaru estava preso.

Viu que não tinha janela e não tinha como Awaru escapar de lá. Por uns instantes, os guardas que tomavam conta se distraíram para ver as destruições da floresta. Tiemin pode falar com Awaru rapidamente pela fresta da porta.

- Awaru, vamos tentar tirar você daí. Vamos pedir ajuda aos nossos amigos tatupeba!

- Faça isto Tiemin, depressa, estou sentindo o cheiro de fogo na mata e barulho de serra. Estes bandidos estão destruindo a floresta. Precisamos fazer alguma coisa!

- Kurrupaco, Kikiki, corram para a floresta e tragam o maior número de tatupebas que vocês conseguirem! Pediu Tiemin.

Kikiki e Kurrupaco saíram em disparada em direção à floresta. Após alguns minutos, eles apareceram com nada mais nada menos do que quinze tatuspebas.

Os tatuspebas começaram a cavar um túnel por detrás do quarto onde Awaru se encontrava. Trabalhavam rápido. Fazer buracos no chão é a especialidade dos tatupebas.

Mas, eles precisavam fazer um buraco bem grande para Tiemin ter acesso a Awaru dentro do quarto. Todos trabalhavam rápidos e, em poucos minutos, tinham aberto uma passagem por onde Tiemin entrou para ajudar Awaru:

- Awaru, quieto, sou eu Tiemin. Vou soltá-lo! Os nossos amigos tatupebas cavaram um túnel por onde você poderá sair!

- Tiemin, vá à frente e procure abrigo e se esconda destes bandidos. Eles são muito perigosos!

Enquanto Tiemin fazia o que Awaru havia solicitado, Awaru pensava em como agiria:

- Tenho que sair, chamar por Tupan, socorrer a floresta e voltar em fração de segundos. Tenho a certeza de que, quando Tupan aparecer, o quinteto correrá para o quarto para ver se estou preso aqui!

Se isto não ocorrer, os bandidos e Kuimin terão a certeza de que Awaru é Tupan. Assim, não teriam mais dúvidas - matar Awaru era acabar com Tupan!

Awaru saiu silenciosamente pelo túnel cavado pelos tatuspebas num canto da floresta chamou por Tupan:

- Tupan, me dê os poderes sobre a água, sobre o fogo, sobre a terra e a velocidade do raio!

O estrondo do raio chamou a atenção de Kuimin e do quinteto criminoso.

- Tupan está presente. Corram para o quarto do garimpo e vejam se Awaru está ainda preso lá! Ordenou Dente de Ouro.

Tupan, com a velocidade de um raio, combateu todos os pontos de destruição - o fogo na mata, o represamento do rio, o aproveitamento da madeira para carvão, o corte de árvores e voltou para o quarto do garimpo já como Awaru.

- Eu faço questão de abrir a porta! Disse Kuimin. Tenho a certeza de que Awaru não está mais por lá.

Kuimin apressou-se em ir ao quarto do garimpeiro que mantinha Awaru preso e rapidamente abriu a porta:

- Awaru, você! O que está fazendo aqui? Quem o prendeu? Disse Kuimin visivelmente decepcionado e, ao mesmo tempo, embaraçado.

- Kuimin, que bom que você me encontrou! Fui preso aqui pelo bando do Dente de Ouro e não sei por quê! Respondeu Awaru já se levantando para sair e abandonar o local.

Diante da situação constrangedora, Kuimin não teve outra saída senão acompanhar Awaru de volta à aldeia.

- Mas, Kuimin o que aconteceu? Tinha tanto barulho fora do quarto do garimpo, cheiro de fumaça! Indagou Awaru cinicamente.

- A floresta estava sob ataque simultâneo em vários pontos conduzidos por Dente de Ouro, Cabeça de Serra, Couro-de-Boi, Kid-Carbono e Taca-Fogo Disfarçou Kuimin.

- Mas, felizmente Tupan interviu uma vez mais em nossa defesa. Viva Tupan! Finalizou Kuimin amargando mais esta derrota para Awaru.

Tiemin estava retornando à aldeia quando presenciou uma conversa do quinteto destruidor com Kuimin:

- Índio, você nos enganou quando disse que Awaru era Tupan! Você está procurando nos agradar para ganhar dinheiro traindo sua tribo! Você é pior do que nós! Você merece morrer.

Tiemin viu Kuimin ser morto por dezenas de jagunços bandidos. Ela sabia que Kuimin não era amigo de Awaru, mas não imaginava que ele chegaria a este ponto.

De qualquer forma, sentiu pela morte de Kuimin e procurou por Awaru para contar tudo o que tinha visto e ouvido.

- Tiemin, é triste ver que índio de nossa própria tribo trai nossa gente e se junta a bandidos destruidores da floresta. Sinto por Kuimin, mas ele procurou este destino para ele! Concluiu Awaru.

A floresta passou por um longo período de calmaria. Não se tinha notícias de destruições e devastações e nem se ouvia falar dos malfeitores. Awaru voltava à sua rotina de aprendizado com Marubo.

O mito de Tupan já se espalhara por toda a Amazônia e impunha respeito.

Junto com os seus amigos Kikiki, Huhaha, Uhodó e Kurrupaco, Awaru multiplicou os seus esforços em defesa na natureza, sua fauna e sua flora. Ele criou um exército de crianças Vigilantes da Natureza, que passaram a fazer sua parte, sempre que possível e a cada oportunidade, para que as futuras gerações tenham o benéfico e a felicidade de ver o esplendor da Natureza.

E Tiemin encarregou-se de espalhar a notícia para todas as crianças que também viviam na floresta.

- Vocês devem ajudar a proteger a natureza. O Guerreiro-Deus Tupan não poderá estar em todas as partes e em todos os momentos. As crianças devem combater as ações destruidoras dos homens.

- Devem orientar, principalmente, os homens predadores que, por ignorância e fome, destroem os recursos da natureza. Isto piorará, ainda mais, a sua pobreza, finalizou Awaru.

Assim, a natureza passou a contar com uma poderosa rede de Vigilantes da Natureza e, com a certeza, poderá contar com os poderes sagrados de Tupan - o Guerreiro-Deus!

Uhodó, a anta gorducha e vaidosa, nadava pelo Rio Solimões quando, em uma de suas praias, viu um pequeno vilarejo de humildes pescadores, formado por algumas casas simples, com diversas canoas à margem do rio.

Aproximando-se cuidadosa, Uhodó viu os pescadores recolherem de uma enseada próxima ovos que as tartarugas tinham acabado de botar. Estes pescadores alimentavam suas famílias com peixes e ovos de tartarugas.

- Que pena, são milhares de tartaruguinhas que deixam de nascer! Pensou Uhodó, com tristeza.

- Tiemin, precisamos fazer alguma coisa para proteger as tartarugas. Mas, e os pobres pescadores como vão fazer com suas famílias?

Tiemin resolveu ir ao vilarejo e falar com o líder dos pescadores, seu Manoel.

- Seu Manoel, eu sou uma Vigilante da Natureza e gostaria de falar sobre como preservar as tartarugas e garantir o sustento da família. Hoje os pescadores destroem todos os ovos das tartarugas para se alimentarem. Dentro de alguns anos, vocês não terão ovos algum porque as tartarugas desaparecerão! Explicava Tiemin.

- Mas como poderemos fazer? Vivemos aqui, dependemos todos da pesca e dos ovos das tartarugas para alimentar nossos filhos. Sentimos fazer isto, mas não temos alternativas. Não ganhamos dinheiro, vivemos apenas para nos alimentar! Justificava-se o Sr. Manoel.

Tiemin deu duas alternativas:

- Vocês poderiam pegar apenas parte dos ovos ou, melhor ainda, preservar todos e criar o Parque das Tartarugas. Com o tempo, dezenas de turistas viriam visitar o local, vocês poderiam cobrar uma taxa e vender artesanato!

O Sr. Manoel resolveu tentar, juntamente com os seus amigos, a alternativa do Parque das Tartarugas.

Após um tempo, Tiemin retornou ao vilarejo e pode constatar que sua sugestão tinha dado certo. O Parque das Tartarugas era visitado por um número crescente de turistas, que movimentavam a venda de artesanato e o comércio de venda peixe-frito e suco natural. O vilarejo prosperava e todos estavam contentes com a nova qualidade de vida.

- Salvamos as tartarugas e melhoramos a vida dos pescadores. Sou uma Vigilante da Natureza! Exclamou Tiemin, feliz.

- Este maldito hábito de queimar o campo de lavoura para limpar o mato é antigo e feito muito mais por ignorância do que por maldade. Disse Tiemin.

- Temos que convocar todos os nossos Vigilantes da Natureza para um trabalho de reeducação de nossos agricultores e mostrar o quanto eles estão perdendo com isto! Completou a sábia Huhaha.

Hoje, ainda somos afortunados de poder contemplar a natureza que está presente em muitos lugares do Brasil.

Mas, como será no futuro se continuar esta destruição?

Será que as futuras gerações terão a mesma sorte que temos hoje?

Sim, se todas as crianças tiverem em seus corações a lenda de Tupan.

As crianças serão os futuros homens que atuarão no governo, na polícia ambiental, na agricultura, na pecuária, na pesca.

Enfim, se elas estiveram conscientizadas como crianças, serão adultos conscientizados também.

Marubo morreu nos braços de Awaru. Aos poucos, os Xavantes começaram a procurar pelas curas e feitiços de Awaru, que conquistava cada vez mais sua confiança. Awaru já se firmava como o novo Pajé da tribo.

Suas intervenções como Tupan ficavam cada vez mais raras.

- Tiemin, eu estou estranhando muito a ausência de Taca-Fogo, Dente de Ouro, Couro-de-Boi, Cabeça de Serra e Kid-Carbono. Será que eles se redimiram e, finalmente, entenderam que estavam destruindo a maior riqueza que temos na floresta amazônica?

- Awaru, eu acredito que sim. Tupan deu a lição e castigo que eles mereciam por várias vezes. Uma hora eles tinham que aprender e se convencer! Respondeu Tiemin.

Awaru resolveu conhecer toda a floresta amazônica e confirmar se tudo estava realmente bem. Visitaria cada rio, cada canto de mata, cada aldeia da imensa floresta. E, para isto, contaria com os poderes de Tupan:

- Tupan, me dê os poderes sobre os animais!

- Que eu ganhe grandes asas e possa voar com a velocidade da águia!

Imediatamente, Awaru se transformou em Tupan com grandes e potentes asas e poderia voar mais rápido que a águia.

Tupan lançou-se aos ares para um voo de grande altura. Conheceria, finalmente, os seus domínios na imensa floresta amazônica. Do alto, podia ver o imenso Rio Amazonas com seus grandes afluentes, a mata preservada, pássaros de todos os tipos que cortavam os ares, cachoeiras de águas puras, várias aldeias de índios com suas malocas.

Mas, quando se aproximou das terras dominadas pelos homens com cara branca, Tupan teve a maior surpresa e decepção de sua vida.

Havia destruição por toda a parte. Os inimigos da floresta, Taca-Fogo, Dente de Ouro, Couro-de-Boi, Kid-Carbono e Cabeça de Serra, haviam se multiplicado aos milhares. A destruição da floresta estava por toda a parte.

A sua querida floresta amazônica já havia perdido mais de 20% de sua área. Centenas de queimadas, derrubadas da mata, fornos de carvoarias, avanço das lavouras, avançavam e destruíam a rica floresta.

Na volta, Tiemin estava colhendo amoras na floresta, quando viu Tupan chegar. Ele sentou-se em um tronco, sozinho na mata, tirou sua máscara de onça, em ouro puro e, pela primeira vez, Tupan chorou. Chorou desorientado, triste e deprimido.

Tiemin assistia assustada esta cena de Tupan. Quando Tupan tirou a máscara, ela reconheceu Awaru, apesar de aparentar um pouco mais de idade e um porte físico mais forte.

- Este era o segredo de Awaru. Ele e Tupan são a mesma pessoa!

Tiemin aproximou-se de Tupan silenciosa e calmamente, enquanto ele enxugava as lágrimas de seu rosto.

Ao ver Tiemin, ao invés de se surpreender, Tupan veio em sua direção e chorou em seu ombro amigo, como se fosse uma criança, desabafando:

- Eu não tenho o poder da onipresença, da onipotência e da imortalidade. Mas, os inimigos da floresta parecem que têm estes poderes. Eles estão por toda a parte, se multiplicaram aos milhares. Eles estão

ganhando esta luta. Estou me sentindo impotente e vencido. Não sei o que fazer. Se ao menos Ahirakurã pudesse me ouvir!

Tiemin o abraçava com carinho, procurando dar amparo aquele semideus que reconhecia sua fraqueza em combater tantos inimigos da floresta ao mesmo tempo.

Mas, quando se recuperou de seu desespero, Tupan olhou para Tiemin profundamente, colocou a máscara novamente e desapareceu, sem falar mais nada.

Tiemin compreendeu que ele não queria ou não podia revelar o seu segredo. E ela prometeu para si mesma que este segredo morreria com ela.

Tupan continuava muito deprimido e frustrado. Sentia-se fracassado na missão confiada por Ahirakurã. Pensava em algo que pudesse fazer dentro de seus poderes. Sabia que não poderia estar em todos os lugares de destruição ao mesmo tempo. A Amazônia estava sendo destruída impiedosa e rapidamente.

Já como Awaru novamente, pensou:

- Neste ritmo de destruição, em 50 anos não haverá mais a floresta!

Lembrou-se das palavras de Ahirakurã:

- ‘Mas, isto lhe trará uma grande missão. Proteger toda a Amazônia da destruição imposta pelos homens gananciosos e sem escrúpulos, que tudo fazem para ganhar dinheiro. Estes homens estão trocando uma riqueza infinitamente maior por uma menor. Mas, ignoram isto. Não se preocupam com a destruição das florestas, ignoram o mal que isto faz para os outros homens e para as futuras gerações. Se você falhar em sua missão e a Amazônia for destruída, isto será o início do fim vida na Terra. E será um fim muito triste e doloroso para toda a humanidade. Nós escondemos aqui as riquezas do ouro e das pedras preciosas para mostrar aos homens que a verdadeira riqueza está lá fora, na Natureza’.

- ‘A Amazônia é um presente especial dos deuses. Através dela a humanidade respira, sua flora poderá dar remédios a muitas enfermidades, sua fauna é de uma riqueza e beleza sem igual. Ela manterá a temperatura para que os homens possam viver e purificará o ar para que possam respirar. Mas, muitos homens estão invertendo estes valores e destruindo a Amazônia e optando por destruir a vida’.

Awaru pensava em uma forma de combater e punir todos aqueles que, por ação ou por omissão, promovem a destruição da floresta.

- Eu não posso estar presente em todos os lugares de destruição ao mesmo tempo. Mas, posso, com o poder de Tupan, criar os mandamentos da Natureza. Estes mandamentos prevalecerão em todos os lugares ao mesmo tempo. Eles punirão todos que promovem a devastação desta grande riqueza. Eles punirão todos, quer por ação efetiva ou quer por omissão de não agirem contra os criminosos, que provocam a destruição da floresta.

Num ímpeto de revolta e de ira, Awaru chamou por Tupan:

- Tupan, me dê o máximo de poderes sobre a água, o vento, os animais, as plantas, a água e o fogo!

Um dos mais fortes raios que anunciavam a chegada de Tupan se fez ouvir.

Com um grito que ecoava por toda a floresta, Tupan falou:

EU ORDENO OS SEGUINTEs 12 MANDAMENTOS DA NATUREZA!

QUE ELES PUNAM TODOS OS TACAS-FOGOS, CABEÇAS-DE-SERRA, COUROS-DE-BOI, KIDS-CARBONOS, DENTES-DE-OURO E JACKS-ETANOL, CRIMINOSOS E GANANSIOSOS!

QUE ADVIRTAM TODOS AQUELES QUE, POR OMISSÃO E INDIFERENÇA, COLABORAM COM A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS POR NÃO COMBATEREM SEUS INIMIGOS!

I - NÃO JOGARÁS LIXO NA NATUREZA, SENÃO SERÁS CONDENADO A BEBER A ÁGUA DE FONTES CONTAMINADAS!

II - NÃO DESTRUIRÁS AS ÁRVORES, SENÃO SERÁS CONDENADO A RESPIRAR UM AR COM MENOS OXIGÊNIO, TERÁS MENOS FLORES E FRUTOS, PROVARÁS DA SECA, DA EROSÃO DAS MARGENS DOS RIOS E VIVERÁS SOB INUNDAÇÕES E AR POLUÍDO!

III - NÃO DESTRUIRÁS A MATA E A VEGETAÇÃO NATURAIS PARA FAZER SUAS LAVOURAS, SENÃO SERÁS CONDENADO A SOFRER COM A INVASÃO DOS INSETOS E

PRAGAS POR TERES ELIMINADO OS SEUS PREDADORES NATURAIS!

IV - NÃO DESTRUIRÁS AS FLORES E PLANTAS, AS AVES E OS ANIMAIS SILVESTRES, SENÃO SERÁS CONDENADO A UMA VIDA TRISTE E DESOLADA, SEM OS ENCANTAMENTOS OFERECIDOS PELA FLORESTA!

V - NÃO DESTRUIRÁS AS FLORESTAS, SENÃO SERÁS CONDENADO A CAMINHAR SOB SOL ABRASADOR, SEM O AMPARO DA SOMBRA E FRESCOR DAS ÁRVORES E SEM O ALÍVIO DA ÁGUA PURA DAS FONTES!

VI - NÃO TRAFICARÁS ANIMAIS SILVESTRES, SENÃO ESTARÁS CONDENADO A UMA VIDA DE MEDO E FRUSTRAÇÃO E TERÁS UM DESTINO INCERTO E INFELIZ COM A EXTINÇÃO DESTES ANIMAIS SILVESTRES.

VII - NÃO DESTRUIRÁS OS ECOSSISTEMAS, SENÃO SERÁS CONDENADO A UM AMBIENTE ONDE PREVALECERÃO AS DOENÇAS MORTAIS E PROLIFERAÇÃO DE INSETOS NOCIVOS.

VIII - NÃO EDUCARÁS SEU FILHO PARA A CAÇA, A POLUIÇÃO E A DESTRUIÇÃO DA NATUREZA, SENÃO SERÁS CONDENADO A QUE ELE PRÓPRIO SE VOLTE CONTRA VOCÊ COMO UMA CRIANÇA DESPROVIDA DE CARÁTER, CIDADANIA E AMOR Á NATUREZA.

IX - NÃO POLUIRÁS, DESMATARÁS, INCENDIARÁS AS FLORESTAS, SENÃO SERÁS CONDENADO A SOFRER O EFEITO ESTUFA DO PLANETA, AMARGANDO A ELEVAÇÃO DA TEMPERATURA, CHUVAS E INUNDAÇÕES, O DERRETIMENTO DAS GELEIRAS E CALOTAS POLARES, A ELEVAÇÃO DO NÍVEL DOS MARES, A FORMAÇÃO DE VIOLENTOS TORNADOS, A DESERTIFICAÇÃO, TORNANDO SUA VIDA UM INFERNO.

X - NÃO MALTRARÁS OS ANIMAIS, SENÃO SERÁS CONDENADO A VIVER UMA SOCIEDADE HUMANA VIOLENTA E ESTA VIOLÊNCIA SE VOLTARÁ CONTRA VOCÊ MESMO.

XI - NÃO ESGOTARÁS OS RECURSOS NATURAIS PELO CONSUMO E MATERIALISMO SEM LIMITE, SENÃO SERÁS

CONDENADO A UMA VIDA DE PRIVAÇÕES E POBREZA E DAS GUERRAS QUE OCORRERÃO PELA DISPUTA DOS RECURSOS ESCASSOS.

XII - NÃO DEIXARÁS DE APRENDER COM ESTES CASTIGOS, SENÃO SERÁS CONDENADO AO SUICÍDIO COLETIVO, ENCERRANDO O CICLO DE EXISTÊNCIA DA RAÇA HUMANA NO PLANETA TERRA E QUE UM NOVO CICLO RECOMECE SEM A SUA PRESENÇA.

Esgotado pelo esforço, Tupan foi descansar à sombra das árvores em sua querida floresta amazônica.

Dava como cumprida, uma de suas maiores missões.

Em seu pensamento, repousava uma última frase:

O QUE A TERRA SOFRER, ASSIM SOFRERÃO OS FILHOS DA TERRA!

FIM